Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Maio 1979
Sábado
12

ANO 59.º
N.º 19 953
10$00

EANES PODE VETAR A AMNISTIA, MAS...

Deputados terão a última palavra

A lei da amnistia para os militares, designadamente para os que foram apontados como tendo estado envolvidos nos acontecimentos do 11 de Março e do 25 de Novembro, foi considerada constitucional pela Comissão Constitucional, devendo ser agora examinada na reunião de segunda-feira do Conselho da Revolução.

Segundo algumas fontes a decisão da Comissão Constitucional foi obtida por grande maioria, tendo-se registado seis votos a favor e dois contra. Teriam votado pela constitucionalidade daquela lei os vogais conselheiros José António Fernandes, desembargadores Costa Aroso e Amâncio Ferreira, o prof. Jorge Miranda e o dr. Luís Nunes de Almeida, além do tenente-coronel Melo Antunes, presidente da Comissão.

No caso da lei ser agora considerada constitucional pela maioria do Conselho da Revolução o Presidente da República poderá não a promulgar usando o «veto político». Nesta eventualidade, se a Assembleia da República voltar a aprová-la, para o que basta a maioria simples, o Presidente não poderá recusar a sua promulgação.

As chamadas «fontes bem informadas» que costumam anunciar o pensamento e as decisões do Presidente antes deste as tomar, já informaram que Ramalho Eanes vai exercer o seu direito de veto político. Para outros, porém, não é provável que Eanes tome esta atitude, para não dar lugar a um confronto com os deputados. Assim, segundo estes observadores, Eanes poderá promulgara a lei e posteriormente dotá-la de um «apoio administrativo» para «manter a disciplina nas Forças Armadas». Em termos mais exactos isto significaria promulgar a lei mas subvertê-la logo de seguida na sua letra e no seu

Continua na pág. 2

CONTRA DESPEDIMENTOS E REPRESSÃO

- **Sorefame paralisa segunda-feira**
- **Trabalhadores das empresas atingidas reúnem hoje na Mague**

Pág. 11

GOVERNO DELIBERADAMENTE AUSENTE

Sindicatos discutem higiene e segurança no trabalho

Começou esta manhã na Faculdade de Letras de Lisboa o I Seminário Sindical sobre Higiene e Segurança no Trabalho, uma iniciativa da CGTP a âmbito nacional.

O relatório apresentado por um dos elementos do secretariado da Inter evoca o «momento particularmente crítico da vida política portuguesa» em que decorre o seminário, no qual está representada a OIT e onde é notória a ausência de organismos convidados, entre eles o MAP e o MAS, as Finanças e Plano.

As ausências não impedem que seja concretizado o objectivo principal da reunião. Metalúrgicos, químicos, construção civil, têxteis, entre outras actividades, estão representadas pelas respectivas Federações.

A reunião destina-se a «aprofundar as questões re-

Continua na pág. 2

Esta manhã na Faculdade de Letras de Lisboa

LOPES CARDOSO

«A Reforma Agrária não pode fracassar. Caso contrário, pouco restaria da Revolução».

ANTÓNIO BARRETO

«Não me arrependo de maneira nenhuma da minha lei sobre a Reforma Agrária»

Hoje em Carta da Holanda
Pág. 3

PROFESSORES DO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO

Colocações hoje publicadas

A lista das colocações dos professores dos ensinos Primário e Secundário é hoje publicada no «Diário da República», em suplemento à segunda série, em cumprimento do que estabelece a portaria n.º 26/79, de 18 de Janeiro.

Da lista, que resulta do concurso para professores efectivos promovido pela Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário, constam também as colocações para «além do quadro».

ESTA MANHÃ NO CAIS DO SODRÉ

Criança morta ao descavilhar granada perdida

Pág. 24

PREPARANDO INICIATIVAS SINDICAIS

Médicos reunidos na Junqueira

Com cerca de seiscentas presenças iniciaram-se, ao princípio da tarde de hoje, no Instituto de Higiene e Medicina Tropical, à Junqueira, as Primeiras Jornadas Médico-Sindicais da Região Sul, que na perspectiva dos seus organizadores, «pretendem reunir, para um debate democrático, todos os médicos que, enquanto trabalhadores por conta de outrem (organismo, instituição ou o próprio Estado), tomaram consciência de que os problemas laborais só podem ser correctamente equacionados e resolvidos através de uma organização sindical. Como se sabe a Ordem dos Médicos não tem, por imperativo constitucional, funções sindicais.

As jornadas, que se prolongarão até amanhã à tarde, integram, para além de plenários de abertura e de emcerramento, quatro mesas-redondas, subordinadas aos seguintes temas: Mesa 1, Carreiras Médicas, Saúde Pública, Trabalho Hospitalar e Serviços Médico-Sociais; Mesa 2, Organização Sindical dos Médicos; Mesa 3, Policlínicos; e Mesa 4, Problemas Laborais dos Médicos num Serviço Nacional de Saúde e Previdência dos Médicos.

Para além da participação efectiva de seiscentos médicos, já deram, até ao momento, o seu apoio à iniciativa, cerca de duzentas personalidades ligadas à carreira.

CONCURSO DL

HOJE 3.º CUPÃO

No Caderno Especial referente a 1953, além da visita do Presidente da República, general Craveiro Lopes a Londres e de uma entrevista com o grande escritor francês Albert Camus, o leitor encontrará, em imagens e textos reproduzidos, uma informação sobre as Eleições Legislativas. Na segunda página do Caderno Especial: «A última declaração dos candidatos a deputados por Lisboa».

Hoje, para os mais pequenos

CGTP promove seminário sobre Higiene e Segurança nos locais de trabalho

Continuação da pág. 1

lacionadas com acidentes de trabalho e doenças profissionais que, em Portugal – sublinhe-se – vitimam anualmente 800 mil trabalhadores. O Congresso abordará também as perspectivas do movimento sindical unitário quanto à higiene, segurança e prevenção.

O seminário a decorrer na Faculdade de Letras é «o culminar da primeira etapa de um trabalho intensivo feito junto das Uniões, Federações, Sindicatos e empresas», trabalho esse dirigido «fundamentalmente ao esclarecimento, sensibilização e organização dos trabalhadores».

A CGTP-IN fez recordar que, «só para dar uma ideia do que tem sido o seu trabalho no sector foram levadas à prática centenas de reuniões sindicais e de empresas; intensificou-se a acção de esclarecimento através dos órgãos de informação sindical e até ao nível da comunicação social em geral, «a qual não deu a devida cobertura face ao interesse e importância das questões levantadas». (Quem merecer o barrete, que o enfie – põe o repórter entre parêntesis, pensando nas ausências das rádios e da televisão).

No entanto, embora a CGTP pretendesse que «esta realização tivesse um carácter de massas diferente, factores diversos de conjuntura política nacional» levaram aquela Central de trabalhadores a optar pela realização, apenas, de um seminário. Só que a adesão, interesse e participação de dirigentes, trabalhadores em geral e quadros técnicos «é prova concludente da necessidade de discussão que as questões de higiene e segurança no trabalho têm para os trabalhadores portugueses e para a economia do País».

Acrescentou, no relatório prévio, o representante da CGTP-IN: «A discussão e as conclusões que daqui sairão, vão servir, estamos certos disso, de instrumento orientador para todo o trabalho que se irá desenvolver com vista à sensibilização, formação e organização dos trabalhadores e suas organizações de classe».

À FRENTE DA EUROPA...

Estamos à frente da Europa em número de acidentes e doenças profissionais. Comparando com a França, por exemplo, verifica-se que, enquanto a França, por cada cem trabalhadores, nove têm um acidente ou doença profissional por ano, em Portugal essa relação sobe a 23 por cento.

Conforme se lê no texto sobre «prevenção e técnica médica» esta situação não acontece por acaso nem por fatalidade. «Acontece porque a grande maioria dos locais de trabalho não oferece as mais elementares condições».

Venda de "O Século"

Uma das propostas apresentadas para a venda de «O Século», que durante um mês esteve em leilão, pertence, de facto, a Jorge de Brito, seu antigo proprietário, que para o efeito se encontra em Lisboa, como o «DL» noticiou anteontem.

A outra proposta, aparentemente com grandes hipóteses formais de superar a de Jorge de Brito e implicar a compra da ex-SNT, é de um grupo que o advogado Furtado Coelho afirma representar.

A proposta de Jorge de Brito deu entrada na antiga Sociedade Nacional de Tipografia poucos minutos antes de expirado o prazo, segundo os termos legais definidos pelo plenário ministerial, e sem lacre. O portador foi para o efeito advertido e terá ripostado que se a questão era do lacre procederia ao lacramento. Não o fez e o lacre que a proposta-não-levava-e-devia-levar está para aí a dar que falar um ver se te avias. Entretanto trabalhadores de «O Séc continuam sem receber, com vários meses de salários em atraso, sem embolsar férias do ano passado, 13.º mês também de 78, bem como outras remunerações que lhes são devidas e cujo facturamento vem sendo repetidamente adiado, provocando fome em muitos lares.

Mas, voltando ao lacre, há que dizer que a proposta de Jorge de Brito, apresentada por um seu representante em Lisboa, foi recebida condicionalmente pelos responsáveis da operação «venda de O Século», ficando agora por saber o que é que os juristas vão dizer: se a proposta é ou não válida face ao lacre que ela não levava, isto é, se aquele é essencial para o assunto. Talvez por isso (pelo lacre que a carta não tinha) a proposta seria pouco depois conhecida em determinados locais da capital, designadamente nos meios jornalístico-empresariais e financeiros.

• Publicamos hoje o terceiro cupão da 2.ª série, referente a 1953 e que tem o n.º 3. O leitor deve recortá-lo e, com os novos 29 cupões mais o boletim de identificação ficará com uma colecção completa.

• Esta 2.ª série, também terá 30 cupões, igualmente numerados de 1 a 30 e com os quais pode completar a sua colecção da 1.ª série no caso de ainda lhe faltar algum número. Com efeito, muito embora a miniatura dos jornais seja diferente, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries. Em resumo, fazemos o possível para não complicar a vida ao leitor!

• Poderá, assim, completar duas colecções **e ficar com** o dobro de possibilidades **no sorteio final, além de que beneficiará da leitura de um jornal que precisa do apoio dos seus leitores, e de 30 cadernos especiais com textos e imagens de um tempo já próximo – 1951 a 1979 – que serão publicados no decurso da 2.ª série.**

• O leitor tem tempo (pelo menos mais de um mês, e meio) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e obrigatoriamente pelo correio. **O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual, e remeta para DL/CONCURSO – Rua Luz Soriano, 44 – 1200 LISBOA**

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Amnistia no CR

Continuação da pág. 1

espírito através de medidas administrativas. Não é de prever que Ramalho Eanes siga as sugestões desses conselheiros especialistas nos métodos do passado.

Qualquer que seja o desfecho final esta lei servirá como teste importante para se concluir até que ponto vivemos num Estado de Direito e em que medida são acatadas pela hierarquia militaras decisões maioritárias da Assembleia da República.

O PS e o PCP sugeriram já nomes de militantes seus para substituirem Isabel Magalhães Colaço, que recentemente pediu a sua exoneração da Comissão Constitucional. O PS propôs Jorge Campinos, enquanto o PCP apresenta dois nomes: Vital Moreira e Gomes Canotilho.

Entretanto, segundo referem algumas fontes, o afastamento voluntário de Isabel Colaço da Comissão Constitucional nada terá a ver com a lei da amnistia em cuja votação ela não participou.

Pequenos votantes disputam "prudência"...

Os quarenta finalistas ao Concurso Juventude e Segurança Rodoviária (fase nacional), organizado pela Prevenção Rodoviária Internacional, iniciaram esta manhã as suas provas na Cruz Quebrada e no Estádio Universitário. O vencedor receberá o prémio no decorrer de uma cerimónia a realizar, hoje à noite, no Hotel Penta, devendo, entretanto, concorrer, em Madrid, de 22 a 26 de Maio, à final internacional.

Outro troféu em jogo: a «Taça Escolar», disputada por equipas de vários estabelecimentos de ensino de todo o País, numa organização da Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP) e do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis).

PORTO

Recluso tentou evadir-se da PJ

PORTO, 12 – Um recluso tentou há dias evadir-se das prisões da Polícia Judiciária do Porto, só não o conseguindo porque um guarda prisional deu pela sua falta na cela e foi ainda a tempo de contrariar as suas intenções.

O facto ocorreu ao princípio da noite do último domingo, tendo o recluso serrado as grades da sua cela, de onde saiu utilizando um lençol que lhe permitiu atingir uma via de saída.

Antes de alcançar a rua, todavia, o recluso foi apanhado.

PCP prepara IX Congresso

PORTO, 12 – Segundo um comunicado da DORN do PCP, realizam-se, neste fim-de-semana, cerca de 80 assembleias em todos os distritos do Norte, para discussão das teses para o IX Congresso daquele partido. Desde o dia em que o projecto foi posto à discussão, 26 de Abril, já se efectuaram cerca de 120 reuniões e 20 assembleias, no Norte. Informa ainda a DORN do PCP que «as reuniões e assembleias têm decorrido com elevada participação e interesse, procurando os militantes comunistas contribuir de forma criadora para o apuramento do conteúdo e da forma das teses».

COMUNICAÇÃO SOCIAL

RDP: BALANÇO DE TRÊS MESES

CI dá conta da sua actividade e do comportamento da administração

O relatório trimestral da actividade do Conselho de Informação para a RDP, relativo ao período compreendido entre 1 de Janeiro e 31 de Março, do ano corrente, salienta em dois dos seus quinze pontos os requerimentos feitos ao Governo para que lhe seja dado conhecimento urgente do estudo de audiência e opinião em que se baseou para concluir da quebra de audição dos mais importantes canais da Radiodifusão Portuguesa e se mantém a proposta de Lei da Rádio do anterior Governo.

Caso essa resposta seja afirmativa, reclama o CI para a RDP que o Executivo remeta a proposta para o Conselho de Informação e, se negativa, que lhe dê conhecimento daquela que, no respeito pelo texto constitucional e em cumprimento de compromissos assumidos por anteriores Governos, não deixará de apresentar à AR.

O relatório considera ilegal a nomeação e a tomada de posse da CA para a RDP nos termos da lei 78/77 e alerta, noutro ponto, a AR e a opinião pública, também face àquela legislação, para a actuação do Governo que a desrespeita, no que concerne à criação dos Conselhos de Informação. Afirma não poder ter lugar, nestas condições, quaisquer actos de fiscalização ou de emissão de juízos de valor do Executivo face ao comportamento do CI, e considera um «acto de discriminação política» a exoneração de Igrejas Caeiro, que «se processou de forma inconstitucional».

Ainda entre Janeiro e Março aquele órgão ouviu a CT da RDP, o realizador José Manuel Nunes (nosso companheiro de Redacção), o representante de 17 sindicatos, que manifestaram as «suas preocupações perante a po[illegible] do MCS, e o ministro da r[illegible]va pasta, Proença de C[illegible]o, sobre política do Governo para a Comunicação Social, para a RDP/EP, estatuto provisório e reestruturação, enquanto diversas comissões de inquérito pluripartidárias funcionaram relativamente à demissão de Igrejas Caeiro, suspensão do «Contraponto» do trabalhador Hélder Fernando, e o «caso» da RDP/Madeira Gualdino Fernandes, despedimento cujas hipóteses de se tratar de um acto de «carácter político» não estão afastadas.

A aprovação do relatório da comissão de inquérito constituída para analisar a exoneração daquele deputado do PS, uma recomendação para que a CA da RDP/EP oriente a sua programação no sentido de divulgar iniciativas relacionadas com o Ano Internacional da Criança, e uma proposta feita ao titular da Comunicação Social para a abertura de um inquérito e subsequente processo disciplinar à comissão administrativa por desrespeito desta ao CI, foram outras resoluções tomadas por aquele órgão de par com a denúncia feita ao Parlamento da gravidade, inconstitucionalidade e ilegalidade da situação na empresa.

O CI numa outra das suas várias atitudes e decisões recomendou à CA a anulação da ordem que determinou a suspensão do «Contraponto», medida que considerou «repressiva e sem justificação», e comunicou à AR e ao Governo a urgência que há em que a Lei da Rádio e a regulamentação dos tempos de antena e direito de resposta sejam publicados.

Além da discussão e aprovação do relatório trimestral relativo ao período compreendido entre Janeiro e Março, deste ano, o Conselho de Informação para a RDP/EP iniciou a discussão da proposta de regulamento para a eleição dos dois membros para o Conselho de Administração da empresa, na sua reunião de ontem.

O relatório foi aprovado por unanimidade, enquanto a proposta deverá continuar a ser discutida. e em princípio votada, na próxima sessão daquele órgão quarta-feira.

"O Comércio do Porto": CI ouviu direcção e CR

O Conselho de Informação para a Imprensa, que ontem ouviu em S. Bento o director e subdirector de «O Comércio do Porto», respectivamente Orlando Romano e Joaquim Queirós, bem como o Conselho de Redacção daquele matutino portuense, terá idêntica reunião com os mesmos órgãos do «Jornal de Notícias» na manhã de quinta-feira.

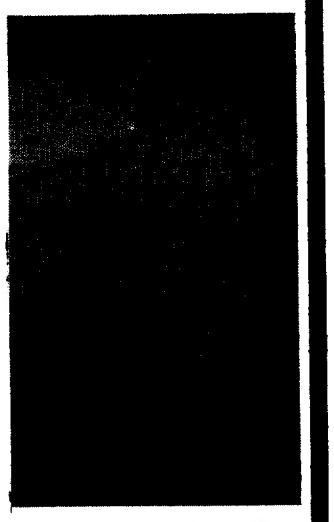
A direcção e o conselho de redacção de «O Comércio do Porto» expressaram ao Conselho de Imprensa os seus pontos de vista sobre a orientação seguida por aquele diário estatizado do Porto, assunto que também será abordado n[illegible] reunião entre o CI e [illegible] do «JN». A sessão terá [illegible]pação, como e de lei, do Conselho de Redacção do maior matutino da capital nortenha.

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

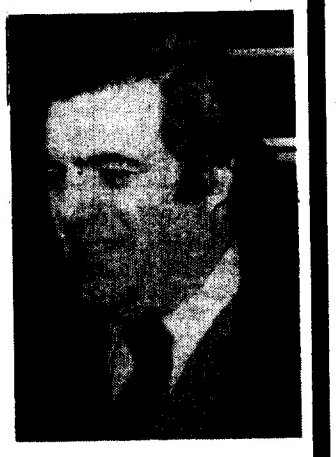
Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ponto a ponto

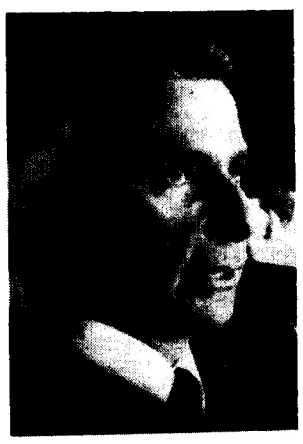
Deve realizar-se muito em breve em Moçambique o julgamento de Armando Amílcar Ultz Monteiro, reformado da Shell e administrador residente da Cometal-Mometal, que tem estado detido na Machava desde Fevereiro de 78. Este cidadão português arrisca a pena capital, e círculos políticos portugueses estão já a anunciar que as relações luso-moçambicanas estão de novo ameaçadas.



A composição dos novos Conselhos de Gestão da Banca portuguesa, e de diversas outras empresas públicas, poderá ser divulgada no próximo dia 22. Como se sabe, o gabinete de Mota Pinto prorrogou recentemente por 30 dias as nomeações, com vista a dispor de mais tempo para proceder a «reajustamentos individuais».



É já na terça-feira que se constituem em Associação Social Democrata os deputados recentemente saídos do PSD, e que estão a adquirir alguma notoriedade por procurarem um acordo, talvez «de incidência governativa», com as cúpulas do PS. Da comissão organizadora da Associação fazem parte Sousa Franco e Mário Pinto. Sérvulo Correia e Magalhães Mota estão encarregados de assegurar o contacto com o «quase» grupo parlamentar.



O Sheraton de Lisboa alberga, na próxima semana, um colóquio seguido de debate sobre a revisão da Constituição, destinado às «bases do PSD» da capital. Mesa: Sá Carneiro, Jaime Gama, Medeiros Ferreira, Gonçalo Ribeiro Teles, Manuel de Lucena... O debate, em princípio, decorrerá à porta fechada. Os organizadores estão a tentar convidar Lucas Pires.

Galvão de Melo está a perder aos pontos, no que toca às próximas presidenciais, em favor do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, Franco Nogueira: 7500 assinaturas vão ser enviadas a este dignitário do «antigo regime», actualmente residente em Londres, a pedir-lhe que aceite «a candidatura da restauração».

CARTA DA HOLANDA

A imagem cinzenta do País de Abril

AUGUSTO RENTES FLORÊNCIO

O primeiro lustro da «Anjer-revolutie», a revolução dos cravos, expressão com que aqui se tornou habitual designar o processo desencadeado pelo MFA, foi assinalado, este ano, pelos meios da comunicação social holandeses, no tom carinhoso, algo nostálgico, com que se evocam esperanças largamente frustradas.

A pantalha colorida dos televisores que, durante vinte minutos, desvendou retalhos de sol – tão arredio do pólder monótono! – sobre música, já familiar, de Carlos Paredes não serviu para ninguém de «manto diáfano» sobre a imagem cinzenta do «País de Abril»...

GADO MORRE À MÍNGUA DE ÁGUA

A Imprensa, em geral, sublinhou crítica o abismo que parece separar cada vez mais a cidade do campo, Lisboa do País real. Esta situação, a agravar-se, poderia perder irremediavelmente as conquistas de Abril que ainda restam.

Embora desconhecendo talvez a História de Portugal, cujas lições só viriam esclarecer e cimentar tal asserção, os jornalistas holandeses souberam, por instinto, ferir o bordão desafinado. Não fossem eles os cidadãos das velhas Sete Províncias da Holanda, hoje todas elas altamente urbanizadas e gozando privilégios únicos de descentralização administrativa – capital em Amesterdão, Parlamento em Haia, ministérios aqui e acolá, família real em Soestdijk...!

O segundo «leit motiv», reverso da medalha, insistiu no alheamento – chocante para a Holanda – que parece tolher os nossos políticos face aos grandes problemas do País, a gritar por solução imediata e inequívoca. A Reforma Agrária seria a questão prioritária, a avaliar pelo interesse com que foi comentada na Imprensa de opinião, e debatida, em Wagueninga, no congresso organizado pelo Centro Internacional Agrário daquela Universidade e pelo Instituto de Estudos Sociais de Haia.

O tal abismo entre cidade e campo, esta rotura entre centro e periferia, condensou-os o **Volkskrant** (Amesterdão) em parábola rude, coisa rara num país de gente simples, terra a terra, nada afeita a arrebiques de estilo. O colunista comparava Portugal a um grande **pólder** enquadrado pelos bem conhecidos fossos de drenagem; a água enturvam-na muitos dos politiqueiros da nossa praça – peixes-cabeçudos, bicharada mesquinha, ratazanas – enquanto o gado paciente aguarda, em vão, no meio dos prados, a hora das águas claras para matar a sede...

GRÂNDOLA DO MENDIGO

Uma equipa da VARA – um dos organismos autónomos de radiodifusão, próximo do Partido Trabalhista chefiado por Joop den Uyl (PvdA) – deslocou-se a Portugal, no passado 25 de Abril, para filmar **in situ** o que resta do delírio dos cravos. A reportagem que daí resultou é, parece-me, bastante equilibrada: há Lisboa, há a Beira, há o Alentejo.

Pezarat Correia falou com optimismo comedido e garantiu com energia a derrota irreversível do fascismo; um septuagenário da Beira Alta continua à espera do 25 de Abril; trabalhadores de uma cooperativa agrícola do Alentejo não conhecem outra lei que não seja a do seu direito à terra. Mas há também os bairros da lata cheios de crianças subalimentadas, enfermiças. E um desfile festivo de soldados, sem dúvida muitos dos de Abril, apenas cinco anos mais velhos, apenas – como dizer? – um pouco mais de chumbo, um pouco mais soldados...

E houve, claro, a Grândola. Do José Afonso. Aos últimos compassos, porém, o coro abrandou, as vozes sumiram-se.

A VARA assestou, pela última vez, a câmara numa esquina anónima de Lisboa. E um mendigo levou aos beiços a harmónica fanhosa para completar ali mesmo, como soube e pôde, a Grândola interrompida dos heróis.

ALENTEJO, PARADIGMA EMPÍRICO

Cinco anos de Reforma Agrária, **vijf jaar landhervorming in Portugal**, foi o tema do congresso realizado, nos passados 27 e 28 de Abril, em Wageninga.

A cidade, situada perto dos riquíssimos bosques de Weluwe, não longe das novas terras conquistadas às águas do Zuiderzee, abriga o **Internationaal Agrarisch Centrum** aonde acorrem numerosos bolseiros vindos de países do Terceiro Mundo, beneficiários de um programa de desenvolvimento com participação do Governo holandês.

Porquê, este ano, um congresso inteiramente dominado pela problemática portuguesa?

Continua na pág. 4

UMA SITUAÇÃO PARADOXAL

A semana política termina com um protesto do CDS. Com palavras não façamos tragédias. Mas as palavras protestatárias traduzem, todavia, a ambiguidade política em que o Poder e a «classe política» se instalaram.

O «partido» que se vangloria de não ter votado a Constituição e que, em 25 de Abril passado, na cerimónia solene que se realizou como é já tradição na Assembleia da República, foi o único «partido» que aplaudiu o discurso presidencial, vem agora protestar contra uma iniciativa diplomática do Presidente da República.

O «partido» que se singularizava por ser a única força política partidária com representação parlamentar que apoiava o IV Governo Constitucional, vem agora censurar uma iniciativa diplomática que, embora promovida pelo Presidente da República, tem o acordo do Ministério dos Negócios Estrangeiros do IV Governo Constitucional.

Uma sumária análise da situação conduz à inevitável conclusão: excepto alguns independentes, se à censura em matéria de política interna somarmos o protesto em matéria de política externa, também o Presidente da República não tem, ao terminar mais uma semana de **crise política**, apoio político e parlamentar.

O protesto do CDS contra a missão política cometida ao conselheiro da Revolução tenente-coronel Melo Antunes é revelador de um estado de espírito. Há quem não suporte que se multipliquem diligências para ultrapassar as dificuldades naturais do estabelecimento de relações de um novo tipo com os países independentes que se libertaram da situação colonial. Há quem, assumindo as consequências políticas das raízes conservadoras e da inspiração «restauracionista» de um agrupamento político, tenha votado contra a Constituição de Abril. Há quem, exercendo um direito que, no respeito da legalidade, a Constituição não nega, seja contra Abril.

Tudo certo. Mas estará errado que sejam esses os que aplaudiram o Presidente da República. Ou, com mais rigor: está errado que o Presidente da República tenha feito um discurso que só desses mereceu aplausos.

Não sairemos desta situação paradoxal pela invocação da atitude dos «dissidentes» do PSD. Na situação paradoxal em que estamos colocados eles constituem um caso típico. Individualizam uma discordância, mas não será previsível o seu destino político. Por alguns meses, até 1980, são elementos de manobra política. Figurantes de um «novo partido» ou criadores de um agrupamento autónomo, os deputados ex-PSD, independentemente dos nomes e das competências, são pedras de um jogo que não controlam e não podem ser apresentados como um apoio parlamentar válido.

Sem apoio político, ou com apoios condicionais, reduzidos o redutíveis, terá o Presidente da República que iniciar uma nova semana de reflexão sobre uma arrastada crise política que a permanência do Governo Mota Pinto complica e agrava.

Sem apoio político e tendo nos braços o Governo do CDS, mas ao qual o CDS censura o compromisso com uma iniciativa presidencial.

DUAS VERSÕES DO 1.º DE MAIO

Professor Mota Pinto: «Temos todos uma experiência vasta para saber o que significam manifestações de rua. Não são para mim, nem creio que para qualquer democrata, um meio ou um método legítimo de aferir a vontade popular». («O País», 11.5.79).

Professor Sousa Franco: «A CGTP logrou, porventura, a mais espantosa manifestação de força que desde 1975 se viu em Lisboa, e marcou presença em todo o território nacional». («Correio da Manhã», 12.5.79).

Professor Mota Pinto: «Todos nós sabemos como é fácil movimentar dezenas de milhares de pessoas e agitá-las. Já acontecia no regime anterior, frequentemente, e os comunistas fazem isso com eficiência». («O País», 11.5.79).

Professor Sousa Franco: «Expressão nítida de uma estratégia mais despartidarizada, mas controlada como sempre pelo PCP, fez-se ela eço da insatisfação dos trabalhadores com a degradação das condições de vida, sem contudo resvalar nas raias da demagogia. Apresentou, sob a forma de ataque ao Governo, a proposta política que marcou a presença das forças do trabalho durante este ano». («Correio da Manhã», 12.5.79).

Poderíamos prolongar o exercício comparativo. Não temos que dar a nossa concordância ao professor Sousa Franco, para, pela simples comparação, verificar a diferença das capacidades analíticas e das interpretações. O fenómeno político escapa ao professor Mota Pinto. O seu conservantismo tem limites que surpreendem. Neste IV Governo Constitucional, a contribuição negativa do Primeiro-Ministro está à vista. A opinião pública recorda o eng.º Nobre da Costa, talvez sem saudades, mas com respeito.

ABRIL NO CORAÇÃO

O «capitão de Abril» Vasco Lourenço, conselheiro da Revolução, numa mensagem-balanço das comemorações da data histórica de 25 de Abril de 1974, conclui que o Povo tem o «25 de Abril» no coração e sente-se autorizado a afirmar que «o povo está disposto a lutar pela defesa das transformações que se verificaram na sociedade portuguesa».

Bom é confiar no povo. E será excelente se a «componente militar», como para aí se diz, merecer a confiança do povo. Mas essa confiança não se alcança, nem se fortalece, quando o povo sabe que os militares de Abril se dividiram, que às esperanças e audácias primaveris sucederam reconsiderações outoniças, que se restabeleceram círculos de interesses e renovaram solidariedades, que os jovens capitães, e os majores, e os tenentes-coronéis de Abril, sentem o reflexo dos equívocos de Novembro e o peso da hierarquia antiga.

A apologia dos valores hierárquicos e a recuperação efectuada por círculos tradicionais aristocratizantes (o Estado-Maior do Exército, por exemplo), causam apreensões na sociedade civil e renovam atritos na sociedade castrense.

Anota-se uma relativa demissão política colectiva do Conselho da Revolução. O caso deste IV Governo Constitucional é um bom exemplo. Com ele regressaram figuras e procedimentos de 24 de Abril. E iniciativas como as do coronel Pezarat Correia – é apenas um exemplo –, ou coerências teimosas como a do major Vasco Lourenço – é outro exemplo –, aparecem aos olhos e aos ouvidos da opinião pública como tentativas individuais de manter na primeira linha de acção um órgão de soberania que não pode ser uma mera assessoria consultiva.

PODER LOCAL

Caldas da Rainha: há 51 anos cidade

● Aniversário comemorado hoje e amanhã

Caldas da Rainha, que deve o seu nome à Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, comemora hoje e amanhã o 51.º aniversário da sua elevação a cidade.

Sede do concelho e integrada no distrito de Leiria, a cidade das Caldas da Rainha, já conhecida na época dos descobrimentos pelas propriedades medicinais das suas águas (do Arieiro), é o centro de um núcleo de 15 freguesias com actividades predominantemente agrícolas.

Todavia, não deixa de ser importante a sua situação de zona balnear, com possibilidades de desenvolvimento da indústria turística, dada a localização geográfica: por um lado, próxim do mar, contando com extensas faixas de areal na foz do Arelho; por outro, a proximidade da lagoa de Óbidos, região natural ainda não explorada.

Para além dos produtos hortícolas e frutícolas, de que constitui relevante centro de abastecimento de parte do País, Caldas da Rainha tem desenvolvido várias indústrias, como as de cerâmica, transformação e conservação de produtos alimentares, metalomecânica ligeira, cutelaria, madeiras e outras.

REGIÃO DE TURISMO DO OESTE

O presidente da Câmara local, José Luís de Carvalho Lalanda Ribeiro, em declarações à ANOP, realçou também a importância das termas das Caldas da Rainha.

Recordou que a histórica localidade portuguesa «nasceu à sombra do hospital termal, mandado construir pela Rainha D. Leonor», quando da sua passagem pela vila, a caminho de Leiria, e que, na oportunidade, conheceu as propriedades medicinais das águas.

Hoje, o hospital debate-se com «enormes carências – segundo o presidente do Município –, pois não tem sido apoiado convenientemente pelo Governo, o que é grave, se atendermos a que são as únicas termas do País exploradas pelo Estado».

A sua ampliação e modernização, aliás, justifica-se – acrescenta – se se tiver em conta que, nos últimos anos, se vem notando «um recrudescimento da sua procura».

Daí o apelo lançado por Lalanda Ribeiro ao Ministério dos Assuntos Sociais no sentido de obviar a resolução «dos problemas mais candentes desta unidade hospitalar, tentando ultrapassar muitas das barreiras burocráticas que estão a impedir» o seu funcionamento nos moldes mais adequados.

O desenvolvimento turístico da região é, por sua vez, uma das preocupações deste dirigente autárquico, que recordou reuniões de vários responsáveis camarários da «zona vulgarmente denominada do Oeste, em que se elaborou um projecto de diploma tendo em vista a criação da Região de Turismo do Oeste».

Em Fevereiro de 1978, o texto do projecto foi entregue na Secretaria de Estado do Turismo e, «apesar de todas as diligências até hoje efectuadas, ainda não se conseguiu que esse projecto de diploma fosse apreciado», lamenta Lalanda Ribeiro.

Integrado neste importante sector de desenvolvimento regional, há «um problema gravíssimo, que afecta directamente não só o concelho de Caldas da Rainha, mas o vizinho de Óbidos», afirma o presidente ao focar o caso do assoreamento a que está sujeita a lagoa de Óbidos.

Para além das preocupações que o facto merece em termos turísticos, referiu, «é fundamentalmente o aspecto económico de toda esta vasta região», já que a Lagoa «é uma fonte quase inesgotável de recursos alimentares».

Desde as enguias, «que são pescadas às toneladas, até às ameijoas, em quantidades incalculáveis, passando poor outras variedades de peixes e mariscos» – sublinhou.

Daí um novo apelo, desta vez ao Ministério da Habitação e Obras Públicas, para que se atente na urgente necessidade de «salvar a Lagoa de Óbidos», pois, segundo Lalanda Ribeiro, «se não forem tomadas providências imediatas, o desaparecimento desta magnífica região natural será uma triste realidade a muito curto prazo».

E salienta: «Já é tempo de acabarem as respostas evasivas de que se estão a fazer diligências para a aquisição do equipamento mecânico necessário e passar-se a acções práticas».

Uma praça das Caldas da Rainha. No centro, a estátua de D. Leonor, mulher de D. João II, que, passando um dia pelas Caldas, e tendo-se encantado com as suas águas, «transformou» uma localidade até aí desconhecida, perdida, em, precisamente, Caldas da Rainha...

FEIRA NACIONAL DE CERÂMICA

No campo da valorização económica do concelho, e numa tentativa de se pôr em evidência as suas potencialidades, efectuou-se o ano passado a «I Feira Nacional da Fruta – Frutos 78», organizada conjuntamente pela Câmara das Caldas e uma Comissão por ela nomeada.

O presidente do Município caldense focou o êxito alcançado pelo certame, manifestando-se convicto de que, «pelas adesões já existentes, se repetirá na edição deste ano», a decorrer entre 11 e 19 de Agosto, no Parque D. Carlos I.

A cerâmica das Caldas da Rainha, conhecida pela sua beleza típica, mereceu tratamento semelhante por parte dos dirigentes municipais, que vão realizar a «I Feira Nacional de Cerâmica», de 21 a 29 de Julho próximo, em plana época turística e balnear.

No que concerne ao melhoramento das condições de vida das populaçãoes rurais da região, a Câmara caldense tem desenvolvido esforços, propondo-se que até ao «fim do corrente ano estejam em curso obras que permitirão que 95 por cento do concelho fique electrificado, aguardando-se apenas a concessão de um empréstimo de 26 milhões de escudos pela Caixa Geral de Depósitos».

Lalanda Ribeiro lamentou, ainda, o facto de não ser aplicada a Lei da Finanças Locais.

DUPLICAÇÃO DA POPULAÇÃO A MÉDIO PRAZO

O presidente do Município das Caldas da Rainha abordou, por último, o desenvolvimento futuro da região sobre o qual a Câmara já se está a debruçar.

Nesse sentido , tendo em conta a situação geográfica do concelho, que classificou de «privilegiada», a zona «terá – acrescentou – num futuro bastante próximo um desenvolvimento bastante acelerado, podendo prever-se a duplicação da população das Caldas da Rainha a médio prazo».

Isto porque, referiu, «a zona de Lisboa está a ficar saturada, estando as suas infra-estruturas a alcançar o ponto de ruptura», o que apresenta para o concelho, dada a sua relativa proximidade da capital, a condição «de alternativa para a sua expansão natural».

O facto, sublinhou ainda, obriga «a que tenhamos de estar preparados para esta realidade», pelo que se deve elaborar uma definição da sua correcta expansão.

Neste contexto, disse, está «já a ser elaborado um plano geral de urbanização que conterá as directivas necessárias para um harmonioso desenvolvimento regional».

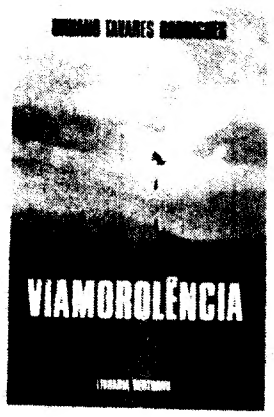
URBANO
TAVARES RODRIGUES
NOVAS EDIÇÕES

A PORTA DOS LIMITES
4ª edição

«Fulgores, sombras, júbilos que, literariamente, atingem uma alta craveira, uma finura de tratamento por raros igualada.»
FERNANDO NAMORA

NUS E SUPLICANTES
5ª edição

A miséria dos bairros da lata, a miséria diversa da pequena burguesia, o sonho e a paixão de uma juventude rebelde: obra traduzida em alemão, sueco, italiano, russo e holandês.



VIAMOROLÊNCIA

Amor e violência, generosidade, esperança e espanto. A festa nas ruas de Lisboa. O Verão quente de 1975.

LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — 2701 AMADORA CODEX

CARTA DA HOLANDA

Continuação da pág. 3

Em primeiro lugar, porque a experiência em curso no Sul do País acedeu já à categoria de paradigma empírico, com a vantagem prática de estar a decorrer na Europa, o que permite aos interessados seguir o processo de perto. É neste sentido que os organizadores do congresso em questão afirmam ser «a Reforma Agrária, em Portugal, um exemplo europeu único de como uma Reforma Agrária se pode processar num país em vias de desenvolvimento, e de qual o papel que aí desempenham interesses divergentes e objectivos em conflito».

Em segundo lugar, Wageninga representa uma preparação excelente para o congresso da FAO, em Roma, a realizar em Julho próximo.

O propósito de pôr a claro a natureza dos «interesses divergentes» e a definição dos «objectivos em conflito», que estruturam o processo da Reforma Agrária no Sul do País, levou os organizadores a chamar a Wageninga as vozes mais díspares que se pode imaginar.

Por ordem cronológica, registaram-se intervenções assinadas pelos nomes seguintes: David Baytelman, ex-director do Centro Chileno da Reforma Agrária; António Lopes Cardoso que traçou o historial da intervenção estrangeira no processo da Reforma Agrária em Portugal; António Barreto que discorreu sobre «a segunda lei da Reforma Agrária»; Moisés Calado que, durante hora e meia, falou do «movimento camponês e luta pela Reforma Agrária no Alentejo».

A primeira jornada encerrou com um debate entre Lopes Cardoso, Barreto e Calado.

O segundo dia representou uma maratona de mais de doze horas. Intervieram Zillah Branco («Os sindicatos, a Reforma Agrária e os camponeses em Portugal»); João Carita, de Campo Maior, que frisou a carência de apoio técnico à Reforma; Manuel Villaverde Cabral, investigador científico ligado à Universidade de Oxford, que analisou a transformação das relações de produção nos campos do Alentejo. António Bica, ocupou-se por fim, da ameaça que a entrada de Portugal na CEE poderá representar para a Reforma Agrária.

BARRETO NÃO SE ARREPENDE

O anti-herói de Wageninga foi António Barreto – afirma o jornal «Trouw» (Roterdão). Na verdade, congressistas holandeses e portugueses condenaram-no unanimemente como um dos «assassinos das conquistas da revolução».

Às diatribes que Moisés Calado lhe endereçou respondeu ele vago e confuso, não tendo esboçado a mínima tentativa de defesa face às acusações de que foi alvo.

Só depois de muito instado pelos jornalistas presentes se decidiu a quebrar o silêncio. «Estou convencido – queixou-se ele – de que este ataque pessoal é simples manobra destinada a responsabilizar-me por inteiro, ilibando assim o meu partido. A lei não é minha, é da Assembleia da República. Uma maioria esmagadora votou a favor, embora nós, como Governo, tivéssemos insistido ainda numa espera... Mas a Assembleia não quis...»

Wim Jansen, redactor de «Trouw», recolheu ainda este desassombrado depoimento da boca de Barreto: «Não me arrependo de maneira nenhuma da minha lei sobre a Reforma Agrária. Tampouco me sinto responsável pelo que está a acontecer agora, em Portugal, com as cooperativas agrícolas».

DUAS ESTRATÉGIAS DIVERGENTES

O único ponto em que Lopes Cardoso parece estar de acordo com António Barreto é o grau de responsabilidade que este atribui à direcção do Partido Socialista, no respeitante à involução forçada do processo da Reforma Agrária. Responsabilidade que, no dizer de Lopes Cardoso, não cessou de existir (pelo contrário!) com a entrada do Governo de Mota Pinto na arena política.

À pergunta de se a questão da Reforma Agrária valeria a queda do actual Governo, Lopes Cardoso respondeu nestes termos: «a Reforma Agrária vale tudo. Sendo Portugal um País em que grande parte da população depende da agricultura, a Reforma Agrária não pode fracassar. Caso contrário, pouco restaria da Revolução».

«Embora António Barreto subscreva este ponto – prossegue Lopes Cardoso –, as nossas estratégias divergem fundamentalmente. Enquanto ele pretende uma agricultura que ponha Portugal em condições de concorrer dentro da CE, eu prefiro privilegiar uma agricultura dominada por cooperativas, que assegure o bem-estar dos trabalhadores. Portugal poderia, assim, autobastar-se plenamente. Nesta perspectiva, não há dúvida que a CE constitui uma ameaça de peso».

Haia, Maio de 1979.

QUER SER BEM SERVIDO?

Restaurante Snack-Bar
ROSSIO DA TRINDADE

Refeições Petistos
Mariscos

PRATO ESPECIAL

Frango de Churrasco à Angolana

Rossio da Trindade — T. 63157 — LAGOS

Melo Antunes recebido em Luanda por Agostinho Neto

O Presidente Agostinho Neto recebeu ontem de manhã em audiência o tenente-coronel Melo Antunes, membro do Conselho da Revolução, que se deslocou à República Popular de Angola para troca de impressões com as autoridades daquele país sobre a situação político-militar na África Austral, que afecta profundamente Angola e outros países da chamada linha da frente.

«Portugal – declarou Melo Antunes às chegada a Luanda – entende que deve seguir com a maior atenção e cuidado tudo o que se passa nesta região extremamente sensível do mundo, porque entende que tem responsabilidades mundiais a cumprir». Recorde-se que Portugal assume neste momento a presidência do Conselho de Segurança das Nações Unidas, e que a sua eleição para aquele órgão teve o apoio dos países africanos de língua portuguesa e de outras nações progressistas africanas.

Entretanto o CDS aproveitou a oportunidade para lançar mais um comunicado no qual considera «inacreditável que o Presidente da República, eleito pela maioria dos portugueses» se tenha feito representar em Angola pelo tenente-coronel Melo Antunes.

Para o CDS é também «inaceitável, o aval dado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros a esta deslocação, o que revela um incompreensível conformismo, totalmente incompatível com as funções que desempenha e com as responsabilidades que assumiu perante o País e perante o ministério que dirige».

O CDS faz depois uma pergunta que é principalmente uma insinuação: «em que lado se sentará Melo Antunes quando os interesses luso-angolanos não coincidirem».

Portugal e Espanha preparam reduções alfandegárias

MADRID, 12 (do nosso correspondente, Fernando Jauregui) – Foi ontem concluída em Madrid uma nova fase da reunião preparatória do acordo bilateral entre Espanha e Portugal no âmbito da EFTA. Segundo se crê, o acordo será firmado em Junho e fará com que os produtos espanhóis e portugueses resultem mais baratos e vice-versa.

Uma delegação portuguesa de nove mebros, encabeçada pelo embaixador da EFTA em Genebra, Adriano de Carvalho, permaneceu dois dias em Madrid, celebrando uma reunião técnica que, segundo o chefe da delegação espanhola, Casanova, registou «um grande avanço».

De acordo com as estimativas de Casanova, em princípios de Junho os ministros de Comércio espanhol e português poderão firmar em Lisboa o acordo bilateral de redução alfandegária no âmbito da EFTA. Portugal é membro desta associação europeia de comércio livre e a Espanha concluiu há alguns meses um acordo com esta organização. O tratado bilateral hispano-luso melhorará ainda mais para os dois países o sistema de reduções aduaneiras previsto pela EFTA.

As três quartas partes dos produtos que compõem o comércio hispano-português sofrerão, uma vez assinado o acordo, reduções alfandegárias entre sessenta e setenta por cento, do que resultará que muitos produtos que Portugal compra à Espanha fiquem mais baratos para o consumidor. Outro tanto sucederá em Espanha com os produtos procedentes de Portugal.

No fim deste mês, a Espanha e Portugal efectuarão a última reunião técnica, a nível de plenário, em Genebra.

PORTUGAL NO CONSELHO DE SEGURANÇA

Missão no Médio Oriente

Portugal é um dos países membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas que faz parte da delegação encarregada de examinar a situação relacionada com os colonatos nos territórios ocupados por Israel.

A delegação, que inclui, além de um representante de Portugal, representantes da Bolívia e da Zâmbia, parte para o Médio Oriente no próximo dia 17, regressando dia 1 de Junho a Nova Iorque.

Os três enviados deslocar-se-ão a Amã, Damasco, Beirute e Cairo, para analisar testemunhos e documentação.

Embaixador em Pequim – certo mistério

Segundo notícia ontem posta a circular, os responsáveis da República Popular da China tinham recusado «agréement» ao embaixador Sérgio Sacadura Cabral, actualmente em Viena, e que o MNE teria já indigitado como representante de Portugal em Pequim. Segundo o «Diário de Notícias» de hoje, no entanto, tal notícia não se confirma: pelo contrário, o MNE desmente-a.

De acordo com o MNE, o Governo português ainda não pediu «agréement» para o seu embaixador em Pequim. Também não se confirma, portanto, que, em consequência da recusa de Pequim em conceder «agréement» a Sacadura Cabral, Lisboa tenha avançado com o nome de Ressano Garcia, actual embaixador de Portugal em Praga.

A situação não parece muito clara: quando do estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e a RPC, a 8 de Fevereiro, falou-se do prazo de três meses para a troca de embaixadores. Tal prazo já expirou e ainda não se sabe nada de concreto.

Segundo MNE – e reportando-nos ainda à local do citado matutino de Lisboa –, «os movimentos diplomáticos são sempre divulgados na altura oportuna e pelas vias convenientes», o que, evidentemente, não responde à questão que se levanta sobre os prazos de que se falou quando do estabelecimento de relações diplomáticas entre o nosso país e a RPC.

Barcos portugueses já pescam na Mauritânia

No momento em que a frota pesqueira portuguesa já iniciou a sua actividade na costa da Mauritânia (Cabo Branco), um arrastão da Fuzeta, o «Triunfador», de 39 toneladas, é aprisionado no porto marroquino de Agadir, «por infracção às leis do país», tendo os documentos do barco ficado confiscados, até o mestre da embarcação, Manuel Custódio Fernandes, satisfazer a multa de 150 mil dirans (cerca de 1650 contos) em que foi condenado. Enquanto isto, quatro navios espanhóis foram apresados na costa algarvia, quando na passada sexta-feira pescavam na nossa Zona Económica Exclusiva.

No que se refere ao retorno à actividade da frota portuguesa na Mauritânia, o director da produção da Companhia dos Armadores de Pesca de Arrasto afirmou à ANOP que catorze dos dezassete barcos da frota nacionalizada que se encontravam no porto de Nouadhibou, já tinham começado ontem a fazer-se ao mar após terem recebido as licenças de pesca das autoridades locais.

A frota pesqueira portuguesa naquela zona é constituída por vinte e dois arrastões (cinco dos quais da frota privada) com arqueação bruta de 10 mil toneladas. As licenças de pesca são concedidas por um ano e a operação dos pesqueiros portugueses nos bancos de pesca da Mauritânia duram entre 30 a 60 dias.

CONTRA POLITICA DO MAP

Bandeiras negras em Serpa

As bandeiras negras voltaram a aparecer no Alentejo: aconteceu ontem, em Serpa (Baixo Alentejo), quando cerca de doze mil pessoas se concentraram junto ao edifício da Câmara, como forma de protesto contra a política de repressão e de recuperação latifundista, «a todo o vapor», do Ministério de Vaz Portugal e José Goulão.

Entre as palavras de ordem gritadas pelos manifestantes, destacavam-se «Agrários fora das herdades» e «Abaixo o Governo Mota Pinto», um Mota Pinto que, em entrevista, ontem concedida a um semanário de direita, afirmaria «respeitar os veredictos do Supremo Tribunal Administrativo», em casos de entregas ilegais, quando se sabe o que tem acontecido em relação ao caso da Herdade da Galeana, em Alcácer do Sal, em que o seu Governo não deu um passo sequer para devolver a terra aos trabalhadores.

Mota Pinto vai falar ao País

Mota Pinto vai aproveitar o momento da apresentação da proposta de lei do Orçamento à Assembleia da República para falar ao País e apresentar um balanço do seu Governo.

Segundo fontes próximas de S. Bento, o Primeiro-Ministro nada de novo vai acrescentar àquilo que os portugueses já sabem e também não irá anunciar a apresentação de uma moção de confiança.

Trata-se apenas da utilização dos meios de comunicação social para mais uma sessão de propaganda ao «saudável e patriótico» IV Governo.

Lisboa / Madrid
de comboio

Lisboa P. 7.30 – 21.10 Madrid P. 9.35 – 23.15
Madrid C. 18.35 – 9.45 Lisboa C. 18.50 – 9.45

Consulte as Secções de Informações
ou o seu agente de viagens

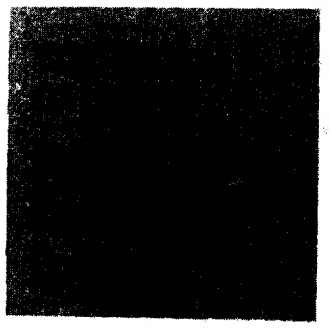
Caminhos de Ferro Portugueses

— A convite da fábrica GRUNDFOS A/S e do seu representante em Portugal, a firma BVONNEVILLE OLIVEIRA — Estudos e Equipamentos Electromecânicos, Ld.ª, partiram há dias para a Dinamarca dois grupos de clientes um do Norte e outro do Sul do país.

Esta viagem efectuada em avião a jacto privativo da GRUNDFOS, teve em vista uma visita às suas fábricas em Bjerringbro.

De notar que actualmente a GRUNDFOS tem fábricas na Alemanha, Áustria, Bélgica, França, Holanda, USA. e Inglaterra.

O nome da GRUNDFOS é já sobejamente conhecido em todo o mundo, como uma das maiores fábricas na produção de electrobombas, desde pequenos circuladores de água quente até electrobombas submersivas para furos até 500 metros de profundidade.



O ministro Repolho Correia falou na sessão de ontem da V UNCTAD,(Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento), que está a decorrer em Manila.

O titular do Comércio e Turismo do IV Executivo, que falou em português, como o regulamento permite, embora o Português não seja língua oficial naquele organismo da ONU, referiu-se à posição de Lisboa perante a Conferência e aos problemas de Portugal e que à Conferência dizem respeito.

Portugal – disse Repolho Correia – «encara com grande receptividade a realização de mais uma Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, na expectativa de que ela concorra para mais estreita cooperação e solidariedade entre os vários países presentes, cooperação esta que deverá representar um verdadeiro esforço no sentido da resolução dos problemas que mais directamente afectam os países em vias de desenvolvimento».

Um dos principais objectivos desta conferência é, como o ministro português noutro passo acentuou, a criação de condições para resolver os problemas das relações económicas dos países pobres e subdesenvolvidos ou medianamente desenvolvidos (caso de Portugal) e os países ricos e desenvolvidos, problemas que se reflectem visivelmente, por exemplo, na balança de pagamentos. Estes problemas prendem-se ainda com a situação monetária internacional.

Segundo Repolho Correia, a dado passo do seu discurso, impõe-se a necessidade de proceder a determinados ajustamentos no sistema monetário internacional de forma a proporcionar mais recursos financeiros aos países pobres, para que estes possam responder às suas justas aspirações no tocante ao desenvolvimento económico.

Na sessão de hoje da Conferência deve falar o representante da República Popular de Angola.

A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA TERA FÉRIAS MAIS CURTAS

Trabalhos parlamentares prolongam-se até fins de Julho

A Assembleia da República prolongará os seus trabalhos até cerca de 20 de Julho numa sessão complementar à terceira sessão legislativa, o que permitirá a apreciação e votação de um vasto conjunto de diplomas em atraso na agenda daquele órgão de soberania. Entre a matéria legislativa em atraso, contam-se mais de quarenta diplomas de origem governamental, dos quais catorze dizem respeito às regiões autónomas, sendo outros seis oriundos dos Açores e Madeira.

A agenda dos trabalhos parlamentares até ao dia 10 de Junho encontra-se, entretanto, fixada. O lote de diplomas governamentais a apreciar pelo Parlamento inclui a revisão do Código Penal, o pagamento das acções Fides/Fia, alterações na organização judiciária, lei da defesa e direito de asilo e estatuto do refugiado. Outras matérias referem-se à Rádio e à Televisão bem como à protecção de diplomatas, entradas, saídas e expulsão de estrangeiros e uma convenção consular entre Portugal e a Bulgária.

Quanto à agenda das próximas sessões, está reservada para a próxima terça-feita a continuação da discussão e votação do Serviço Nacional de Saúde. O projecto do Partido Socialista tem a sua aprovação garantida, pois o PCP apoia as teses de António Arnaut. Na mesma sessão serão analisados oito decretos governamentais cuja ratificação foi pedida pelos grupos parlamentares. Nestes casos encontram-se o estatuto do gestor público e as comissões concelhias de arrendamento rural.

Na próxima quarta-feita, 16 de Maio, reúne-se a conferência dos grupos parlamentares para se pronunciar sobre a situação dos 44 deputados independentes. Quinta-feira, dia 17, a agenda inclui a eleição de representantes do PSD que substituirão os deputados independentes em diversos organismos, como Conselho Nacional de Alfabetização e o Conselho Nacional do Plano, para além da própria mesa da AR. No plenário, será nesse dia discutido o projecto apresentado pelo PCP contendo medidas de emergência para a defesa da Reforma Agrária.

A discussão da proposta de lei do Orçamento Geral do Estado, a entregar pelo Governo na AR na próxima terça-feira, substituirá a agenda das sessões nos dias em que ocorrer.

Tendo em conta a morosidade com que se processam as discussões de ratificação dos decretos governamentais, admite-se que a AR reúna na manhã de dia 18 para continuar a apreciação desses diplomas.

Está provisoriamente reservada a sessão de terça-feira, 22 de Maio, para a apreciação de dois projectos de lei, embora se pense que nessa data se debata já o OGE.

Comissões de trabalhadores, direitos de autor, organizações sindicais são outras matérias a subir em breve ao plenário da AR. Finalmente, dois dias antes do 10 de Junho serão apreciados três projectos de lei relativos aos emigrantes.

Rei da Suécia convidado a visitar Portugal

O rei Gustavo da Suécia foi convidado a visitar Portugal – afirmou ontem aos jornalistas o ministro português dos Estrangeiros, embaixador Freitas Cruz, no regresso de uma deslocação que o levou a Estocolmo e Estrasburgo.

Não foram adiantados pormenores sobre a visita – de Estado, naturalmente –, mas apenas que o convite, do Presidente Eanes, foi entregue pelo próprio ministro Freitas Cruz em Estocolmo.

Falando aos jornalistas sobre esta visita e a sua passagem por Estrasburgo, onde participou na reunião da Primavera do Comité de Ministros do Conselho da Europa, Freitas Cruz classificou de «extremamente positivos» os contactos tidos quer ao nível de sessões quer em trocas informais.

PRINCESA ANA VEM A PORTUGAL

A princesa Ana, do Reino Unido, e o marido, Mark Phillips, chegam no próximo dia 22 a Portugal, para uma visita de três dias.

A chegada é ao Porto, onde Ana e Mark ficarão um dia, vindo depois para Lisboa.

Tanto no Porto como em Lisboa estão previstas diversas deslocações, nomeadamente a um armazém de vinho do Porto e aos estaleiros da Lisnave.

Em Lisboa, os visitantes terão pelo menos um almoço íntimo com o Presidente Eanes, e outros encontros com destacadas personalidades da vida pública portuguesa.

PROBLEMAS NA JSD

Comissão Distrital foi ontem demitida

Eleita ainda no passado dia 20 de Abril, a Comissão Política Distrital da Juventude Social-Democrata foi ontem demitida, durante uma reunião do Conselho Distrital. Participaram 46 dos 82 membros deste órgão. Vinte e cinco delegados votaram contra a Comissão, 15 a favor, e 6 abstiveram-se.

Carlos Miguel Coelho, presidente da Comissão Distrital, disse à ANOP que a Comissão considerada demissionária mantem-se em funções, até novas eleições, que deverão efectuar-se dentro do prazo estatutário de quinze dias.

A Comissão Distrital apoiava as posições do presidente do PSD, Sá Carneiro, e da Comissão Política Nacional do partido, existindo, todavia, naquele executivo da JSD, duas sensibilidades: uma «moderada», de não-alinhamento em relação a quaisquer blocos internos e a outra, «à direita», opondo-se a esta.

Segundo Carlos Miguel Coelho, ainda não estão «esgotadas as hipóteses de a próxima Comissão Política Distrital ter uma posição moderada dentro do partido e da JSD».

Eleva-se a cerca de mil o número de estrangeiros que nos últimos anos pediram asilo político a Portugal – revelou ontem o director do Serviço de Estrangeiros, coronel Ramiro Ramos, em Ponta Delgada, Açores, onde se encontra para tratar de assuntos respeitantes à extensão daqueles serviços àquela região autónoma.

Os mais dos pedidos de asilo são de estrangeiros de Moçambique, Angola, Brasil e Chile – revelou ainda Ramiro Ramos, acentuando que, todavia, os pedidos de brasileiros têm vindo a diminuir ultimamente.

Ramiro Ramos referiu-se ainda à necessidade, em Portugal, de um estatuto de refugiado, a aprovar, para resolver inúmeros problemas que os pedidos levantam. Há, nesse sentido, uma proposta de decreto já elaborada e a apresentar à AR. Idêntica necessidade se sente no tocante a refugiados – acrescentou Ramiro Ramos.

Outro número a reter: são cerca de 50 mil os estrangeiros actualmente residentes em Portugal.

PRESSÃO SOBRE O NOVO ACORDO?

Noruega embarga importação de têxteis

PORTO,12 – Inexplicavelmente, a Noruega acaba de embargar a importação de têxteis portugueses que estão a ser enviados para aquele país no cumprimento de encomendas inseridas num acordo que caducou em Março último mas que está a ser renegociado. A informação é-nos dada pelo gabinete Portex, que, como se sabe, vem promovendo, há vários anos, exposições de têxteis no Palácio de Cristal.

Segundo aquele documento, foi com grande surpresa que, ao longo das negociações do novo acordo já efectuado, «os industriais portugueses verificaram que a Noruega se propunha introduzir condições inaceitáveis e incompreensíveis, consubstanciadas na intenção de limitar os contingentes de artigos que até agora não estavam sujeitos a qualquer restrição e de aumentar as limitações pendentes sobre outros já limitados». Em face das diversas provas de colaboração que aquele país tem prestado ao nosso, acrescenta o documento que «esperava a indústria têxtil portuguesa poder ver atenuadas as limitações já existentes ou, no mínimo, estabelecer taxas de crescimento progressiva das limitações anteriores». Em todo o caso, sublinha o Gabinete Portex, «é ponto assente não ser aceitável qualquer restrição incidente sobre artigos até agora não abrangidos».

Relativamente à atitude de embargo (quando está marcada para a próxima terça-feira uma nova reunião com a delegação norueguesa), o Gabinete Portex considera que ela «mais não representa do que uma forma de pressão no sentido de levar Portugal a aceitar as condições impostas para a negociação do novo acordo». Mas isso, frisa, traduzir-se-ia «em sérios prejuízos para a indústria têxtil nacional, lançando sombrias perspectivas sobre o futuro de inúmeras empresas do sector».

No final, aquele gabinete manifesta a esperança de que a Noruega reconsidere a sua posição, aproveitando mais esta oportunidade para demonstrar o seu espírito cooperante.

Diminuem disponibilidades em ouro e moeda estrangeira

As disponibilidades em ouro e em moeda estrangeira do Banco de Portugal eram, em 8 de Fevereiro, na ordem de 81 497 494 523 escudos e dez centavos – segundo o «Diário da República», ontem.

A anterior informação tinha sido divulgada em 31 de Janeiro.

Um confronto entre esta e a de ontem mostra que as disponibilidades em questão diminuiram de 1 003 720 060$60.

iTM

FEIRA DO MOVEL

EXPOSICÃO NOCTURNA
Maio 1979 Maio

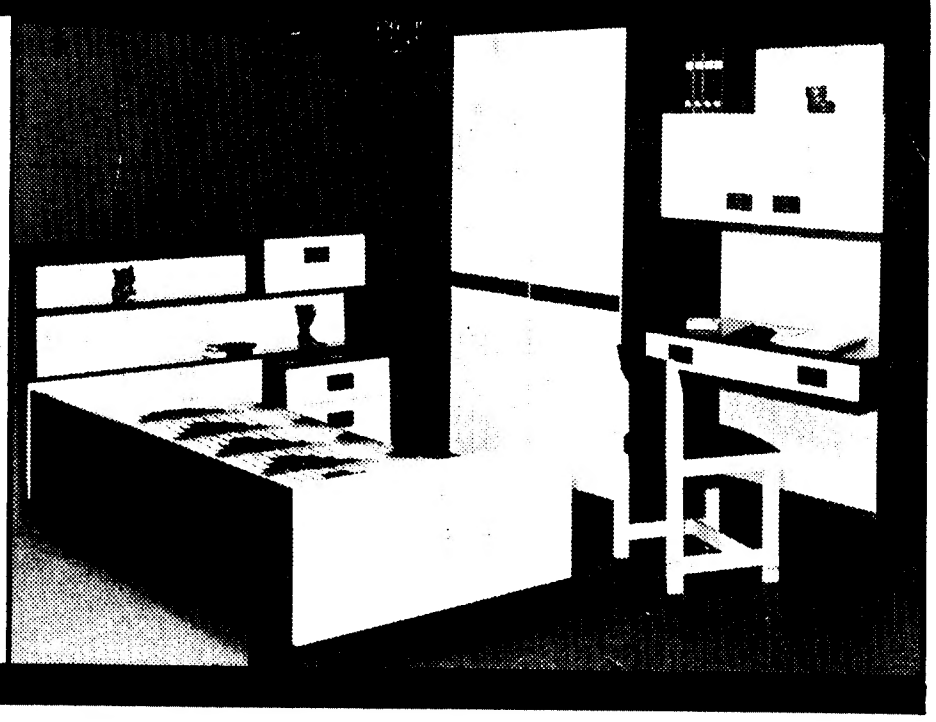
Novos modelos e novas condições de venda

VISITE-NOS até 23H00

Av. Padre Cruz

LUMIAR - LISBOA

T. 794822



Caminhos de Ferro Portugueses – E. P.

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 16 de Maio de 1979, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Mercês.

A anuidade mínima a oferecer é de 30 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 5000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e loçais.

— Mercês
— Cacém
— Sintra
— Lisboa (Rossio)
— Serviço Comercial da Região Centro Lisboa (Santa Apolónia)
— Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar — LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, 1196 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito o seguinte:

Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Mercês».

BANCO TOTTA & AÇORES

SEDE: RUA AUREA, 88 – LISBOA

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1978

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES E AMORTIZAÇÕES	ACTIVO LÍQUIDO	CONTAS	PASSIVO	
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	3 864 363 217$89		3 864 363 217$89	Depósitos à Ordem	23 312 228 289$07	
Valores a Cobrar	2 167 568 401$97		2 167 568 401$97	Depósitos com Pré-Aviso	1 617 605 157$56	
Depósitos e Aplicações Noutras Instituições de Crédito no País	1 608 406 216$25		1 608 406 216$25	Depósitos a Prazo	35 721 811 781$65	
Depósitos no Estrangeiro	4 562 309 435$30		4 562 309 435$30	Depósitos de Poupança	152 331 605$76	60 803 976 834$04
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	250 865 793$59		250 865 793$59	Cheques e Ordens a Pagar	256 280 333$71	
Crédito Concedido	52 304 600 920$07	1 075 479 777$84	51 229 121 142$23	Outros Recursos	6 741 382 502$60	
Acções, Obrigações e Quotas	3 602 232 845$68	4 722 972$90	3 597 509 872$78	Credores	595 240 869$81	
Devedores	1 103 932 199$50		1 103 932 199$50	Contas Diversas	3 437 431 210$88	11 030 334 917$00
Participações Financeiras	198 199 789$88		198 199 789$88	Provisões para Riscos Diversos		8 212 695$00
Imóveis	179 882 236$36	19 309 133$26	160 573 103$10	Capital	900 000 000$00	
Equipamento	265 972 964$96	153 636 614$63	112 336 350$33	Reservas	290 979 971$15	1 190 979 971$15
Outras Imobilizações	715 026 375$24	451 700 162$84	263 326 212$40	Resultados Transitados de Exercícios Anteriores (Correcções Cambiais)	(1 329 993$37)	
Contas Diversas	3 971 203 146$27		3 971 203 146$27	Resultado do Exercício	57 540 457$67	56 210 464$30
TOTAL	74 794 563 542$96	1 704 848 661$47	73 089 714 881$49	TOTAL		73 089 714 881$49

CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS

Valores Recebidos em Depósito	26 164 593 560$11
Valores Recebidos para Cobrança	4 700 568 942$18
Valores Recebidos em Caução	15 969 417 788$58
Garantias e Avales Prestados	14 013 038 606$71
Créditos Abertos	2 714 901 382$15
Aceites em Circulação	361 666 000$00
Valores Dados em Caução	448 094 000$00
Outras Contas Extra Patrimoniais	50 766 306 710$97

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1978

CONTA DE EXPLORAÇÃO

DÉBITO	MONTANTE
Custos de Operações Passivas	6 230 013 168$43
Custos com Pessoal (1)	
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	5 019 511$50
Remunerações de Empregados	1 030 810 806$70
Encargos Sociais Obrigatórios	317 360 920$40
Outros Custos com Pessoal	14 448 921$40
Fornecimentos de Terceiros	64 029 004$20
Serviços de Terceiros	290 392 835$75
Outros Custos Bancários	51 995 195$09
Impostos	10 202 611$40
Custos Inorgânicos	937 672$50
Dotações para Amortizações	111 179 116$21
Dotações para Provisões	297 922 000$00
Lucro de Exploração	146 360 222$09
TOTAL	8 570 671 985$67

CRÉDITO	MONTANTE
Proveitos de Operações Activas	7 269 588 476$29
Proveitos de Serviços Bancários	290 592 483$56
Proveitos de Outras Operações Bancárias	662 922 343$45
Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras	288 911 763$32
Outros Proveitos Bancários	41 253 857$08
Proveitos Inorgânicos	17 403 061$97
TOTAL	8 570 671 985$67

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO	MONTANTE
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores (1)	203 500 736$99
Perdas Excepcionais	5 225 937$36
Resultado do Exercício	57 540 457$67
TOTAL	266 267 132$02

CRÉDITO	MONTANTE
Lucro de Exploração	146 360 222$09
Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	25 938 271$02
Lucros Excepcionais	84 544 021$95
Provisões Utilizadas	9 424 616$96
TOTAL	266 267 132$02

(1) Inclui 295 mil contos relacionados com a Previdência (O B.T. & A. é a única instituição de crédito integrada no sistema de Previdência Social)

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE

Fernando Ginja Mendes

O CONSELHO DE GESTÃO

Álvaro João Pinto Correia (Presidente)
Carlos Pinto Moutinho de Freitas
Fernando Pedro Braga Pereira Coutinho
Joaquim Filipe Marques dos Santos

Estas contas foram aprovadas por Despacho de 30/4/79 do Secretário de Estado do Tesouro.

SISTEMA

BANCO TOTTA & AÇORES

Balcões em todo o País

Londres e Nova Iorque

JULGAMENTO DO CASO DELGADO

O "borrão" de Pontes Valentim

De novo o «stand» Casquilho em foco no Tribunal Militar de Santa Clara, na 43.ª sessão (ontem realizada) do julgamento do assassinato do general Humberto Delgado: desta vez na pessoa do seu agente comercial, José António Nogueira, uma das duas testemunhas apresentadas por Rosa Casaco, no cartório notarial da Rua Guerra Junqueiro, para se fazer passar por um suposto António Ramos Cardoso. Objectivo do «pide» Casaco: ilibar-se das responsabilidades na compra de um dos carros utilizados na «operação» a Badajoz, transferindo-as para um personagem imaginário. Nogueira nega, porém, todo e qualquer envolvimento no assunto. Lá conhecer Casaco e Tienza conhecia. Mas ter participado em tal encenação. Isso nunca. Até está disposto a jurar pela sua honra se necessário. Juiz-auditor Gonçalves Pereira: «Não é necessário jurar de novo. Já o fez antes de iniciar o seu depoimento». Mas Nogueira não desiste: «Não sei se a palavra de honra de um homem ainda vale alguma coisa». «Não vale a pena insistir – atalharia o doutor Gonçalves Pereira – e até admito que discuta comigo. Agora o que não pode rebater è a verdade científica. E a verdade científica diz que a assinatura existente no reconhecimento notarial lhe pertence».

Mas Nogueira volta à carga. À cena daquela noite, em que para além do médico da PIDE, Carlos Veloso, já referenciado numa das nossas reportagens anteriores (ele que também jurou de palavras juntas nada saber), participaram Tienza e Casaco. Diz Nogueira, que na verdade vira os dois «pides» a mexer nuns papéis, num dos escritórios do «stand» da Praça de Londres, tendo porém, observado tudo somente através das vidraças separadoras. Mas que sobre tão delicado assunto já há muito atirara uma pedra, «uma pedra de esquecimento». E quase num desabafo: «Até porque eu durante anos e anos de serviço nunca abonei nenhuma assinatura sem o fazer em perfeita consciência». Juiz Gonçalves Pereira: «Então na medida em que a sua assinatura existe neste caso, o senhor terá de confessar em consciência que fez a abonação da assinatura de Rosa Casaco, sabendo perfeitamente que ele não era António Ramos Cardoso. A não ser que pretenda fazer acreditar ao tribunal de que tudo o que se passou naquele dia no notário foi uma sessão de hipnotismo». E sem contemplações: «Essa sua tese não tem pés nem cabeça. E ou muda de afirmação, deixando-se de fantasias, ou nada mais tera ´a dizer».

ABRANCHES FERRÃO EM «MÁ FORMA»

Nogueira diria várias vezes, «Meu Deus, não é possivel», e o juiz Gonçalves Pereira afirmar-lhe-ia a certa altura: «O senhor está amnistiado por esse crime de falsa abonação. Porque existem provas documentais... senão por tudo o que aqui está a dizer qualquer juiz não teria hesitação em condená-lo.

«Mas, meu Deus não é possível»,repetiria Nogueira. Como posso eu recordar-me, se nessa data, para além dos senhores Casaco e Tienza, apareciam lá na firma tantas pessoas a comprarem carros. Pessoas vindas do Brasil, de Angola de Moçambique.

Nesta altura, a intervenção do patrono de Agostinho Tienza, o advogado Pontes Valentim, como normalmente a provocar uma certa hilariedade quase geral. Até Manuel Anselmo, o patrono de Rosa Casaco, esboçaria um largo sorriso. É que Pontes Valentim é (na verdade impagável). Calculem os leitores, que, ontem Pontes Valentim pretendeu nada mais, nem nada menos, de que o reconhecimento notarial de qualquer assinatura poderia ser feita, mesmo para os não analfabetos, não com a feitura da própria assinatura (com a presença do próprio ou agora com a apresentação do cartão de identidade, mas, escrevamos assim, com o «borrão» digital do dedo indicador direito.

Outro pormenor que importa reter: o mau momento de forma em que se encontra Abranches Ferrão, um dos advogados da acusação, deixando passar, oportunidades, que, em condições normais, lhe dariam «pano para mangas».

O julgamento prossegue na próxima quarta-feira, à tarde, a partir das 14 e 30.

MANUEL GERALDO

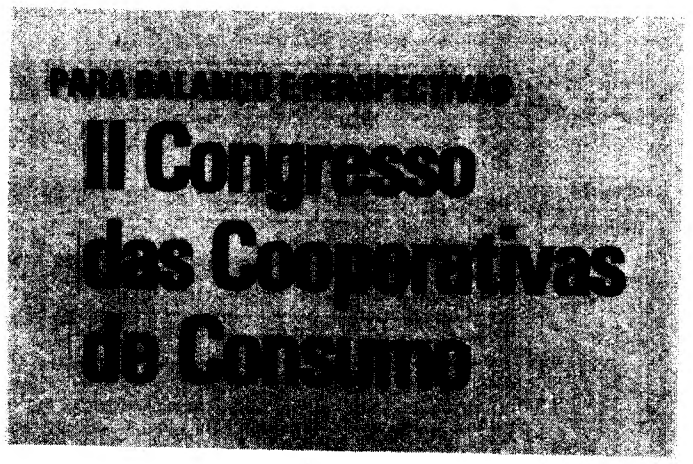
POR LIGAÇÕES A PIDE

Sacerdote condenado em dez dias de prisão

Três «pides» e um sacerdote católico (ligado à polícia terrorista de Salazar e Caetano), foram ontem condenados em penas ligeiras pelo Supremo Tribunal Militar.

O padre José Augusto Miranda Pascoal foi condenado em dez dias de prisão e os três «pides» (Augusto Simões, José Manuel Tiago, e Manuel Gomes) tiveram como penas, já cumpridas, vinte dias o primeiro, e quinze dias os dois últimos.

Por outro lado, alegando «não ter encontrado indícios de que tivesse dado informações à PIDE», o Supremo absolveria o médico Américo Jorge Buco.



Uma das incumbências prioritárias do Estado continua a ser, segundo o texto constitucional (art.º 81), «proteger o consumidor designadamente através do apoio à criação de Cooperativas e de Associações de consumidores». Isto mesmo é sublinhado numa das teses que vão ser apresentadas ao II Congresso Nacional das Cooperativas de Consumo, aprazado para os dias 26 e 27 do corrente, na Fundação Gulbenkian.

Os subscritores da «tese 1» lembram, porém, que a «prática política dos sucessivos Governos Constitucionais não tem cessado de piorar». De tal modo que, «não obstante a riqueza de dados da Lei Fundamental que habilitariam qualquer executivo com vontade política a um trabalho profundo de transformação social, por via cooperativa, assiste-se, ao invés, à reposição do poder económico-político dos próceres do fascismo».

Para eliminação destes factores de «doença», e para que a Constituição se cumpra, torna-se necessário, segundo os autores da tese, que o movimento cooperativo «evolua mediante a coordenação de actividades com outras estruturas populares locais, nomeadamente comissões de trabalhadores e de moradores, colectividades desportivas e de cultura e recreio e órgãos autárquicos, Juntas e Assembleias de Freguesia. Também o poder sindical deve unir-se, permitindo e apoiando a expansão do movimento Cooperativo.

«Quanto mais unitária for a organização dos trabalhadores nos seus sindicatos e suas estruturas representativas, maior será o nível de consciência daqueles para procurarem defender os seus interesses» – fazem notar os autores da tese n.º 2.

Esta tese aponta sobretudo para o que se passa no campo legislativo e recorda a existência, na Assembleia da República, de dois projectos-leis apresentados pelos grupos parlamentares do PCP e do PS. Entretanto, o sector cooperativo continua a ser regulado por um capítulo do Código Comercial e por toda uma legislação avulsa, «num emaranhado complexo em que as melhores boas vontades interpretativas se perdem».

QUE FAZER?

À pergunta clássica respondem os autores do documento em análise que, «antes de mais, deverá proceder-se a um levantamento das necessidades reais das Cooperativas; depois, com um mínimo de organização, dar estrutura e apoio à comissão encarregada de elaborar o 'Código Cooperativo'.

Esta predisposição enlaça com afirmações da tese n.º 3, documento no qual se considera: «Pode parecer que as cooperativas terão avançado pouco na sua organização, o que não corresponde à realidade». Para os signatários desta tese, apesar das enormes dificuldades que têm sido impostas, houve um avanço assinalável desde o primeiro Congresso da FENACOOP. Mas, optimismos de lado, «se não forem tomadas medidas urgentes de apoio, corre-se o risco da sobrevivência, a muito curto prazo, especialmente nas unidades de menor dimensão, que lutam ainda com falta de quadros em número suficiente e de trabalhadores com um mínimo de formação cooperativa.»

O PODER DOS TRABALHADORES

Em outra tese proposta, são estudados os caminhos para a «unidade das organizações populares e suas potencialidades».

Recorda-se que, da população do País, cerca de dez milhões, 3 milhões são trabalhadores por conta de outrem. Destes, 2 milhões estão sindicalizados.

«Daqui, facilmente se pode concluir que grandes perspectivas se abrem às Cooperativas, pelo elevado número de possíveis seus consumidores potenciais existentes nas classes trabalhadoras.

As Cooperativas de Consumo oferecem uma área crescente para a expressão das necessidades daqueles Consumidores.

Tais necessidades, comuns a sindicalizados ou não sindicalizados, avultam, contudo, nas camadas laboriosas, onde as Cooperativas, como os sindicatos, recrutam os seus associados, cada vez mais preocupados por um nível de qualidade de vida que o agravamento do seu custo, no dia-a-dia continua a afectar.

ONTEM E HOJE

Em Abril de 1974, existiam 193 Cooperativas de Consumo congregando menos de 100.000 cooperadores. Hoje, há muito próximo de 500, contando com os Açores e Madeira. Foram criados cerca de 2000 postos de trabalho, investiram-se mais de 500.000 contos das magras economias populares e o sector abastece 350.000 famílias, ou seja, cerca de 1.200.000 consumidores.

Até onde teria já chegado o Sector Cooperativo de Consumo, se o Estado tivesse cumprido a parte que lhe compete, promovendo – como manda o art.º 84.º da Constituição – a legislação indispensável e materializando o apoio financeiro, técnico e fiscal necessários?»

A INVENÇÃO DO SÉCULO

Grátis a partir de hoje uma cassette gravada: ouve-se de manhã e à noite começa-se a falar Inglês, Francês, Alemão

Derivado de um computador um novo e espantoso método britânico. Começa amanhã a distribuição da oferta aos nossos leitores

No mundo dos cientistas e dos técnicos fala-se de uma extraordinária invenção inglesa. O nosso correspondente de Londres comunica-nos que, com base nos dados elaborados por um cérebro electrónico após um longo trabalho de preparação e de investigação, foi elaborado um novo método que permite começar a falar outras línguas logo no primeiro dia. A técnica de hoje não deixa de nos maravilhar. Mas não basta: o Instituto Internacional Linguaphone, depositário da nova invenção, destinou uma grande quantia à promoção e difusão gratuita através da suas 60 filiais em todo o Mundo, uma cassette gravada e um disco de experiência em 3 línguas: Inglês, Francês e Alemão.

Os leitores podem assim experimentar imediatamente, em sua casa, sem despesas e sem qualquer compromisso, esta excepcional invenção. Os leitores podem escolher livremente entre uma cassete e um disco consoante o aparelho que possuirem.

Será enviado um folheto com mais pormenores, com as instruções para o uso da cassete ou do disco a quem o requisitar dentro de uma semana escrevendo para INSTITUTO LINGUAPHONE — VALENTIM DE CARVALHO, CI SARL — Rua Nova do Almada, 97 — Lisboa, especificando se deseja uma cassete ou um disco e juntando 15 escudos em selos para as despesas de envio. Com a cassette ou com o disco — repetimos, gratuitos e sem qualquer compromisso — todos podem ficar a conhecer o novo método para incrementar trabalho, carreira, negócios e lucros. Pois bem, aproveite hoje mesmo esta oportunidade, que é uma oferta da técnica moderna e dos seus passos de gigante em todos os campos.

NÃO SE ESQUEÇA DE INDICAR QUE TEVE CONHECIMENTO DESTA OFERTA ATRAVÉS DO JORNAL «D. LISBOA». ESTA OFERTA NÃO É EXTENSIVA AO ESTRANGEIRO

Estores Metálicos Interiores

Preços especiais para revenda.
Caixas de chapa e plástico.
Reparações em todo o tipo de estores.
Telef. 634576

MOTOPEÇAS

FÉRIAS TEMPOS LIVRES

Modelos de 1978 de tendas e atrelados a preços antigos

... pode sinalizar agora e pagar o restante quando for para férias

André JAMET

VITÓRIA DE MATOSINHOS

E OUTRAS MARCAS

Rua António Enes, 23 (à Av. Duque de Ávila)
1000 LISBOA — Telefone 53 96 20

HORÁRIO

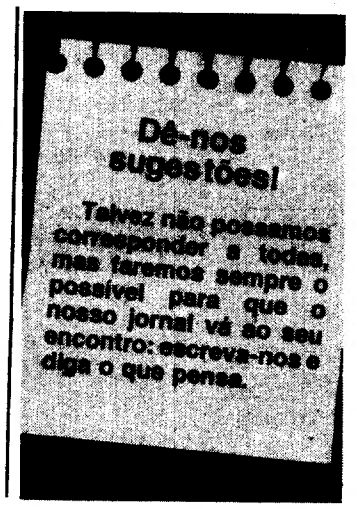
2.ª A 6.ª FEIRA: DAS 10 ÀS 20 HORAS
SÁBADO: DAS 10 ÀS 17 HORAS

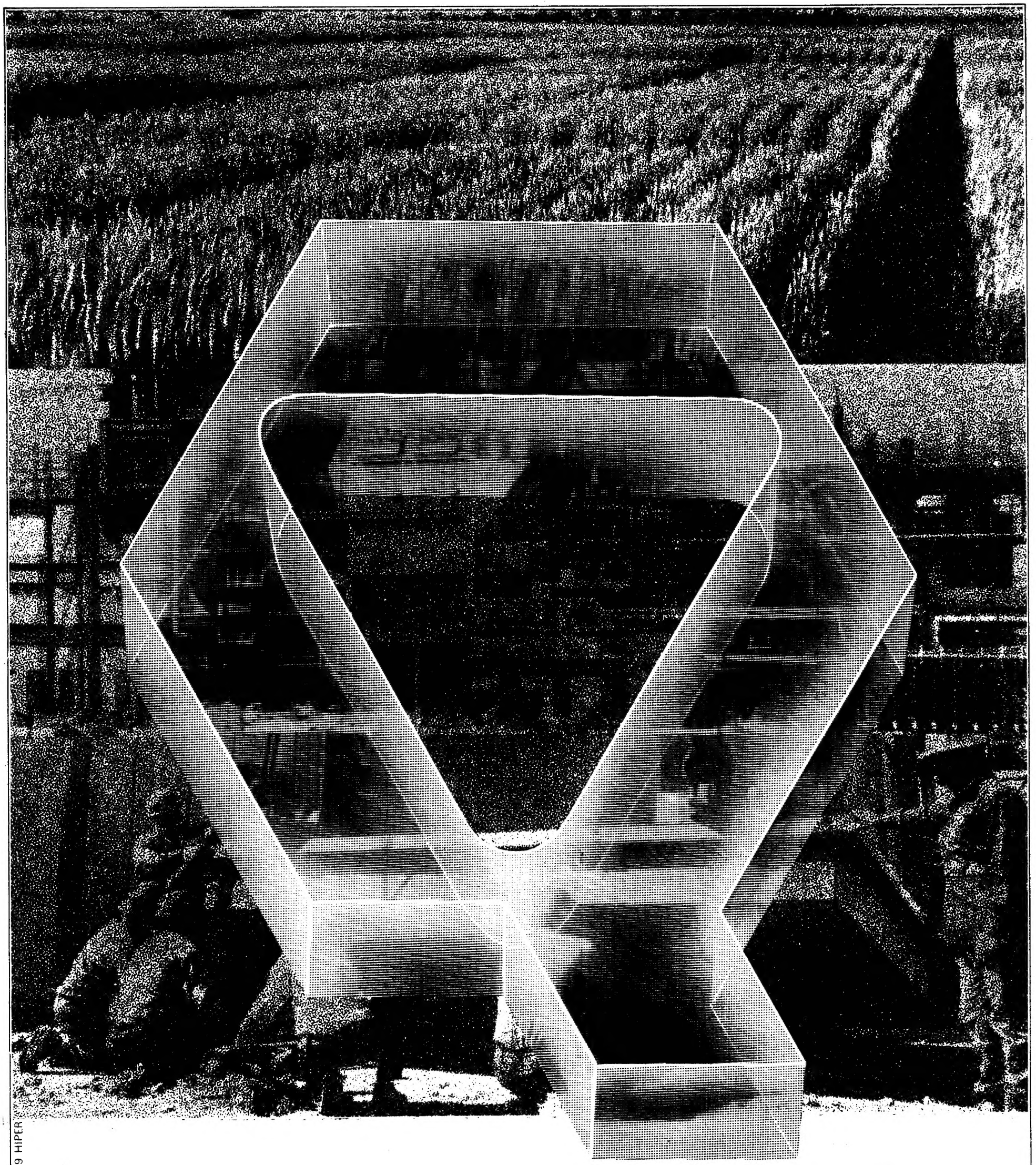
Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

Férias no ALGARVE

VIVENDAS E APARTAMENTOS
PREÇOS DESDE 250$00

Informações e reservas:
MUNDIRAMA
R.DO CRUCIFIXO, Nº 33
LISBOA 2 / TELEFS.
323633 / 324296
328856 / 363294
MUNDIRAMA
Estab. 1946





HQ-1/79 HIPER

produzir é realizar

Ir mais longe. Suprir as necessidades do país com produtos de qualidade. Fabricar mais e melhor. Competir no campo internacional. Resolver o futuro no presente.

Fertilizantes e pesticidas. Produtos para a pecuária. Produtos de química inorgânica, gases industriais e metais não ferrosos. Produtos de química orgânica. Plásticos, fibras e derivados. Produtos de grande consumo. Têxteis para o lar.

QUIMIGAL QUÍMICA DE PORTUGAL, E.P.
Av. Infante Santo, 2 — 1399 LISBOA CODEX

• ESPAÇO SOCIAL • ESPAÇO PUBLICO • ESPAÇO BUROCRÁTICO •

Modestíssimo contributo para a reforma da mentalidade portuguesa (burocrática!!!)

R. TOULSON A. LEITE

Ao título em epígrafe, imodesto apenas em primeira aproximação, deveríamos ter intercalado locução, ou acrescentado algo, que de imediato e em antecipação nos descomprometesse. De poder pensar-se que alimentamos alguma veleidade de, sem hesitações, supormos que a reforma da mentalidade portuguesa seria susceptível de iniciar-se, para além da reforma das instituições já realizada e passados que estão cinco anos, mas sem revelações significativas por parte de muitos dos que se deveriam ter já «dado ao respeito». Discutindo apenas e analisando, um de cada vez, aspectos particulares mais salientes, e expressivos diga-se, do comportamento cívico e oficial de alguns dos mais representativos componentes da nossa sociedade que melhor nos pudessem servir de exemplo nestas nossas reflexões momentâneas.

Diz Fernando Namora, no seu estilo de fecundo pensador e vigoroso prosador, que citamos com a devida vénia e muita humildade: **«Por isso, o homem foi sucessivamente recriando o seu contexto, ao mesmo tempo que por ele foi sendo sucessivamente recriado.»** (de «Um país desfigurado», «O Jornal»-22.IV.77). Dito de outra maneira, não o mesmo evidentemente, mas noção que admitimos afim, embora de sentido dinâmico a do novo recurso e estática a precedente; de resto, também de citação, mas já por nós transcrita («Diário de Lisboa»-17.VI.78): **«(...) amplas modificações sociais e instituições terão impacto directo sobre o tipo de personalidades que se desenvolvem no seio de uma sociedade. Isso não significa, no entanto, que modificações alterariam apreciavelmente estruturas de personalidade que já existem»** (in «Basic Studies in Social Psichology», New York 1966, E.F.-Brunswisk, D.J. Levinson, R.N. Sanford).

Mentalidades burocratizadas que, pelas justificações enunciadas e que admitimos aplicáveis, se recusam impedernidamente a alterar-se face a sólidas imposições do meio, em vias de inegável ou potencial rejuvenescimento e renovação, seriam convincente exemplo de certa «paralisia» ou imobilidade em que a nossa vida pública oficial, inalterada, ainda se contém.

Desinteressada, sem dar mostras concludentes, inequívocas e esperançosas, por parte de muitos dos responsáveis em evidência, de que se aceita e lhes convém, a aceleração que nos incitaria e nos convidaria a mudar de hábitos, para através dessa modificação imperativa, ponderada e racionalmente exequível, se atingirem, vencendo deliberadamente todas as inércias, os objectivos bem fundados e concordados, determinantes da evolução incessantemente progressiva. «É preciso», urgentemente, «repensar Portugal».

«É preciso», urgentemente, «discutir Portugal». É preciso «Um projecto para Portugal». É urgente «um reencontro» em Portugal. Mas, são necessários exemplos, são necessárias noções, definições, demonstrações, dados concretos, críticas realistas e construtivas. Numa síntese, como também tem sido suplicantemente clamado: **res non verba,** coisas (mesmo) não (só) palavras!!!

Assim, pois, apetrechado com este ferramental discursivo e animado do maior respeito e da melhor boa vontade, analisaremos, sumariamente, em presença de dois textos de dois documentos oficiais, posições neles assumidas que nos merecem (!) dois humildíssimos reparos, talvez não ingénuos, talvez de alguma utilidade.

«Diário do Governo», I Série, 23.Fev.65, página de frontespício, e «Diário Municipal», 3.Out.77, igualmente página de frontespício. Obtendo-se assim, com este destaque, foros de notabilidade ou notoriedade. Respectivamente, para uma «Rectificação» a um Decreto-Lei de outrem e para um «Despacho» que, mesmo actuando burocraticamente, se poderia ter transformado em sumaríssima nota (ou ordem!!!) de serviço interna. Ou, talvez, mais simplesmente ainda, transmitindo a «determinação» por telefonema aos Serviços (D.S.O., D.S.U. e G.T.H) para se encurtarem os passos numerosos que terão resultado do processo que laboriosa e rebuscadamente se adoptou. Isto é, sem necessidade, nem vantagem, de vir a público. A não ser que se tivesse pensado, ordenando (!) a sua impressão em folha oficial, que essa via reforçaria autoridade onde, parece e é para nós lógico supô-lo, não existiria ou se anularia sem essa precaução.

Ressalvem-se-nos o destaque e sublinhados em textos oficiais. E que têm apenas em vista, economia de meios de transmissão de ideias. Encurtando passos de análise, pensamos poder apelar para a boa compreensão dos leitores, pedindo-lhes que estabeleçam as relações que assim tenhamos podido, eventualmente, salientar

De resto, na reunião pública mensal da Vereação de Lisboa, de 26.Mar.79, nos Paços do Concelho, discutiu-se, com alguma demora em debate, a propósito de certa pretensão de letreiro toponímico, em Lisboa, para a Ponte Sobre o Tejo. Se um ofício do Presidente da C.M.L. ao Ministro das Obras Públicas podia ser considerado suficiente para se ter o assunto resolvido. Ou, e esta alternativa foi por alguns argumentadores considerada mais forte (!), se não seria preferível que fosse o executivo colegial camarário, como um todo – 17 Vereadores ou a sua máxima força representativa – que assinasse, de uma assentada, esse pedido em conjunto!!! Na tentativa, ainda assim com esta reserva era a «démarche» considerada, de se «subjugar», pela evidência dos poderes municipais em «uníssono», outros poderes da administração pública. Burocraticamente, então, talvez fosse de sugerir, sem diminuir ou insinuar fraqueza ao executivo camarário, e fazemo-lo nós daqui, como munícipe suficientemente interessado nessa questão, que talvez, através dos canais ou circuitos de competências e de pelouros, fosse viável um ofício (ou assinado pelo Presidente da C.M.L. ou por toda a Vereação, o que para nós, permita-se-nos, é rigorosamente o mesmo), mas para o Ministério da Administração Interna. E daqui, concordando-se com a sugestão, fosse a pretensão transmitida ao serviço capaz de resolvê-la em termos práticos – executar um letreiro toponímico e colocá-lo no local desejado, ou votado por maioria, pela Vereação de Lisboa.

É claro, que é de admitir que neste último departamento público se pudesse, por alguma razão, discordar da pretensão. Não fora ela discutida, e há tanto tempo, como também viemos a saber, antes de ser decidido levá-la para outras esferas de competência. No entanto, a nosso ver, não dispensaria essa alternativa uma resposta em prazo necessariamente mínimo.

Porquanto, quanto a nós ainda, uma carta ou um ofício, se solicita ou implica uma resposta, tem de tê-la sempre, sem excepções. É excessivamente cómodo, para não dizer incorrecto, deixar inatendida uma carta, esquecida como se nunca tivesse sido escrita. Aconteceu isso, segundo ainda a referida reunião pública mensal da Vereação de Lisboa, com a pretensão de um vereador ou de órgão político da C.M.L., que, no âmbito dessa mesma proposta toponímica, se dirigiu de uma vez, há bastante tempo, por ofício, isto é, com carácter oficial ou oficioso, a entidade suposta competente para resolver a solicitação formulada.

Ou para, diríamos nós nesta oportunidade, na impossibilidade de se lhe dar seguimento favorável, se declinar o «convite». Mas, justificando, sem receio, a razão invocada para a negativa.

Faremos notar, no entanto, para maior clareza da nossa exposição, e das nossas presentes intenções, que a pretensão da Vereação de Lisboa, era a de que fossem colocadas no pilar da Ponte, como se encontra já executado no da margem esquerda, ou algures ali, as letras de «25 de Abril», além das de Ponte que no primeiro pilar se mantiveram. Nada teríamos a objectar a este desígnio se encarado do ponto de vista político ou social, aqui, no entanto, se de segurança momentânea no tempo histórico. O «25 de Abril», saiba-se claramente, vêmo-lo ou

Continua na pág. 22

A gravura é elucidativa de que neste «arruamento» a placa toponímica definitiva não foi afixada no edifício que se contém dentro do jardim a que dá acesso o portão decorado com ornatos curvilíneos. Este letreiro tem, internamente, nos Serviços Camarários, o nome de tipo «Restelo». E prova à evidência, que também letreiros, além de buracos nas ruas, necessitam de restauro. De letras pintadas nos sulcos esculpidos das cantarias das placas

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

DIVISÃO DO PATRIMÓNIO

CONCURSO PARA ARRENDAMENTO DE LOJAS EM CHELAS

1 — Faz-se público que até às 17 horas do dia 4 de Junho de 1979 são aceites propostas no Fundo de Fomento da Habitação — Divisão de Património — Av. Columbano Bordalo Pinheiro n.º 87-7.º-1093 LISBOA CODEX (Telf: 769951/4):

2 — É posta a concurso público a adjudicação da loja A do lote 105 da Zona I do bairro de Chelas com a área de 266,8m2, nas condições expressas no «Programa» que se encontra patente, todos os dias úteis, no local referido em 1), onde pode ser consultado dentro das horas de expediente.

Divisão de Património do F.F.H., em 26 de Abril de 1979.

O CHEFE DA DIVISÃO,
António Augusto Serralha Ferreira

Electricidade de Portugal, EDP /Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 13 de Maio, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALCOCHETE: Rio, Depósito, Ratada, Valbom, Chão do Conde, Sousa Vinagre, Terroal, Cheia e Entroncamento, das 07h 00m às 14h 00m.

CONCELHO DE PALMELA: S. Gonçalo, Vila Amélia e Melão, das 06h 00m às 18h 00m.

CONCELHO DO SEIXAL: Alto do Moinho, Berta e Vale de Milhaços, das 08h 00m às 12h 00m

Lisboa, 12 de Maio de 1979
ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E. P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

Manuel Fernandes Camacho

S. VILA DO SEIXAL R.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

2.ª SEMANA CULTURAL DO CONCELHO DO SEIXAL FESTAS POPULARES DE S. PEDRO

A Câmara Municipal do Seixal recorda a todos os interessados no Concurso de Fotografia «SEIXAL-CONCELHO DE TRABALHADORES» e no Concurso de Cartaz das Festas, oportunamente anunciados, que terminam os prazos para entrega dos trabalhos, respectivamente a 31 e 15 de Maio.

Para todas as informações devem dirigir-se, os interessados à Rua Carpinteiros de Machado, n.º 18, R/C — Seixal.

Seixal, 10 de Maio de 1979
O Presidente da Câmara Municipal
(Eufrázio Filipe Garcez José)

Trabalhadores contra repressão e despedimentos

• Sorefame paralisa 2.ª feira
• Trabalhadores das empresas atingidas reúnem hoje na Mague
• Ampla acção provocatória do patronato e do Governo

Membros de Comissões de Trabalhadores, dirigentes e delegados sindicais das empresas da região de Lisboa que estão a ser alvo de uma, aparentemente, concertada ofensiva patronal e do Governo, traduzida no desrespeito dos contratos colectivos e em dezenas de suspensões e despedimentos que atingem, sobretudo, os elementos mais activos na defesa dos interesses dos trabalhadores, reunem esta tarde na Mague, com o objectivo de estudar as medidas adequadas de resposta a essa repressão administrativa e salarial.

Um exemplo significativo de tal ofensiva ocorreu anteontem, com a decisão na Administração da Sorefame de despedir três trabalhadores, e a suspensão por oito e nove dias de mais onze, todos membros do executivo da Comissão de Trabalhadores e do secretariado da Comissão Intersindical. Como resposta imediata a, praticamente, totalidade dos restantes trabalhadores paralisou durante o dia de ontem e está marcada, já para segunda-feira próxima, uma greve de 24 horas como forma de protesto e para exigir a imediata reintegração dos colegas despedidos.

O motivo invocado pelos «gestores» da empresa – cuja recuperação tem vindo a ser feita essencialmente com o esforço dos trabalhadores – prende-se com a conferência de Imprensa dada há semanas pela CT e respectiva comissão intersindical, para divulgação e denúncia da situação económico-financeira da Sorefame agravada pelo desrespeito por parte do Governo pelos compromissos assumidos perante aquela importante unidade industrial da Amadora. Registe-se, a propósito, ainda, as invulgares tradições de luta dos trabalhadores da Sorefame, já em pleno fascismo, na defesa dos seus interesses profissionais e de classe e que não deixará de pesar na forte unidade dos trabalhadores, já demonstrada, aliás, na paralisação de anteontem.

Esta ofensiva, de que a Sorefame é apenas um exemplo, poderá, entretanto, articular-se com as recentes propostas legislativas do actual Executivo designadamente o projecto-lei da Defesa Nacional e o plano já anunciado pelo MAP de destruição da Reforma Agrária, que demonstram a arrogante e, de algum modo provocatória, indiferença de Mota Pinto e seus ministros face ao repúdio popular pela sua política (vide manifestações de 25 de Abril e 1.º de Maio) e à própria hostilidade já manifestada pela maioria dos deputados, na Assembleia da República, contra o IV Governo.

Como exemplos da ofensiva patronal e governamental na repressão contra as estruturas dos trabalhadores – ofensiva que visa, no dizer dos organizadores do Plenário da Mague, impedir a persistência da luta contra o aumento do custo de vida, contra a estagnação de salários e contra o aumento da exploração – conhecem-se já alguns traços mais salientes.

No que toca a **salários em atraso,** conhecem-se os casos de variadas empresas como a Somapre, Icesa, Cim, Precix, Ipe e Novobra, empresas que têm vindo a pagar os salários sistematicamente fora dos dias normais, ou que não pagam por inteiro nem retroactivos dada a situação financeira difícil, devido à dependência da Banca e dos clientes, muitas vezes sem justificação.

Outro dado dessa ofensiva prende-se com **aumentos salariais selectivos,** visando a divisão dos trabalhadores e retracção dos mais destacados, particularmente dos membros das CT's e dos delegados sindicais, com aumentos para os quadros, chefias ou por «mérito».

Outra modalidade utilizada são os **contratos a prazo** destacando-se a esse nível empresas do ramo da construção civil, comércio, hotelaria e os casos recentes da RTP e Radiodifusão Portuguesa.

Os **despedimentos colectivos** estão igualmente a ser ensaiados, estando a preparar-se terreno em várias empresas, com alguns casos já consumados: Precix, Cim, Comportel, Franky, Sugal, Standard Electric, etc.

Relativamente aos entraves e proibições de afixação ou distribuição de propaganda sindical e política e ao ataque às estruturas dos trabalhadores (retirar salas ou impor condições de uso, limitar créditos de horas aos membros das CT's e delegados sindicais, etc.) há numerosos casos detectados, sobretudo em empresas da Amadora, Mafra e Azambuja e que incluem, como ocorreu na Sorefame processos disciplinares, suspensões, despedimentos, criando a instabilidade nas empresas e afectando a respectiva recuperação económica.

Terminada ontem a greve do sector hoteleiro, a Federação dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria saudou os trabalhadores em luta. A mesma Federação considerou altamente positivo o grau de adesão verificado, apesar de, sobretudo no Norte algumas entidades patronais terem usado todos os meios para desmobilizar a greve.

Entretanto, a Federação decidiu iniciar nos primeiros dias da próxima semana contactos com os órgãos do Poder e, nomeadamente, exigir do Ministério do Trabalho a publicação da PRT para o Norte e da portaria de extensão para o Centro e Sul.

NA TORRALTA

A fim de analisarem os resultados da greve, os trabalhadores da Torralta - Algarve reuniram ontem à tarde.

Chegou-se à conclusão, no aspecto da aderência à greve, que sè atingiu o objectivo pretendido, de, aproximadamente, 80 por cento.

No Hotel Golfinho, onde a repressão mais se fez sentir na Torralta, os trabalhadores, contrariamente ao que pensava a direcção daquele hotel, responderam com uma adesão na ordem dos 82 por cento.

«Poderá o patronato, demagogicamente, dizer que não foram afectados os seus serviços, mas sabemos bem, mesmo com o número de trabalhadores contratados a prazo, que não participaram na greve, o elevado grau em que foi afectada a laboração da empresa.»

MURPI: Previdência não é banco

«Contraprovando a ausência de sentido social e de espírito humanista do Governo, o memorial do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social entende que o Orçamento Geral do Estado não poderá prescindir da transferência de um milhão e 800 mil contos do orçamento global da segurança social».

O Movimento dos Reformados Pensionistas e Idosos (MURPI), é quem denuncia a «manobra». Para o MURPI, «o Governo é, assim, coerente, com a missão que foi cumprir; está bem na linha da filosofia capitalista, que considera o homem unicamente como instrumento produtor de riqueza». Os reformados, pensionistas e idosos «rejeitam tal política; não aceitam o desvio de dinheiro da Previdência para o O.G.E. não por egoísmo, mas porque o injusto sacrifício elitista que lhes é imposto se destina apenas a poupar os grupos sociais com capacidade económica».

Para análise da situação que o actual Governo pretende criar, o MURPI vai reunir no próximo dia 19, a partir das 15 horas no Coliseu.

A empresa mista luso-guineense Dicol, detentora em exclusivo do fornecimento de combustíveis líquidos na Guiné-Bissau, encerrou o exercício de 78 com saldo positivo.

A participação portuguesa, de 30 por cento, pertence à Petrogal, parceiro da empresa pública guineense Armazéns do Povo

---

S. R.

VILA DO SEIXAL

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

DAS COMISSÕES DE RECENSEAMENTO

DE 2 A 31 DE MAIO DE 1979

(ART. 18 E 19 DA LEI N.º 69/78 DE 3 DE NOVEMBRO)

FREGUESIAS	LOCAL DE FUNCIONAMENTO DAS COMISSÕES RECENSEADORAS	HORÁRIO	
		DIAS	HORAS
AMORA	SEDE DA JUNTA	3.ª e 4.ª	Das 21.30h às 23h
		Sábados	Das 10.30h às 12h
ARRENTELA	SEDE DA JUNTA	3.ª, 5.ª e 6.ª	Das 19h às 21h
CORROIOS	SEDE DA JUNTA	De 2.ª a 6.ª	Das 21.30h às 22.30h
		Sábados	Das 16h às 18h
PAIO PIRES	SEDE DA JUNTA	2.ª, 4.ª e 6.ª	Das 19h às 20h
SEIXAL	SEDE DA JUNTA	4.ª e 6.ª	Das 21.30h às 22.30h

Seixal e Paços do Concelho, aos 23 de Abril de 1979

O PRESIDENTE DA CÂMARA
(Eufrázio Filipe Garcez José)

PAGAPOUCO — PAGAPOUCO

PAGAPOUCO

Domingo 13 de Maio

DIA de FESTA

em

COVA DA PIEDADE - ALMADA

PAGAPOUCO Inicia as Comemorações do seu

4.º ANIVERSÁRIO e REMODELAÇÃO

com a exibição do famoso

Rancho Folclórico de Santo Estêvão de Tavira

A partir das 15 horas vá pois ao

PAGAPOUCO

Avenida Rainha D. Leonor, 8-8A-B-C

ver o Rancho de Santo Estêvão

Aproveite e veja o **BOLO GIGANTE** em exposição (200 Kgs.) que o **PAGAPOUCO** oferece na próxima 2.ª feira dia 14 a todos **os seus clientes**

PAGAPOUCO — PAGAPOUCO

A TIA HELENA

Pois é verdade, tal como vos prometi a semana passada, vou hoje falar-vos um pouco mais de teatro, uma vez que a história desta semana tem como personagens dois bichos muito vossos conhecidos, sobretudo os protagonistas. A propósito, vocês sabem o que significa a palavra «protagonista»? Claro que os mais crescidos já sabem, mas os mais pequenos, saberão? Ora protagonista quer dizer «figura principal» e na nossa peçazinha de hoje as figuras principais são dois gatos, ou melhor, um gato e uma gata, animais que todos, mas todos vocês conhecem muito bem. Há ainda uma outra personagem, «uma figura secundária», que é a Dona Coruja, que a maioria de vocês com certeza também conhece, quanto mais não seja de ver nos livros.

Mas voltando ao nosso teatro, vou hoje falar-vos de quando e como surgiu o teatro. Vocês têm alguma ideia? O que é que acham, o teatro é recente ou antigo? Quando é que apareceram as primeiras pessoas a fazer teatro?

Pois bem, o teatro, ou melhor, as acções dramáticas que deram origem ao nosso teatro de agora, surgiram há mais de 2.500 anos, na Grécia Antiga. E querem saber como? O teatro teve origem numa cerimónia religiosa.

É verdade, no culto que os gregos prestavam a um dos seus deuses, porque eles adoravam vários deuses, como aliás aconteceu com todos os povos antigos até certa altura. Esse deus chamava-se Dionísios e era filho de Zeus, o pai dos deuses, e de uma mulher (portanto uma mortal).

Dionísios é o deus que morre no Outono e ressuscita na Primavera; é ele que vence a morte, impulsionando a seiva na terra e no homens.

Muitas coisas interessantes vos poderia dizer a propósito do culto que se prestava a este deus e do significado desse culto, mas o espaço de que disponho não mo permite e portanto terei que ficar por aqui.

Dir-vos-ei apenas mais que foi a partir desta cerimónia, – que se iniciava ao ar livre, no campo ao redor de uma árvore, com danças e jogos de que participava o povo, novos e velhos, homens e mulheres, e que terminava no templo do deus com grande solenidade – , que surgiu a tragédia grega.

E continuamos na próxima semana.

E agora vamos à nossa história.

«UMA HISTÓRIA DE GATOS»

1.ª CENA

Esta cena passa-se em cima de um telhado onde há uma chaminé. Na chaminé está empoleirada a D. Coruja. O gato espreguiça-se muito satisfeito.

Gato – **(miando de prazer)** Unnh! que linda noite!

O céu cheio de estrelas, a lua a brilhar, que maravilha!

Como é bom estar assim, cá em cima, tão perto das estrelas!

Coruja – Que romântico que o senhor gato está esta noite!

Não estará, por acaso, apaixonado?!

Gato – Ah! Dona Coruja, está aí?

Boa noite.

Coruja – Boa noite, amigo gato.

Mas... diga-me uma coisa: porque é que está hoje tão romântico?

Gato – Ora, dona Coruja, a senhora sabe muito bem que nós, os gatos dos telhados somos assim, uns sentimentais!...

Coruja – Lá isso é verdade, amigo gato, lá isso é verdade.

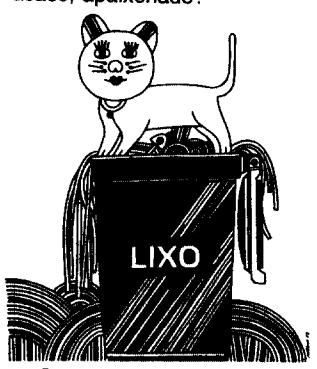
Deve ser por estarem mais perto da lua, das estrêlas, sei lá!...

O amigo sabe, eu também sou muito romântico!...

Gato – Não se nota nada... quer dizer... é verdade, a dona Coruja parece muito romântica, uma verdadeira sentimental!

Coruja – Pois sou, o amigo gato nem imagina...

Mas... nós não estávamos a falar de mim, era de si, do seu ar romântico!... Diga-me, o meu amigo não estará, por acaso, apaixonado?



Gato – Eu, dona Coruja?! Que ideia a sua! Estou agora apaixonado!...

Então a senhora não sabe que estamos no Verão e os gatos costumam apaixonar-se é no Inverno, em Janeiro?

Coruja – Ora, ora, isso é o que se diz...

Pois a mim, ninguém me convence do contrário, o meu amigo está apaixonado, não quer é confessar.

Gato – Então, dona Coruja!... A senhora sabe muito bem que não tenho segredos para si. Conhecemo-nos há muito tempo, moramos no mesmo telhado, somos vizinhos e amigos...

Coruja – Eu sei tudo isso, amigo gato, mas...

Gato – Pode crer, dona Coruja, que ainda não dei por estar apaixonado...

É verdade que este meu romantismo... as estrelas... o luar... oh! o luar, como é lindo o luar!...

Coruja – Eu bem digo... eu bem digo!

O que o amigo gato está é apaixonado.

Aí anda gata, olá se anda! **(Ouve-se miar ao longe, um miar fininho e muito meigo que se ouve até ao final desta cena).**

Gato – (apressado) A dona Coruja desculpe mas tenho que ir. Estou já um pouco atrasado...

Coruja – **(rindo)** Então que pressa é essa assim de repente?!

O meu amigo parecia tão descansado...

Gato – Pois era, dona Coruja... mas lembrei-me agora mesmo que tenho um assunto muito importante a tratar...

Coruja – Deve ser importante, deve!... para uma pressa dessas!...

Gato – Sabe, dona Coruja, é que eu...

Coruja – Vá, vá, amigo, não o prendo mais. Os assuntos importantes... como o seu, devem ser tratados com muito cuidado.

Gato – Então, adeus, dona Coruja!

Coruja – Adeuzinho, amigo gato.

(O gato sai e a Coruja fica a rir baixinho, muito divertida)

2.ª CENA

Uma rua muito suja, com caixotes do lixo e porcarias espalhadas pelo chão (a fingir, para não sujar o «palco»). A gata está a remexer num caixote e entra o gato.

Gato – Olá, boa noite!

Gata – Boa noite.

Gato – Então o que é feito?

Gata – Ora, nada de especial; ando aos caixotes, como de costume...

Gato – Pois, és uma teimosa, não aceitas o meu convite...

Gata – O teu convite? Qual convite?

Gato – O convite que eu te fiz, não te lembras?! Não me digas que não te lembras?!

Gata – Lembro, claro que me lembro... Mas sabes é que eu...

Gato – Tu o quê?!... Não me digas que tens medo de vir comigo?!

Gata – Eu?! Não, que ideia, não é isso!...

Gato – Tu és uma pateta. Nem calculas...

Gata – Sabes, é que eu...

Gato – Se tu soubesses as coisas boas que há nos telhados para a gente comer!...

Lagartixas, ratinhos deliciosos, sem falar nas coisas boas que os amigos dos gatos deitam para os telhados para nós comermos.

Gata – As pessoas deitam coisas para os telhados? Mas como?!

Gato – Ora, dos prédios mais altos. É preciso saber escolher um bom telhado.

E pessoas que nos estimem, claro.

Gata – Pois aqui na rua e nos quintais as pessoas passam a vida a enxotar-me... Parece que não gostam de mim!...

Gato – Não digas isso! Uma gatinha tão bonita!

Mas porque não vens comigo para o telhado? Lá ninguém te fará mal, verás.

Gata – Mas... e se eu escorrego e caio do telhado? E se tenho vertigens?

O teu telhado é tão alto!

Gato – Vê-se mesmo que és uma gatinha medrosa.

Os gatos não escorregam nos telhados... E quanto a ficares tonta, não tenhas receio; nunca olhes para baixo, olha sempre para cima, para o céu que é tão bonito!. Então à noite, quando as estrelas estão todas a brilhar!...

Gata – Estás quase a convencer-me.

E... e se eu tenho saudades de viver cá em baixo?

Gato – Podes voltar sempre que queiras. Mas eu não acredito que possas sentir saudades da vida horrível que aqui levas, sempre cheia de fome, maltratada pelas pessoas... A não ser que haja alguém de quem tu gostes e não queiras deixar... Algum namorado... algum amigo....

Gata – Não, não, nada disso. Eu não tenho namorado. Nem amigos.

Quer dizer, o meu único amigo és tu.

Gato – Então está decidido, pronto. Vens comigo para o telhado. Verás como é bom viver lá em cima!

3.ª CENA

Novamente em cima do telhado, apenas os dois gatos conversam.

Gata – Unnh! que lindo que isto é! Que sol tão quentinho!. E o céu como é bonito! Que bom que é estar no teu telhado!

Gato – Eu não te dizia? E verás logo à noite, é ainda mais bonito! Mas agora vamos caçar, está bem? Estou cá com uma fome!

Gata – Mas eu não sei caçar!...

Gato – Não sabes caçar?! Todos os gatos sabem caçar!...

Gata – Eu não sei. Andava sempre escondida, cheia de medo que me batessem e nunca aprendi a caçar.

Gato – Bom, não faz mal, eu ensino-te. Verás como é divertido.

Gata – E o que é que vamos caçar?

Gato – Veremos o que aparece: uma lagartixa, um rato, talvez mesmo um pássaro desprevenido...

Gata – Passarinhos não, se não te importas. São tão bonitos! Eu era lá capaz de comer um passarinho!... Mas um ratinho... Lá em baixo na rua hávia muitos, mas eu nunca cacei nenhum. Não tenho jeito, sabes...

Gato – Ora, não digas isso! Uma gatinha esperta como tu, tem com certeza jeito para caçar um rato. Eu ensino-te e verás como é fácil. Fácil e divertido. Nada mais divertido do que brincar ao gato e ao rato!

Gata – Então vamos caçar, vamos!

Depois quero deitar-me ao sol e dormir uma soneca. Lá em baixo quase nunca podia fazer isso; havia sempre alguém a enxotar-me.

Gato – Pois aqui ninguém te incomodará. Vais poder dormir ao sol todo o tempo que quiseres.

Gata – Que bom, sinto-me tão feliz! Foste tão bom para mim!

Gato – Ora, não digas isso! Eu gosto muito de ti, sabes?!

Gata – **(disfarçando)** Vamos caçar, vamos?

Gato – Vamos!

(Correm em várias direcções, como se andassem à procura, com muita alegria, e saem de cena)

4.ª CENA

Em cima do telhado. É de noite. A dona Coruja está novamente empoleirada na chaminé. O gato e a gata estão do lado oposto ao da chaminé muito entretidos a conversar mas não se ouve o que eles dizem (esta conversa dos dois gatos é feita só com gestos e movimento dos lábios).

Coruja – Olha quem ali está, o meu amigo gato! E não está sozinho!

Vou chamá-lo; sempre quero ver quem é o outro gato que está com ele. **(Chamando)** Amigo gato, oh! amigo gato! Então nao ouve? Amigo gato!...

Gato – Olha a dona Coruja!

(Aproximam-se) Desculpe, estava tão entretido...

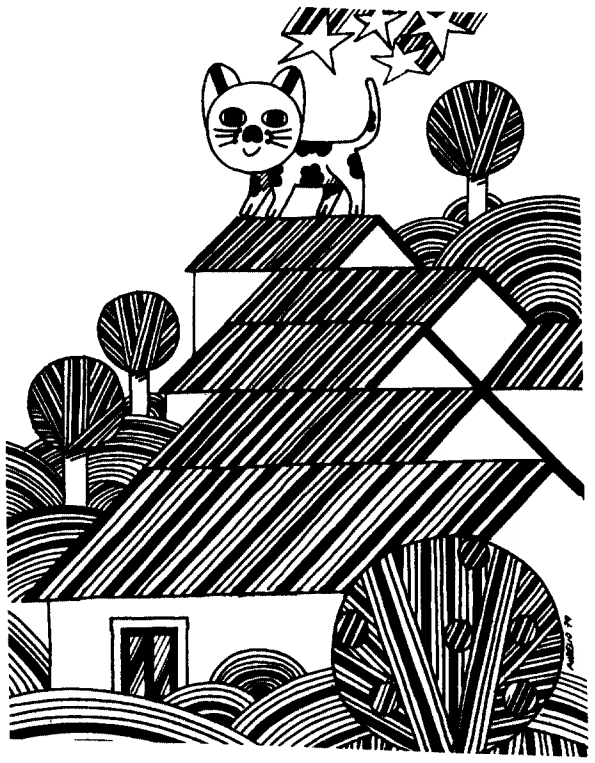
Coruja – Eu vi, eu vi que o meu amigo estava entretido...

Gato – A Dona Coruja dá-me licença que eu lhe apresente aqui a minha amiga...

Coruja – A sua amiga?!... Muito bem, sim senhor, tenho muito prazer em a conhecer. Uma coruja às suas ordens.

Gata – Também tenho muito prazer em a conhecer, dona Coruja.

Sabe, nunca tinha visto ninguém como a senhora...



Coruja – O quê?! Nunca tinha visto uma coruja?! Mas de onde é que você veio?! Caiu, por acaso do céu? Vem de outro planeta?!

Gato – Nada disso, dona Coruja. A minha amiga vivia lá em baixo, na rua. E nas ruas das grandes cidades não é costume haver corujas, não é verdade?

Gata – Pois é. Lá onde eu vivia, não havia senão lixo e pessoas más que me estavam sempre a bater. Passava o tempo a fugir e a esconder-me...

Coruja – Pobrezinha!... Uma gata tão bonita!

Ela é mesmo bonita, não acha, amigo gato?

Gato – **(Com entusiasmo)** Pois é, é mesmo bonita!

Coruja – E você, minha amiga, tenciona demorar-se por aqui?

Gata – Não sei... vim com o meu amigo... quer dizer... ele convidou-me a vir para cá....

Coruja – Estou a perceber... estou a perceber....

Gato – O que é que a dona Coruja está a perceber?...

Coruja – **(Fazendo-se desentendida)** Ora... estou a perceber o que a sua amiga diz, o que é que havia de ser?...

Gato – É que a senhora está a falar de uma maneira!...

Coruja – E o meu amigo está a fazer-se desentendido, não é?

Gato – Eu?! Porquê?

Coruja – Ora, você sabe muito bem o que eu quero dizer.

Eu bem dizia, ontém à noite, que o meu amigo está apaixonado...

Gata – O quê?! Tu estás apaixonado?! Por quem?!

Gato – **(Muito atrapalhado)** Bom... eu... eu... quer dizer... eu...

Coruja – Vocês são mesmo dois patetas.

Então você não vê que ele está apaixonado por si?

Gata – **(Envergonhada)** Por mim?!

Coruja – Sim, por si. Olha que admiração!

E você, meu amigo, não olhe para mim com esse ar aflito.

Não vê que ela também gosta de si?

Os dois gatos ao mesmo tempo – Bom... eu...

Coruja – Vá lá, não sejam tímidos. E fiquem sabendo que quem vai ser a madrinha do casamento sou eu. Do casamento e da primeira ninhada de gatinhos!

Gato – Então, dona Coruja, onde a senhora já vai!...

Gata – A senhora tem cada uma!...

Coruja – Marca-se o casamento para amanhã, está bem?

Os dois – **(Com entusiasmo)** Está bem!

Coruja – Vou convidar o meu amigo Mocho para ser o juíz da cerimónia. Vai ser um lindo casamento, à luz das estrelas, como se fossem muitas velas a brilhar e com a lua a servir também de testemunha!

Gata – Que lindo?!

Coruja – E quando nascerem os vossos filhotes vai ser uma alegria neste telhado! **(Rindo)** Não me vão deixar dormir todo o dia!

Gata – Pois é, dona Coruja, enquanto forem pequenos são capazes de a incomodar...

Gato – Pois é. Mas nós teremos o cuidado...

Coruja – Ora, ora, deixem-se disso. Os meus afilhados não me incomodarão com certeza. As madrinhas nunca se incomodam com as diabruras dos afilhados. Até acham graça, ora essa!

Coitadinhas das crianças! É preciso deixá-las brincar à vontade, para que cresçam felizes e com saúde.

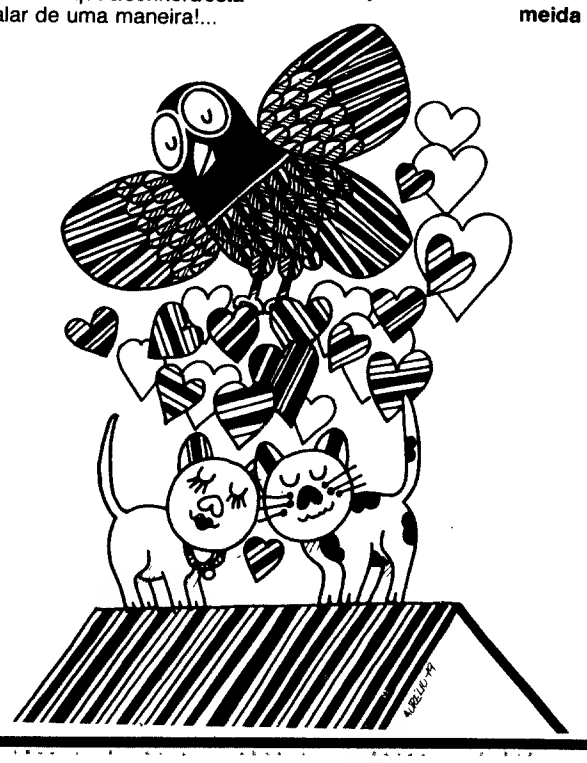
Gato – Obrigada, dona Coruja, a senhora é muito simpática!

Gata – Obrigada, por pensar assim dos nossos filhos!

Coruja – Vossos filhos e meus afilhados, não se esqueçam!

FIM

Helena Moedas
Ilustrações A. Santos Almeida



LITERATURA INFANTIL ● O QUE DIZEM OS AUTORES

Madalena Gomes: há mais quem escreva para crianças

Inquérito orientado por Soledade Martinho Costa

Nome: **Madalena Gomes**

Naturalidade: **Ponta Delgada – Açores**

Obras infantis publicadas:

CONTOS PARA A MARIA MADALENA
ZORA, A PEQUENA ÁRABE
O TESOURO DO MENDIGO
A MARIA PEQUENINA
COISAS FALANTES E OUTRAS HISTÓRIAS
O CROCODILO E O PASSARINHO
O LEÃO VEGETARIANO
ESTRELINHA, O GATO ASTRONAUTA

P – O que pensa do preço actual do livro?

R – O que eu penso sobre o preço actual do livro? Penso que é lamentável que os livros estejam tão caros, mas inevitável. Tal como qualquer outro «produto de consumo», o livro sofre da inflação que se verifica noutros sectores da economia nacional.

P – Acha que o trabalho do autor português de livros para crianças é suficientemente apoiado pelos nossos editores ou relegado para um segundo plano em favor de obras de autores estrangeiros?

R – Salvo raras e honrosas excepções, os editores não apoiam os autores nacionais para a infância. Preferem editar traduções, possivelmente mais rentáveis comercialmente falando.

P – Quanto às livrarias: Nas suas montras e escaparates reconhece que divulgam e acarinham, acentuadamente, os nossos autores de literatura infantil ou nesse capítulo dão primazia aos livros traduzidos?

R – Ressalvando uma ou outra livraria «de boa vontade» os livros de autores portugueses são preteridos por traduções e livros estrangeiros – porventura mais bem encadernados e ilustrados.

P – Aceita que a realização de programas radiofónicos para crianças têm sido orientados de modo a contribuir para a divulgação pela RDP das obras dos nossos autores?

R – Creio que há – pelo menos havia – programas da rádio em que são lidos contos de autores portugueses para a infância, contribuindo assim para a divulgação das suas obras.

P – Qual a sua opinião quanto à colaboração dos autores portugueses em trabalhos emitidos pelo Dp. de Prog. Infantis – Juvenis da RTP? Parece-lhe notória ao ponto de se fazer sentir que essa mesma colaboração existe?

R – A colaboração de autores portugueses em Programas Infantis e Juvenis da RTP peca por demasiado espaçada e irregular. Tem havido bons arranques, alguns programas conseguidos, mas há falta de continuidade.

P – Relativamente à Secretaria de Estado da Cultura, Fundação Gulbenkian, vários departamentos do Ministério da Educação, etc, entende que o apoio até agora prestado por esses organismos serve as carências de ordem geral incluindo as do próprio escritor ao nível da realização da sua obra?

R – A Fundação Gulbenkian, a Secretaria de Estado da Cultura e o Ministério da Educação, através dos seus vários departamentos, têm tido uma acção relevante no que diz respeito à literatura infantil, quer fomentando a edição de livros, quer promovendo a sua distribuição por escolas e bibliotecas. No que diz respeito à Fundação Gulbenkian só tenho a lamentar que mudasse os seus métodos de aquisição de livros. Dantes a comissão de leitura aceitava as obras **ainda manuscritas.** Se o livro era aprovado, reconhecida, portanto, a sua qualidade, o autor ou o editor podiam abalançar-se, sem risco económico, a editar o livro, pois a Gulbenkian adquiria parcialmente ou na totalidade os livros que aprovava. Hoje reserva-se o direito de adquirir os livros **já depois de editados.**

P – Que trabalhos tem na gaveta à espera de publicação? Tem obras para reeditar? Se já editou por conta própria por que o fez?

P – Tenho três originais no prelo e outros na gaveta à espera de publicação. Gostaria também de reeditar um dos meus livros, «COISAS FALANTES E OUTRAS HISTÓRIAS», depois de revisto e ampliado. Editei uma vez por conta própria. A razão? O desejo de publicar um livro com uma apresentação e uma ilustração «ao meu gosto».

P – Considera que em Portugal o escritor de livros para crianças pode viver exclusivamente da venda das suas obras?

R – Se o escritor de livros para crianças, em Portugal, pode viver exclusivamente da venda das suas obras? Longe disso! E muito menos «exclusivamente»...

P – O que pode adiantar sobre a utilização por parte das editoras de textos para livros escolares sem prévia autorização dos seus autores? Concorda com as alterações sofridas por vezes por esses mesmos textos?

R – Acho que o escritor para crianças se deve sentir lisonjeado por os seus textos serem considerados dignos de figurar em livros escolares. Quanto às alterações que porventura tenham de ser introduzidas, compete ao próprio autor fazê-las, no meu entender.

P – Quanto aos seus direitos de autor? Têm sido até hoje respeitados e protegidos? O que pensa deste assunto?

R – Quanto aos direitos de autor, à forma como eles são respeitados, todos nós somos um pouco vítimas, não é verdade?

P – Dizem que, praticamente, não existe crítica literária em Portugal. Sente que essa falta é importante no que se refere aos livros para crianças?

R – A crítica de livros infantis, tal como a de qualquer obra literária, é urgente e necessária. Mas quantas pessoas há à altura de criticar? De fazer crítica justa e construtiva?

P – No livro infantil que insignificado tem para si o pormenor da ilustração e da cor?

R – Acho que no livro infantil a ilustração e a cor são primaciais. Quanto mais jovem é a criança, mais necessita do atractivo da cor, da sugestão da imagem.

P – Quando se diz que não há renovação de autores portugueses de literatura infantil concorda com esta opinião?

R – Renovação de autores portugueses de literatura infantil? Não dei por isso. O que me parece é que o ciclo se alarga um pouco. Há mais quem escreva para crianças.

P – Quer dar uma sugestão sobre o que gostaria de ver concretizado respeitante ao papel do escritor português de literatura infantil na nova sociedade em que se encontra actualmente inserido?

R – O que eu gostaria de ver concretizado relativamente ao papel do escritor português de literatura infantil? Tantas coisas! Já não seria mau poder editar os originais que há «nas gavetas» e fazê-lo com a convicção de que se presta um «bom serviço» às crianças a que são destinados.

P – Que deseja para as crianças portuguesas neste Ano Internacional da Criança?

R – Que desejo para as crianças portuguesas neste Ano Internacional da Criança? O mesmo que lhes desejo nos outros anos e às crianças de todo o mundo: que cresçam sãs de corpo e de espírito. Por outras palavras: que não lhes falte o pão, a segurança, o carinho.

O grilo e a centopeia

Era uma vez um grilo que era muito avarento. Tudo o que ganhava com a cantoria era para amealhar. Chegava até a passar fome!

Ora, um dia, quando vinha dum concerto entre as ervas, passou por uma centopeia. Olhou para ela e lembrou-se da conversa que tivera com o seu amigo gafanhoto. Ele tinha-lhe dito: não há bicho tão económico como a centopeia! Era mesmo a companheira que te convinha.

O grilo, que tinha vontade de casar mas com alguém tão poupado como ele próprio era, resolveu não perder aquela ocasião. Aproximou-se da centopeia e propôs-lhe casamento. A centopeia pensou um momento e depois disse que sim.

Passados dias casavam.

Nos primeiros tempos tudo correu magnificamente. A centopeia era realmente um modelo de economia. O grilo, contente, gabava-a aos pais:

– Tive muita sorte com a companheira que escolhi. É ainda mais poupada do que eu!

– Espera até ela ir à sapataria – disse a mãe.

O grilo estremeceu.

– A sapataria?!...

– Sim, já pensaste em que ela tem cem pés e que, no mínimo, precisa de cinquenta pares de sapatos de cada vez?...

– Ah! Não tinha pensado nisso!

E o grilo ficou tristíssimo. A sua mãe tinha razão. Cinquenta pares de sapatos, mesmo modestos, eram uma ruína! A companheira ficava-lhe muito cara...

Chegou a casa muito mal disposto.

A centopeia, que o esperava à janela, estranhou o seu modo.

– O que tens? – perguntou.

– Penso nos teus sapatos... de quando precisares renovar os que tens nos pés.

A centopeia corou.

– Já esperava isto! Meu pai bem me avisou que não casasse contigo! Tens fama de avarento.

O grilo, que gostava muito da companheira, ficou aflito.

– Perdoa, não queria desgostar-te, mas a verdade é que preferia que não tivesses tantos pés...

– Que culpa tenho eu? Nasci assim!

O grilo, porém, não estava convencido.

– Mas precisas mesmo de ter tantos pés? – insistiu.

– Sabes para que os quero? – respondeu a centopeia, perdendo a paciência – É para fugir de ti!

E largou pela porta fora.

Arrependido, aflitíssimo, o grilo correu atrás dela e só parou quando a apanhou.

– Volta para casa! – suplicou – de que me serve o dinheiro se te perco a ti?...

A centopeia ainda se fez rogada, mas não por muito tempo.

Desde aí nunca mais o grilo se mostrou avarento com a companheira.

© – Livros do Brasil/College Trustees

Fiz café, bebi-o e tirei as cinco notas de cem de dentro da lata. Passeei para traz e para diante com uma chávena de café na mão, sentei-me, puz-me novamente de pé, sentei-me de novo. Li os jornais que se tinham empilhado à porta, de lés a lés. O caso Lennox começou com grande barulho mas no segundo dia já estava na segunda página. Havia uma fotografia da Sylvia mas nenhuma do Lennox. Havia uma fotografia minha que eu nem sabia que existia. E uma fotografia em ponto grande da casa do Lennox em Encino. Era um estilo pseudo-inglês com muitos telhados em bico e janelas que para serem lavadas não custava menos de cem dólares. E havia uma fotografia do pavilhão, que não era mais do que uma miniatura do edifício principal. Eu já tinha visto tudo isto quando estava na cadeia mas tornei a ler tudo com uns olhos diferentes. Não me dizia nada para além de que uma rapariga rica e bonita tinha sido assassinada e a imprensa fora bastante excluída. As influências tinham começado a fazer-se sentir muito cedo.

Mas havia um ponto que não pegava, o modo como ela tinha sido feita numa polpa. Ninguém seria capaz de me convencer que o Terry tinha sido o autor.

Apaguei as luzes e sentei-me junto da janela aberta.

Sentia comichões no pescoço e resolvi fazer a barba e tomar um duche. Fui para a cama e fiquei de costas à escuta como se longe, no escuro, pudesse ouvia uma voz, o género de voz calma e paciente que torna tudo claro. Mas não consegui ouvi-la e sabia que nunca a ouviria. Ninguém conseguiria explicar-me o caso Lennox. E a explicação era-me necessária. O criminoso tinha confessado e estava morto. Não haveria se quer um inquérito.

Como o Lonnie Morgan, do *Journal*, tinha frisado, tudo correra da maneira mais conveniente. Se o Terry Lennox tinha morto a mulher, óptimo. Não havia necessidade de o julgar e trazer à superfície toda a roupa suja. Se a não tinha morto, também estava bem. Um homem morto é o melhor bode espiatório que há. Nunca se pode defender.

65

FERIADOS DE JUNHO

Excursões Abreu — Viagens acompanhadas

AUTOPULLMAM

ANDALUZIA — Partidas: 2 e 16 de Junho — 10 dias
ESPANHA — ANDORRA — LOURDES — Partidas: 6 e 20 de Junho — 11 dias
MARROCOS IMPERIAL — Partidas: 9 de Junho — 11 dias

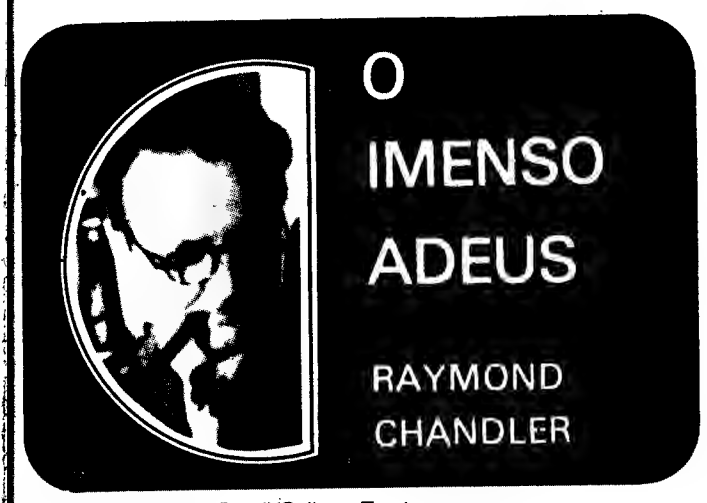
AVIÃO

AÇORES E MADEIRA — Partidas regulares 8 dias
AMESTERDÃO — Partida: 10 de Junho — 7 dias
ATENAS — Partida: 10 de Junho — 8 dias
GRANDE CIRCUITO ITALIANO — Partida 12 de Junho — 8 dias
LONDRES — Partidas: 3 e 10 de Junho — 8 dias
MADEIRA — Partidas regulares
NOVA YORK — Partida: 9 de Junho — 8 dias
SUÉCIA E DINAMARCA — Partida: 11 de Junho — 7 dias
TERRA SANTA — Partida: 12 de Junho — 8 dias
UNIÃO SOVIÉTICA — Partida: 12 de Junho — 8 dias

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 - Tel. 37 13 41
PORTO — Av. Aliados, 207 - Tel. 31 79 21
COIMBRA — Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO — Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL — Rua Gorgulho, 1 - Tel 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE, AO SEU SERVIÇO



© — Livros do Brasil/College Trustees

Na manhã seguinte fiz de novo a barba, vesti-me, guiei até à cidade e parquei no sítio do costume. Se o guarda sabia que eu era uma pessoa muito discutida no momento que se estava atravessando, em nada o mostrou. Subi as escadas, segui pelo corredor fora e abri a porta. Um tipo escuro observava-me.

— Você é o Marlowe?

— Sou. Que quer?

— Deixe-se ficar por aí — disse-me. — Há alguém que lhe quer falar.

Despegou as costas da parede e desapareceu com um passo lânguido. Entrei no escritório e peguei no correio. Havia mais sobre a secretária, posto pela mulher a dias. Depois de abrir as janelas rasguei os subscritos e deitei fora o que não queria, que era quase tudo. Liguei a campainha da porta, enchi e acendi um cachimbo e fiquei sentado à espera do que desse e viesse.

Pensei no Terry Lennox, mas já com mais calma. Todo ele, cabelo branco, cara riscada pelas cicatrizes, encanto de tipo fraco e orgulho muito especial, tudo começava a desaparecer na distância. Eu não o julgava ou analisava, assim como nunca lhe fizera perguntas sobre a forma por que tinha arranjado as cicatrizes ou casado com uma mulher como a Sylvia. Ele era como aqueles tipos com quem se travam relações a bordo, que julgamos ter ficado a conhecer bem mas que se não conheceram de todo. E só falamos com eles porque não temos alguém que nos interesse mais. Talvez tivesse sido o caso com o Terry e eu. Mas não foi bem isso. Ele pertencia-me em parte. Eu tinha perdido dinheiro e tempo com o tipo e mais três dias na gaiola, para não falar do murro nos queixos e no pescoço, que eu ainda sentia cada vez que engulia.

66

Era uma vez...

Ilustração de: João Martins

A Fantástica Tourada

de CARLOS PINHÃO

João ainda viu um bocado da corrida, antes de se ir deitar, mas foi o bastante aquilo que viu pela televisão para não achar graça nenhuma àquela história de andarem a espetar paus no pobre do toiro, depois de o cansarem e depois de o enganarem com aqueles panos e aquelas corridas em vão.

Foram deitar o João, custou-lhe a adormecer, a pensar naquilo que vira — e, mal adormeceu, logo se viu a ele próprio na arena, a correr montado no toiro, impedindo assim que os «toireiros» continuassem a maltratar o seu novo amigo.

Os «toireiros» ainda quiseram convencê-lo a passar para o lado deles, ofereceram-lhe um cavalo muito vistoso e que fazia umas cortesias muito bonitas, quiseram também que ele pegasse e usasse aqueles tais paus a que eles chamam farpas, mas João respondeu-lhes bem alto:

— Fiz a minha opção e não volto atrás!

João não sabia bem o que queria dizer aquilo que disse, mas lembrava-se muito bem de ter ouvido, há dias, precisamente essas palavras ao seu pai, quando ele estava a discutir com uns amigos. Não sabia bem o que queriam dizer as palavras, mas sabia bem que as tinha dito bem naquele momento e tanto assim que elas causaram uma profunda impressão não só nos «toireiros», mas também no público que enchia o Campo Pequeno.

... Agora, até já não enchia porque alguns espectadores começaram a retirar-se, logo que se tornou evidente que a tourada não prosseguiria, por causa daquele menino que, inesperadamente, ali aparecera, sem ninguém saber donde, e que tomara o partido dos toiros, demovendo os «toireiros» de continuarem a perseguir o pobre animal.

Alguns espectadores que se retiravam fizeram uns acenos simpáticos ao João, outros protestaram, mas João não se deixou impressionar, sabia o que estava a fazer, tomara o partido dos mais desfavorecidos, também já ouvira qualquer coisa ao pai nesse sentido e tudo lhe parecia, pois, certo e justo.

João e o toiro ficaram com a arena toda por sua conta e brincaram como se fossem dois garotos — ou como se fossem dois pequeninos toiros, porque os toiros também nascem, também começam por ser pequeninos e também brincam, como bebés que são, nessa idade.

Era uma brincadeira linda de se ver a de João e do toiro na grande arena deixada deserta. João a fazer de «toireiro» e, depois, o toiro a fazer de cavalo, com João montado, mas cómico, cómico era João a querer marrar no toiro, mas em vão, tão pequenino era que passava por baixo.

Até que o cavalo apareceu também para brincar. Apareceu meio-desconfiado, João e o toiro interromperam a brincadeira, houve assim um certo embaraço entre todos, mas o cavalo explicou-se bem:

— Deixem-me brincar também, eu estou com vocês, estou do vosso lado, consegui libertar-me do meu dono e espero que me recebam na vossa brincadeira.

O toiro, pouco convencido, abanou a cabeça, mas João disse:

— Por que não? O cavalo é bom, o cavalo não tem culpa do aproveitamento que dele se faz. O cavalo é um bom amigo do homem, trabalha a seu lado, mas a vida não é só trabalho.

O toiro acedeu e disse ao cavalo:

— Está bem, podes brincar, mas agora fazes tu de toiro, a ver se gostas... A brincadeira não

Continua na pág. 15

AÇORES
ÀS 6as FEIRAS E SÁBADOS
DE MAIO A OUTUBRO
S. Miguel - 1 SEMANA
Açores-Madeira
Circuito Açoreano
TERCEIRA-FAIAL-S.MIGUEL
7 OU 8 DIAS
PREÇOS DE SDE 6.250$
CONDIÇÕES ESPECIAIS P/GRUPOS
COMPARE OS NOSSOS PREÇOS
VIAGENS HORIZONTE
OPERADORES TURÍSTICOS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

EM
S. Pedro do Estoril
o Diário de Lisboa
é vendido por
Porfírio da Silva
Carreira

OLHE O PERIGO DE FRENTE!
Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo
circular e viver

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CAMARA MUNICIPAL DE LOURES
AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA
Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 13 (Domingo) das 8 às 15 horas, nas seguintes localidades:
BAIRRO S. TIAGO — CATUJAL — APELAÇÃO — UNHOS — MARTINS DO VALE — BAIRRO DO GRILO — BAIRRO DOS SOUSAS — OLIVAL BASTO — PONTE DA PÓVOA — BARRUNCHO — POVOA DE SANTO ADRIÃO E QUINTINHA.
Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 9 DE MAIO DE 1979
Pel'O engenheiro Director Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

DELEGAÇÃO PORTUGUESA NO IV CONGRESSO MUNDIAL DE PUBLICIDADE EXTERIOR, EM BERLIM

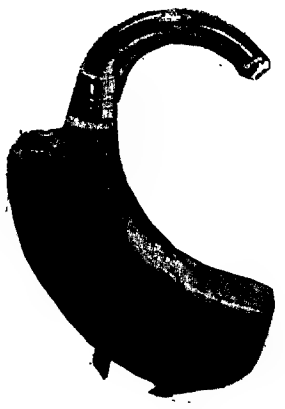
Terá início no próximo dia 14 de Maio o IV Congresso Mundial de Publicidade Exterior em Berlim, iniciativa com larga projecção no mercado internacional de publicidade, que congregará especialistas e quadros de muitos países.

Portugal far-se-á representar através do seu membro permanente, sr. Tomé de Barros Queiroz, Administrador da PLACARD, que será acompanhado pelos srs. José Manuel Figueiredo, Director daquela Empresa e do Sr. Octávio Moor, Senior Executivo da Agência de Publicidade PUBLIRAMA.

A delegação portuguesa fará várias comunicações entre as quais se encontra o projecto do próximo Congresso se vir a realizar em Portugal.

Os temas a debater serão do maior interesse e actualidade, e reflectirão o impacto cada vez maior que a publicidade exterior vai tendo no «media-mix» ao nível internacional.

Postiço Rabo de Cavalo
PARA AS SUAS FESTAS
Adquira uma cabeleira ou um postiço de alta qualidade e perfeição e o seu cabeleireiro fará de si a Rainha da Festa.
O mais completo sortido de artigo em cabelo legítimo garantido, em todas as cores e a preços acessíveis. Damos assistência Técnica Permanente.
CASA DINABEL
Rua Morais Soares, 82 - 2.° F
(Metro Arroios)
Telef. 834434 - LISBOA 1900

APARELHOS-AUDITIVOS
Aparelhos de BOLSO
ÓCULOS
RECTROAURICULARES
Laringes Electrónicas
Pilhas e Acumuladores
Tampões Isolantes Acústicos
Assistência Técnica Garantida
Calibragem de Próteses Auditivas

CASA SONOTONE — Poço do Borratém, 33 S/L — Lisboa — Telef: 868352/865978
Praça da Batalha, 92-1.° — Porto — Telef: 315602

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal

AVISO

Para os devidos efeitos informa-se que por força da Portaria n.° 193/79, de 21 de Abril, que alterou o período de trabalho dos trabalhadores da previdência, **o horário de abertura ao público** passa a ser:

9.15 às 11.30H
14.30 às 16.15H

Setúbal, 10 de Maio de 1979

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

A fantástica tourada

Continuação da pág. 14

durou muito mais, os três estavam cansados, o cavalo e o toiro deitaram-se na arena, João sentou-se na trincheira e ficaram à conversa, a pensar naquela estranha aventura que estavam a viver e, sobretudo, no fim que tudo aquilo iria ter.

O toiro disse:

– Obrigado, João, tens sido muito bom para nós, mas a verdade é que isto não é verdade, isto é um sonho e, assim que tu acordares, volta tudo à mesma, tu acordas na tua caminha e já percebi que tens uns bons pais, mas eu volto a ser toiro e a ser «toireado», para gozo da multidão.

O cavalo disse:

– Eu também já percebi que isto era um sonho, mas é bom ter sonhos assim, é bom que meninos como o João tenham sonhos assim, porque, depois, acordados, eles vão lembrar-se daquilo que sonharam, vão querer tornar o sonho realidade e vão lutar para que tenham uma vida melhor todos os que têm uma vida difícil, uma vida injusta, aqueles que nunca puderam ser crianças, aqueles que nunca brincaram e que serviram de brinquedo para aqueles que nasceram com certos privilégios.

Por fim, João disse:

– Eu não percebo tudo o que vocês disseram, há mesmo palavras que eu nunca ouvi, mas, na verdade, já tenho ouvido o meu pai dizer coisas parecidas. Fico a matutar, acho que ele tem razão, acho que vocês têm razão, acho que vou estar do vosso lado.

Quando acordou, João ouviu a Mãe dizer para o Pai:

– Este nosso filho parece que cresce todos os dias.

O Pai concordou:

– Parece que se vê crescer. Para mim, é já um homenzinho.

A Mãe discordou:

– Não digas isso, é uma criança, até faz pena vê-lo crescer. Protestou o Pai, brandamente:

– Não digas isso. É bom que cresça, é preciso que cresça, é urgente que cresça!

CRIANÇAS PORTUGUESAS NA ASSEMBLEIA DA PAZ?

MEIC ainda não respondeu ao convite búlgaro

A Assembleia Internacional «Bandeira da Paz», que decorrerá de 15 a 25 de Agosto, constitui um dos mais importantes acontecimentos que assinalam em todo o mundo o Ano Internacional da Criança. A decisão da ONU suscitou na Bulgária um largo movimento: Conselho de Ministros votou um programa especial e na realização deste participam vários ministérios, numerosos organismos sociais e autarquias. No âmbito desse empenhamento nacional, que está nas tradições do País (pois a Bulgária é um dos países europeus onde mais se tem protegido a criança, desde a instauração do regime socialista no pós-guerra), nasceu a «Bandeira da Paz», que logo mereceu o apoio da ONU e da UNESCO, além de ter levado o próprio presidente do conselho de Estado, Todor Jivkov a assumir pessoalmente o patrocínio da iniciativa. Para sublinhar bem a importância da Assembleia, no plano internacional, Kurt Waldheim, secretário-geral da ONU, também estará presente em Sófia por altura da sua inauguração. Os convites de participação foram enviados às crianças do mundo inteiro sem qualquer discriminação.

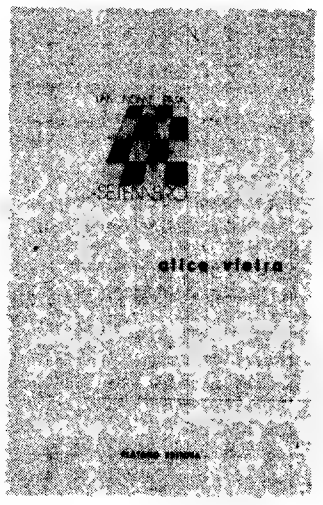
ENCONTRO COM A COMISSÃO PORTUGUESA

Num encontro com a Comissão Portuguesa do A.I.C., realizado na Embaixada da Bulgária, o representante daquele país referiu-se largamente ao vasto programa de iniciativas aí em curso nos diferentes domínios da vida social relativos à situação da criança: médico-assistencial, cultural, educacional e desportivo. A presidente da Comissão portuguesa, Sara Cardigos, informou do trabalho já realizado em Portugal, referindo-se nomeadamente à constituição de uma Comissão Legislativa na Assembleia da República que irá tomar a seu cargo iniciativas de transformação do quadro legal existente. Foi sublinhado que, junto da comissão portuguesa (composta por organismos do Estado ou personalidades por estes designadas), funciona uma Comissão de Organizações de diferente índole, neste momento já com 34 membros. Esta comissão compreende, entre outros, organismos como Movimento Democrático de Mulheres, Corpo Nacional de Escutas, Pioneiros de Portugal, Caritas Portuguesa, Mulheres Centristas, Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, Voz do Operário, Centro de Formação da Educação Permanente, alguns dos quais se encontravam representados neste encontro (designadamente, os dois últimos, por Maria Emília Galhordas e Dulce Rebelo).

Um ponto, contudo a lamentar: o atraso da resposta portuguesa ao convite do Estado búlgaro. A presidente da Comissão pediu novo adiamento do prazo indicado para a aceitação, com fundamento na falta de resposta do departamento do MEIC encarregado da tarefa de indicar as crianças portuguesas que em Sófia serão a nossa parte da grande aposta no futuro.

Um nome para Setembro de Alice Vieira

Depois de um livro de poemas intitulado «De estarmos vivos» de ter enveredado pela actividade diária de jornalista, Alice Vieira – Alice de Jesus Vieira Vassalo Pereira da Fonseca – volta à nossa presença com nova obra literária: «Um Nome para Setembro».



Desta vez é ficção em prosa. «Um Nome para Setembro» afirma uma capacidade real de narradora de **estórias**.

Vivem estes contos e contarelos da experiência da jornalista? É bem possível. Mas os textos revelam um domínio dos ingredientes da ficção literária, neles surge um escritor capaz de exprimir sentimentos, de recriar gente, de explorar situações.

Deste livro algumas páginas serão recordadas quando se falar de contos e do conto português contemporâneo. Indelevelmente marcadas por uma experiência pessoal e profissional, as **estórias** de «Um Nome para Setembro» apresentam uma escrita simples, escorreita, de uma economia de expressão procurada e feliz. Assim, os contos, «Um Nome para Setembro», que dá o título ao volume, e «Adriana depois das sete», permitem-nos esperar da obra futura de Alice Vieira a afirmação, no panorama das letras portuguesas, de uma escritora que a partir de **um caso** sabe recriar **uma estória**.

PUB.

CGTP INTERSINDICAL

CAMPANHA DE FUNDOS
ESCOLA FORMAÇÃO SINDICAL

DATA DEFINITIVA DO SORTEIO
9 DE JUNHO, ÀS 21H00
VOZ DO OPERÁRIO ■ LISBOA

AMIGO!
Aproveita os últimos dias da Campanha para adquirires, no teu Sindicato, tua União, na CGTP-IN, os teus CUPÕES.

COLABORA!
PARTICIPA!
ADQUIRE CUPÕES!

COM ESTE CUPÃO HABILITAS-TE A SER PREMIADO COM UM DE ENTRE DEZENAS E DEZENAS DE PRÉMIOS:

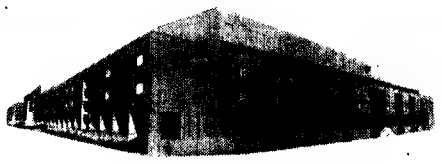
- Automóvel no valor de 350 contos
- Motos
- Viagens

Férias na URSS
— Jogos Olímpicos de Moscovo
Férias Hungria
— 1.º de Maio Cuba
— Outras viagens
- Máquinas fotográficas
- Tendas de campismo, rádios, relógios, etc, etc, etc.

20 ALAVANCAS

CUPÃO

URBANIZAÇÃO DA
QUINTA DA FONTE DA PRATA
a sua casa à beira-rio



COMITUR S.A.R.L.
AO ABRIGO DO CONTRATO de DESENVOLVIMENTO DO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO. HABITAÇÃO SOCIAL
ESCRITÓRIOS: AV. INFANTE SANTO, 23-7B LISBOA 1300 TEL: 670274 - 675007
VENDAS NO LOCAL: QUINTA DA FONTE DA PRATA - MOITA - 2860
TEL: 239244 - 239723 e SERVIÇOS MUNICIPAIS de HABITAÇÃO - CAMÂRA MUNICIPAL DA MOITA

AGRINXIRA 79

ORDENHAS MECANICAS TRACTORES AGRÍCOLAS

impulca

BELARUS

CD – COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS E EQUIPAMENTOS AGRO-PECUÁRIOS, S.A.R.L.
Rua Braancamp, 66, 1.º - Dto - Lisboa - Tel 574447/574522/44590

EUROPA

ESPANHA

Extrema-direita manifesta-se no "dia da pátria"

Cerca de 200 mil manifestantes responderam ontem à noite em Madrid ao apelo lançado pelo partido neofascista «Força Nova», no sentido de comemorarem o «dia da pátria espanhola». «A manifestação foi organizada em resposta ao dia da «pátria basca» celebrado no dia 15 de Abril em Bilbau, S. Sebastian, Pamplona e Vitória.

Gritando «slogans» como «Espanha – uma só bandeira» e «uma Espanha unida e não um país desunido», os adeptos da «Força Nova» desfilaram durante mais de duas horas, exigindo o combate à organização separatista basca ETA e à GRAPO, que acusam de responsáveis por actos de terrorismo indiscriminado.

A manifestação fora previamente autorizada pelo governador civil de Madrid, Blas Pinar.

● FORAM PRESAS dezoito pessoas, após os recontros de ontem à noite entre a polícia de choque e nacionalistas bascos que pediam a amnistia para guerrilheiros separatistas detidos.

Os manifestantes edificaram barricadas a que lançaram fogo e atravessaram automóveis nas ruas.

O protesto foi organizado no âmbito de uma semana pró-amnistia em todo o País Basco.

CONVERSAÇÕES THATCHER/SCHMIDT

Desacordo sobre "desanuviamento"

As conversações de alto nível entre o chanceler federal Helmut Schmidt e o primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher, prosseguiram ontem no número 10 de Downing Street com o desanuviamento Leste-Oeste e a segurança na Europa a dominarem os trabalhos.

Os dois chefes de Governo estavam acompanhados dos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros, HansDietrich Genscher e lord Carrington. Uma conferência de Imprensa conjunta culminou esta segunda e última série de conversações.

A vinculação incondicional da Alemanha Federal ao abandono da tensão internacional foi ontem à noite reafirmada por Helmut Schmidt ao declarar durante o jantar que lhe foi oferecido não existir «nenhuma alternativa para uma política realista de desanuviamento». O chefe do Governo de Bona comprometeu-se igualmente a trabalhar no sentido de uma melhor identificação entre o Leste e o Ocidente nesse capítulo.

Pela sua parte a sr.ª Thatcher mostrou-se reticente em relação ao desanuviamento no âmbito dos acordos de Helsínquia que na sua opinião, favorecem sobremaneira o bloco soviético.

DIVISÃO TRABALHISTA

O antigo ministro Tony Benn recusou-se a participar no governo-sombra trabalhista, organizado por James Callaghan, para poder, «dizer o que pensa pela Imprensa» naquilo que é considerado o início da disputa pela liderança dos trabalhistas, para a altura em que Callaghan, actualmente com 67 anos, a abandonar.

Benn, que ocupou o Ministério da Energia até às recentes eleições, é personagem central da esquerda trabalhista.

R.F.A.

Protestos pela morte de Elisabeth Dick

As circunstâncias da morte da militante de extrema-esquerda Elisabeth Van Dick, abatida há uma semana pela Polícia num apartamento de Nuremberga, continuam a suscitar emoção e a motivar protestos em toda a RFA.

Vários escritores e o realizador Volker Schlondorf (autor do filme «A Honra Perdida de Katherina Blum», abordando um caso de violação da vida privada de uma trabalhadora alemã por alegadas suspeitas de envolvimento com extremistas) puseram ontem em dúvida a tese das autoridades, segundo a qual os polícias teriam abatido Elisabeth em legítima defesa.

«Receamos que os órgãos de segurança do Estado tenham adoptado contra os extremistas a estratégia de guerrilha mais sumária, para evitar processos regulares», escrevem num apelo. A Associação de Estudantes da Universidade Goethe de Francoforte protestou igualmente contra este «assassínio do poder de Estado». «Elisabeth Van Dick foi abatida pela mesma violência de Estado que nos ameaça e persegue», considera aquela associação.

AFRICA

Apelo de Muzorewa a Carter

O primeiro-ministro da Rodésia, bispo Muzorewa, lançou um apelo premente ao presidente Carter para que reconheça o seu Executivo (que deve tomar posse este mês) e anule as sanções económicas contra o seu país.

Numa carta que enviou para Washington há dois dias – e cujo texto foi publicado na capital rodesiana – Muzorewa salienta que, enquanto Carter espera para tomar a sua decisão sobre o reconhecimento do «meu Governo» e a anulação das sanções, «o balanço da guerra continua a aumentar».

Entretanto, dois senadores democratas americanos, Edward Kennedy e George MacGovern anunciaram em Washington a sua intenção de fazerem uma campanha contra o levantamento das sanções económicas impostas à Rodésia pelos Estados Unidos.

Segundo Kennedy, e MacGovern, o levantamento das sanções comprometeria gravemente as relações dos Estados Unidos com os países da África negra. Uma tal medida, consideram, lançaria a dúvida sobre a vontade americana de respeitar as obrigações da Carta das Nações Unidas que votaram a aplicação de sanções.

O COMANDO militar rodesiano informou em Salisbúria que guerrilheiros nacionalistas atacaram hoje uma coluna motorizada.

STAL

Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local

COMUNICADO

Aos Trabalhadores da Administração Local

PROPOSTA

Em cumprimento da deliberação tomada no Conselho de Secretariados do STAL realizado em Vila Real no dia 28 de Abril de 1979, comunico a todos os trabalhadores da Administração Local o teor da proposta de luta então aprovada:

Considerando que os trabalhadores da Administração Local, logo após terem erguido o seu Sindicato, o STAL - Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, apontaram como sua primeira reivindicação a reestruturação das suas carreiras e quadros, via necessária e indispensável para a dignificação da Administração Local;

Considerando que, embora os trabalhadores da Administração Local estejam solidários com os demais trabalhadores do sector na defesa dos direitos fundamentais que constam da Proposta Reivindicativa Comum para 1979, entregue ao Governo no passado mês de Dezembro, a luta pela reestruturação das suas carreiras e quadros é uma luta que lhes é própria e específica;

Considerando que o Governo, negando-se a dialogar com a Direcção do seu Sindicato, vem sistematicamente negando aos trabalhadores da Administração Local a reestruturação das suas carreiras e quadros, ao mesmo tempo que por leis orgânicas, decretos-leis, decretos regulamentares e mesmo por simples despachos vem reestruturando diversos sectores da Administração Pública, como por exemplo o Ministério dos Assuntos Sociais, o Ministério da Agricultura e Pescas, o Ministério da Justiça, o Ministério do Trabalho, o Ministério das Finanças e ultimamente a carreira docente universitária;

Considerando o galopante aumento do custo de vida, que transforma os salários de muitos trabalhadores da Administração Local em salários de miséria;

Tendo em vista as deliberações tomadas no último Conselho de Secretariados realizado em Évora, as quais estabeleceram doutrina quanto às formas de luta dos trabalhadores da Administração Local:

O Conselho de Secretariados decide:

1.º — Que a Direcção Nacional do STAL, ouvidas as respectivas Comissões Técnicas, entregue aos trabalhadores da Administração Local as propostas de reestruturação das carreiras operárias e técnicas, a serem aprovadas em dfinitivo no Conselho de Secretariados a realizar em 21 de Maio próximo.

2.º — Que a Direcção Nacional do STAL, nas audiências já solicitadas aos senhores Presidente da República, Primeiro-Ministro e Ministro da Administração Interna, lhes apresente a justa reivindicação dos trabalhadores da Administração Local no sentido de serem reguladas as suas carreiras e quadros.

3.º — Que a Direcção Nacional do STAL, em tais audiências, afirme a determinação dos trabalhadores da Administração Local em lutarem pela justiça a que têm direito e ainda que considera como resposta minimamente satisfatória da parte do Governo:

a) — O compromisso, assumido inequivocamente, do início de discussão da proposta de reestruturação da carreira administrativa dos trabalhadores da Administração Local, já entregue, e na sua sequência a das carreiras operária, técnico-profissional e técnica, estas em fase de ultimação;

b) — O compromisso de essa discussão ficar concluída no prazo de 20 dias, no termo do qual estará elaborado um projecto de decreto-lei de reestruturação das carreiras e quadros dos trabalhadores da Administração Local.

4.º Que os trabalhadores da Administração Local, a manter-se a presente atitude do Governo, mandatem a Direcção Nacional do STAL para decretar uma greve total e por tempo indeterminado, com início em 29 de Maio, a qual deverá continuar até que o Governo faça a justiça que é devida aos mesmos trabalhadores.

5.º Que desde já sejam desencadeadas as seguintes acções:

a) — Sessões de informação e esclarecimento a realizar pelos Secretariados Distritais em todos os locais de trabalho;

b) — Conferência de Imprensa a realizar na Sede Nacional do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, à qual deverão estar presentes representantes dos Secretariados Distritais;

c) — Publicação da presente proposta em todos os jornais diários e em um de cada distrito, a que se seguirá um comunicado de esclarecimento às populações.

Santarém, 26 de Abril de 1979

A DIRECÇÃO NACIONAL DO STAL

SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA

ENCONTRO NACIONAL TRABALHADORES DO COMÉRCIO 19/20 Maio 79

Reunião-Geral de Sócios 3.ª feira, 15 maio às 21 h. no Teatro Vasco Santana

(à Feira Popular)

Convocam-se todos os Trabalhadores do Comércio para uma Reunião-Geral a realizar na 3.ª feira, dia 15 de Maio, às 21 horas, no Teatro Vasco Santana, com a seguinte **Ordem de Trabalhos:**

1. **Encontro Nacional dos Trabalhadores do Comércio**
   a) **Informações**
   b) **Eleição dos Delegados ao Encontro**
2. **CCT Retalhista**
3. **Informações diversas**

Em frente com o Encontro Nacional dos Trabalhadores do Comércio!

Em frente pela defesa do CCT Retalhista!

Unidos na defesa dos nossos direitos e conquistas!

A Direcção

ÁSIA

Curdos exigem autonomia a Khomeiny

Um dirigente curdo avisou hoje o Governo do «ayatolah» Khomeiny que se não for concedida a autonomia local à província do Curdistão, no norte do Irão, poderá em breve haver um banho de sangue.

«A população curda está bem armada e decidida a lutar pelos seus direitos», declarou Kendal Neza, representante do Partido Democrático curdo iraniano em França.

«Hoje, um pequeno recontro numa guerra religiosa e racial no Irão» – acrescentou.

Numa conferência de Imprensa Nezan afirmou que mais de quinhentos pessoas foram mortas e várias centenas ficaram feridas em Nagadeh e outras cidades curdas, no mês passado.

Se «o Exército iraniano e os guerrilheiros dos «comités khomeiny» não concederem a autonomia local ao Curdistão iraniano, haverá um banho de sangue» – advertiu.

Camponeses curdos constroem abrigos fortificados na base das montanhas de Suleimaniye, situadas na fronteira entre o Iraque e o Irão.

China e Vitname trocam presos de guerra

Correspondendo a uma proposta de Hanói o Governo chinês anunciou ontem a sua decisão de pôr em liberdade todos os prisioneiros de guerra vietnamitas.

O vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhong Xidong, anunciou em Beijing, no decurso de uma conferência de Imprensa, que o seu país porá em liberdade no próximo dia 19 tanto não informou do total.

Se bem que a entrega imediata dos prisioneiros de guerra constitua um dos três pontos da proposta de paz do Vietname, o único aceite pela China, Zhong manifestou o seu pessimismo sobre as perspectivas das negociações de paz sino-vietnamitas, cuja quarta sessão está prevista para hoje, em Hanói.

Um dos campos de prisioneiros vietnamitas na China, localizado em Bai-Se no Sul do país. Os 243 detidos, guardados por 30 soldados poderão agora voltar ao Vietname através da troca de prisioneiros acordada entre Beijing e Hanói.

do corrente os primeiros cem de um total de 1600 prisioneiros que se encontram em poder dos chineses desde a invasão do Vietname que teve o seu início no passado dia 17 de Fevereiro.

Zhong propôs um encontro às organizações da Cruz Vermelha de ambos os países a decorrer na fronteira comum.

No que se refere ao número de 200 prisioneiros de guerra chineses que o Vietname afirmou tem em seu poder, o vice-ministro chinês declarou considerar esse número «inexacto» e inferior à realidade mas no entanto não informou do total.

O vice-ministro chinês, salientou que uma das condições básicas exigidas por Beijing é a renúncia a qualquer forma de «hegemonismo» na região, e afirmou que o Vietname mantém as suas tropas no Laos, «reforçou a sua invasão ao Camboja» a fim de derrotar as forças leais ao deposto regime de Pol Pot e permite à URSS a utilização da baía de Cam Ranh.

O Vietname, por seu turno, que apresentou uma proposta em três pontos, criação de uma zona desmilitarizada, normalização das relações e troca dos prisioneiros de guerra, afirma que nenhuma nação que se respeite pode aceitar uma proposta como a chinesa que, entre outras coisas, inclui a renúncia vietnamita às ilhas Paracelso e Spratley e à retirada das suas tropas do Camboja.

Entretanto, o Vietname anunciou hoje que não permitirá à URSS o estabelecimento de bases militares no seu território continuando no entanto a autorizar a utilização dos seus portos pelos navios de guerra soviéticos.

Um comunicado oficial do Ministério vietnamita dos Negócios Estrangeiros, afirma que a utilização dos portos pelos barcos de guerra soviéticos «está completamente de acordo com a prática legal e com os princípios geralmente aceites pela comunidade internacional».

MÉDIO ORIENTE

A CONVITE DO PC DE ISRAEL

Delegação soviética em Telavive

O reatamento das relações diplomáticas entre Moscovo e Telavive, suspensas por Moscovo na sequência da guerra israelo-árabe de 1967, não deverá ter lugar num futuro próximo, de acordo com o chefe duma delegação soviética actualmente de visita a Israel.

Alexander Bovin, do jornal soviético «Izvestia», chefia uma delegação do seu país numa visita a Israel a convite do Partido Comunista Israelita «Rakaj», para assistir à tradicional comemoração da «vitória sobre a Alemanha nazi» na Segunda Guerra Mundial.

A comemoração terá lugar amanhã no chamado «Bosque do Exército Vermelho», nas montanhas em redor de Jerusalém.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

AMÉRICA

EUA

"Licenças especiais"

O Senado norte-americano acaba de aprovar uma lei de acordo com a qual os membros da Organização de libertação da Palestina e os dirigentes de sindicatos dos «países comunistas» não poderão entrar nos Estados Unidos sem uma licença especial da Secretaria de Estado e da Secretaria da Justiça.

A decisão senatorial limita substancialmente a legislação promulgada há dois anos para facilitar a entrada no país, em conformidade com a carta dos direitos humanos de Helsínquia, às «pessoas ligadas a organizações ideologicamente inimigas».

O acordo do Senado sobre esta matéria é resultante de pressões exercidas pela AFL-CIO, a principal central sindical dos Estados Unidos, e pelo comité israelo-norte-americano para assuntos públicos.

Justificando a aprovação da lei, o «líder» da minoria republicana no Senado, Howard Baker, declarou que «os Estados Unidos estão a converter-se num desfile de propagandistas comunistas disfarçados de dirigentes sindicais».

S. SALVADOR

B.P.R. ocupa embaixada da Venezuela

Militantes do Bloco Popular Revolucionário irromperam pela Embaixada da Venezuela, em S. Salvador, e fizeram oito reféns para pressionarem a libertação dos seus chefes ainda presos.

Os reféns incluem o embaixador venezuelano Santiago Ochoa e o adido militar, coronel Witermundo Hernandez.

A missão venezuelana foi a terceira embaixada a ser ocupada por elementos do BPR, a serguir às da França e da Costa Rica, há oiro dias.

Membros do BPR ocupam também a catedral católica, no centro da capital, cenário de um dos mais sangrentos recontros entre forças de segurança e dissidentes antigovernamentais, na terça-feira, quando, pelo menos, 19 civis foram mortos e mais 40 ficaram feridos.

A ocupação da Embaixada da Venezuela dissipou esperanças de um fim rápido da crise, a despeito da libertação já verificada de dois dos cinco chefes do BPR encarcerados.

O secretário-geral do BPR, Facundo Guardado, declarou, ao ser solto ontem, pensar que uma solução favorável da crise poderia ser alcançada desde que o Governo libertasse os restantes três presos.

Telefones de Lisboa têm novo local de cobrança e assistência a assinantes

Fixe o endereço da nova recebedoria dos Telefones de Lisboa: Rua da Trindade, n.º 13, próximo do Chiado e da Estação do Rossio.

A partir da 2.ª quinzena de Maio estará aberto ao público mais este serviço de cobrança dos Telefones de Lisboa, em local central, de fácil acesso. Funcionará também, no mesmo edifício, um serviço de assistência a assinantes com entrada pelo **Largo Rafael Bordalo Pinheiro, n.º 20,** onde poderá dirigir-se para registar pedidos de telefone, de transferência ou alteração de instalações.

NOTE BEM

A partir da 2.ª quinzena de Maio, mediante apresentação da **Conta-Aviso,** pode pagar o seu telefone na **Rua da Trindade, n.º 13,** e obter todas as informações de que necessite no **Largo Rafael Bordalo Pinheiro, n.º 20.**

Horário da Recebedoria:

De 2.ª a 5.ª feira
Das 9,30 às 17 horas

Às sextas-feiras
Das 9,30 às 17,30 horas

Horário da Assistência a Assinantes:

De 2.ª a 5.ª feira
Das 9,30 às 12,15 e das 14 às 17,30 horas

Às sextas-feiras
Das 9,30 às 12,15 e das 14 às 18 horas

CTT TLP

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL
TELEFONES DE LISBOA E PORTO

PRAIAS 79

Auto Férias (P/DIA)

	DESDE
ALGARVE	125$
COSTA DEL SOL	380$
BENIDORME	130$

Avião (P/SEMANA) DESDE

PALMA DE MAIORCA	8750$*
BENIDORME	9950$
COSTA DEL SOL	9600$
MAR NEGRO (ROMÉNIA)	15250$*
NICE - CANNES	13950$

*PENSÃO COMPLETA

COMPARE OS NOSSOS PREÇOS

VIAGENS HORIZONTE OPERADORES TURÍSTICOS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

LINDA-A-VELHA

RICARDO JORGE
DOS REIS
DA COSTA SANTOS

1.º ANIVERSÁRIO

Um ano de saudade já vencemos e com que custo.

Segunda-feira, dia 14, lá estamos junto à campa onde repousa o seu frágil corpinho, evocando a sua presença, como se vivo ainda estivesse.

Pais, irmão, avós, mais família e amigos.

"A MAIOR POLÉMICA CINEMATOGRAFICA! a IMORALIDADE está no SEXO ou nas nossas cabeças?"

Amada Amante

COM SANDRA BRÉA LUIZ GUSTAVO

Um filme de CLAUDIO CUNHA

COLORIDO

ROGÉRIO / NEUZA FRÓES / AMARAL

3.ª FEIRA ESTREIA ALVALADE

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

ADFA

GRANDE ESPECTÁCULO NO COLISEU DOS RECREIOS

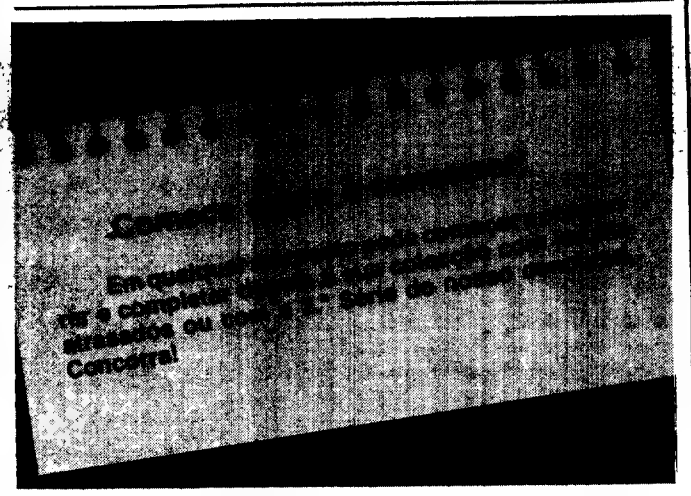
14 DE MAIO

2.ª FEIRA — 21.30 HORAS

Festa do 5.º aniversário da Associação dos Deficientes das Forças Armadas

● ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA ● AMÉRICO FILIPE ● ARY DOS SANTOS ● BARATA MOURA ● CARLOS PAULO ● CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA — LISBOA ● CORO DE CANTARES ALENTEJANOS DA S.F.R.A. — AMADORA ● FRANCISCO FANHAIS ● GRUPO ENIGMA ● HILÁRIO E O S/ CONJUNTO ● JAIME RODRIGUES ● JOÃO ALTER ● JOAQUIM PESSOA ● JOSÉ AFONSO ● JOSÉ CASTANHEIRA ● JOSÉ FANHA ● JOSÉ J. LETRIA ● JOSÉ MANUEL OSÓRIO ● JÚLIA BABO ● MARIA DULCE ● NATÉRCIA AGUIAR ● SÃO FERREIRA ● TINO COSTA ● GRUPO TROVANTE ● VITORINO

Bilhetes à venda no Coliseu e na sede da A.D.F.A. — Largo de S. Domingos



AINDA A SAÍDA DE TERESA MADRUGA DO ADOQUE

António Manuel esclarece carta de F. Nicholson

Na nossa edição do passado dia 9 foi publicada, do actor Francisco Nicholson, uma carta em cujo penúltimo parágrafo é, por duas vezes, citado o meu nome.

A tal (des)propósito, alguns pontos, breves, de esclarecimento:

1 – O autor da missiva afirma «lamentar um lapso» meu, quando, na realidade, não foi cometido «lapso» nenhum;

2 – o autor da missiva diz que, «ao contrário» do que eu teria «afirmado», «não foi Fernando Lima quem rebateu as declarações da actriz mas esta quem prestou declarações depois daquele», quando, na realidade, a reportagem em causa nem refere, sequer, aquela palavra («rebater»), estando apenas escrito «escutar a posição da Direcção da Cooperativa»;

3 – o autor da missiva sentencia que eu, «ao ignorar que, em presença de afirmações tão polémicas, como as que a actriz pronunciou, a ordem dos factores não é arbitrária», terei «involuntariamente deformado, para alguns, a informação», quando, na realidade, ele não sabe do que fala, muito simplesmente porque:

a) o facto de o depoimento de Fernando Lima haver sido registado antes de o da Teresa Madruga não obriga, de modo nenhum, a que tal ordem cronológica tenha, na reportagem, de ser seguida, atendendo a que, neste caso concreto, a tónica assenta em **quem** se demitiu e não em **donde** se demitiu, pelo que tem de ser a actriz, naturalmente, a **cabeça** da reportagem;

b) trata-se, assim, não de uma qualquer «ordem de factores» (que) «não é arbitrária» (como F. Nicholson, erradamente, escreve), mas tão-só de uma questão de deontologia profissional do jornalista.

Finalmente: o actor Francisco Nicholson, segundo ele próprio afirma, viu-se «obrigado», mesmo «abusando do espaço do jornal e da paciência dos leitores», a solitar a publicação da carta – a verdade, porém, é que algum espaço e, também, alguma paciência (nos) poderiam (deveriam) ter sido poupados se, de facto, Nicholson, que é actor, mas que não é jornalista, evitasse falar, pelo menos em público, daquilo que, manifestamente, não sabe.

António Manuel

José Cunha também esclarece

Sentindo-me visado numa passagem da carta que o sr. Francisco Nicholson dirigiu ao «Diário de Lisboa», e que apareceu sob o título «Nicholson responde a Teresa Madruga» a 9/5/79, solicito a publicação desta ao abrigo da Lei de Imprensa. O parágrafo em questão é o seguinte: «É claro que Teresa é nova e, provavelmente, não estará, de momento, rodeada de bons conselheiros».

Senhor Nicholson: a seus pés eu confesso ser o «bom conselheiro» da Teresa Madruga; senhor Nicholson o seu Àdóque maltratei, na sequência do que Ele quis fazer da Teresa: **o «bode expiatório» das contradições internas do Àdóque.** Simplesmente eu não me chamo Calvário nem ela está interessada em «festivaleira» guerra de nomes ou estéreis polémicas. Passo a explicar:

1.º Foi dito pelo sr. Nicholson que a Teresa Madruga tinha sido convidada para o Àdóque pelo trabalho que até então tinha desenvolvido; foi dito pelo sr. Fernando Lima que não lhe pagavam o «cachet» exigido porque o seu trabalho não tinha demonstrado «qualidade».

2.º Foi dito pelo sr. Lima, na altura da contratação da Teresa, que os escalões de ordenados mais elevados (20 contos) eram os das 1.ªs figuras, Henrique Viana e o sr. Nicholson, sem referir o nome de Maria Tavares (ou outros), e que não podia pagar mais à Teresa porque a «Cooperativa» estava em dificuldades, iludindo a questão; por isso é que Teresa Madruga aceitou os 13.500$00, ordenado mais baixo do que ela tinha recebido na peça anterior.

3.º Por outro lado, o sr. Nicholson não poderá dizer a todos os elementos do Àdóque que «nos temos rasgado em sacrifícios, abdicado de privilégios», ou, a linguagem dele não é a mesma que a dos outros membros da «Cooperativa». (Vidé, por exemplo, a questão dos rectroactivos não pagos/direitos de autor recebidos).

4.º Não sei, também, porque vem agora o sr. Nicholson, que foi quem convidou a Teresa Madruga, levantar a questão do «cachet», se, quando a Teresa lhe foi, primeiro e directamente, levantar a questão, disse que não tinha nada a ver com isso, que até nem era da Direcção.

5.º Diz ele também na carta: «Não faz sentido promover-se largamente alguém que se quer boicotar...». Pois e'sse mesmo absurdo que caíram as contradições da «Cooperativa» e essa é a verdadeira face do conflito: quando a Teresa começou a trabalhar, apercebeu-se que o resto da «Cooperativa» não estava de acordo com a sua entrada, havendo mesmo quem ignorasse tal facto, e até quem afirmasse que «a ia lixar»! «Boicote?!» – Talvez seja uma palavra desmedida...

6.º Daqui já se infere que a questão do «cachet» exigido e a saída voluntária da Teresa Madruga do Àdóque não se refere ao mesmo motivo, tal como não é a mesma motivação que comanda o sr. Nicholson e/ou a Direcção e o resto da «Cooperativa». «Ad hoc-Àdóque?», olhe que não, olhe que não...

7.º O sr. Lima, quanto à questão do «cachet» exigido, disse que a Teresa não tinha dado «o rendimento necessário». Que rendimento se trata? O da bilheteira? É que se for esse, tudo é claro. É que se for o do **trabalho,** ela está inteiramente de acordo. Disse ela logo à partida que tinha enormes dúvidas, que era um trabalho muito diferente, que não sabia cantar, etc; foi-lhe respondido que não tinha importância, etc., e durante os ensaios, dirigidos pelo sr. Nicholson, continuava tudo a estar O.K. Se o sr. Nicholson afirma que «se enganou apesar dos avisos de alguns», e se deplora as 2 (e não 3 como escreve) semanas (apesar de serem apenas algumas horas por dia e nem todos os dias) de ensaios, contra os hábitos da Teresa no Teatro onde costuma trabalhar mais profunda e longamente,... também ela se enganou. E se foi contratada «à experiência», e fora de qualquer «escalão», o risco estava aceite, e se quis experimentar, e também aceitou o risco, a Revista, ela também resolveu dar por finda a «experiência» porque, exactamente, **não encontrou espaço para o seu trabalho frutificar.**

8.º Quanto à «questão de higiene; provocações; mentiras; insultos; calúnias; bafoeira pestilenta; infâmias; autênticos casos de Justiça; mijaretes; víboras; abutres» e «outros nomes muito feios», com que ele mima a sua prosa, e indirectamente a actriz, «abusando da paciência dos leitores» (sic), acho que ele deveria vir dizê-los na minha cara se tem cara para levar duas bofetadas. Não se incomode, não lhas darei.

9.º Quanto ao facto referido, que o espectáculo «sem a sua presença melhorou consideravelmente», os meus parabéns. Também a Teresa Madruga considerou o Àdóque-teatro e o «1926» um local onde poderia trabalhar; enganou-se, saiu: os meus parabéns também, teve a coragem de entrar e teve a coragem de sair. O trabalho da Teresa é importante; o Àdóque é neste momento o único grupo que, na revista, resiste ao reaccionarismo dos demais, – é importante. Agora, «Àdóque-Noves Fora Teresa - Amen»?, não, ou O.K., se quiserem. Porque isto é uma questão de Ética, eu limitei-me a pôr os pontos nos ii, a Teresa Madruga não pode ser **o «bode expiatório» das vossas contradições internas:** resolvam-nas internamente! Foi esta a razão principal porque saiu.

10.º Aproveito para recomendar que é melhor arranjar outra forma de publicidade gratuita e, agora, ainda me pergunto quem é que de facto começou a brincar com o fogo. Quem?

Lisboa, 9/5/79

(José Cunha)

CARTÓRIO NOTARIAL DE OEIRAS

CERTIFICO que por escritura de 14 de Fevereiro de 1979, lavrada de fls. 34 a 37 do livro de notas n.º D-626, deste Cartório, foram efectuados os seguintes actos relativos à sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «Agência Automobilística Lavínia, Pereira e Filhos, Limitada», com sede na Rua de Pedrouços, 71-A, em Lisboa, freguesia de Belém:

a) os sócios António Soutelo Pereira e Maria Lavínia Rodrigues dos Santos Pereira cederam a Maria Isabel Lopes Queiroz, a quota no valor nominal de 25.000$ que cada um deles possuía na sociedade, da qual se apartaram e se exoneraram da gerência que nela têm exercido;

b) os sócios Maria Fernanda Santos Soutelo Pereira Vargas Pratas e José António Santos Soutelo Pereira cederam a Gustavo José de Almeida Ribeiro de Oliveira, a quota do valor nominal de 25.000$00 que cada um deles possuía na mesma sociedade, da qual saíram exonerando-se da gerência que nela têm vindo a exercer;

c) foram unificadas as quotas dos sócios pelo que cada um deles ficou com uma só de 50.000$00; e

d) foi alterada a redacção dos artigos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º do respectivo pacto, que passou a ser a seguinte:

ART.º 1.º. A sociedade passa a adoptar a denominação de «COME-COME — SOCIEDADE COMERCIAL DE ALIMENTAÇÃO, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa, na Rua de Pedrouços, 71-A, e durará por tempo indeterminado a contar da data da sua constituição.

ART.º 2.º. O seu objecto é o comércio e indústria de bar e restaurante, e fornecimento de quaisquer alimentos e bebidas para fora, podendo no entanto a sociedade explorar qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja legal.

Art.º 3.º. O capital social é de 100.000$00, está integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores constantes da escrita social e corresponde à soma das quotas dos sócios que são de 50.000$00 cada uma.

ART.º 4.º A cessão de quotas entre sócios é livre, podendo para isso fazerem-se as divisões das mesmas, mas quanto a estranhos os sócios terão preferência, e a divisão não será permitida, e então o valor da quota alienanda será o que resultar de um balanço especial feito para esse fim.

ART.º 5.º A administração da sociedade incumbe aos dois sócios que ficam, desde já, nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem retribuição conforme for resolvido em reunião entre eles, e é indispensável a intervenção de ambos para a mesma ficar obrigada, a não ser em actos de mero expediente, nos quais se incluem os depósitos de cheques em contas daquela mesma em qualquer Banco.

§ único — Os sócios poderão delegar os seus poderes no outro, por meio de procuração bastante.»

ESTÁ CONFORME COM O ORIGINAL no qual nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Oeiras e Cartório Notarial, aos dezassete de Fevereiro de mil novecentos e setenta e nove.

O 1.º Ajudante

CURSOS

MECANOGRAFIA

Conseguir uma profissão que lhe dê a independência económica, está agora ao seu alcance com um dos cursos de PERFURAÇÃO-ªVERIFICAÇÃO ou GRAVAÇÃOªVERIFICAÇÃO DISKETTES.

Sistemas: IBM E UNIVAC
Início dos cursos: 18 Maio

Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL

Telf. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia:
MENDES Telf. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno
REPRESENTANTE
dos amortecedores «JM»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

BREVEMENTE EM PORTUGAL

Novo álbum de Patti Smith

O novo álbum da «musa do rock», Patti Smith, intitulado «Wave» será editado muito brevemente em Portugal, em simultâneo com Londres e Nova Iorque.

O disco é produzido por Todd Rundgreen e contém as seguintes músicas: Frederick, Revenge, Hymn, Dancing Barefoot, Citizen Ship, Seven Ways of Going, Wave, Broken Flag, além do clássico dos The Byrds «So you Want To Be».

Se as crianças mandassem...

Se as crianças mandassem, o mundo em vivemos seria certamente muito mais amável e humano.

Esta é a opinião de Pedro Meyer, director do grupo espanhol de teatro infantil «Los Trabalenguas» que, na sua digressão por vários países latino-americanos, chegou agora à Venezuela para apresentar a peça «Carasucia» (A cidade que tinha a cara suja).

Em entrevista exclusiva para a Agência EFE, Meyer fez um breve resumo da actividade dos Trabalenguas», grupo fundado há sete anos e constituído por nove pessoas. Funciona sob a forma de cooperativa e apresenta obras, na sua maioria do dramaturgo chileno-espanhol Jorge Diaz, em que se destaca o trabalho colectivo dos seus componentes.

Esta peça e outras já estreadas representam essa criação conjunta, em que também intervêm os espectadores infantis, e a maneira de ver o teatro como algo mais do que um simples passatempo.

«Para nós, o teatro é fundamentalmente libertador e tem sempre de ser crítico... Além de ser um fenómeno lúcido, de jogo...» – afirma Pedro Meyer.

O elemento cenográfico foi reduzido ao mínimo pelos «Trabalenguas» e as possibilidades de interacção criança-espectador-actores desenvolvidas ao máximo.

«Não queremos que as crianças sejam simples espectadores do que se passa em cena, mas que participem de forma activa, que se integrem no processo de criação, dessa forma espontânea que lhes é tão própria...» – diz o director do grupo.

Meyer recordou em seguida uma ocasião em que, durante a representação de uma obra do grupo em Espanha, se organizou no teatro uma verdadeira assembleia popular, que constituiu um motivo de assombro para os adultos.

«As soluções que propunham eram muito mais construtivas e muito mais radicais (no sentido correcto da palavra) do que aquelas a que os adultos nos acostumaram... Todos ficámos surpreendidos: pais, professores...».

Para o director dos «Trabalenguas» não há dúvida de que um mundo em que prevalecessem os pontos de vista dos jovens («a única esperança que temos») seria adorável porque muito mais humano.

«Carasucia» trata precisamente do problema da crescente desumanização numa grande cidade, que «robotizada» e contaminada pelo progresso. Uma grande cidade, que poderia muito bem chamar-se Madrid ou Caracas, Nova York ou Tóquio, uma grande cidade típica do nosso tempo, sem importar o nome.

Através de uma apresentação nova, original, os «Trabalenguas» chamam a atenção da criança-espectador para esta situação, embora – segundo Pedro Meyer – de uma maneira geral, as crianças estejam muito mais conscientes de todos estes problemas do que nós pensamos.

A obra termina com a assinatura, por parte de actores e espectadores, de uma carta em que se apresentam estes problemas e possíveis soluções à autoridade municipal correspondente».

De Caracas, o grupo seguirá para a Guatemala e, se houver possibilidades, para a Costa Rica, regressando depois a Madrid.

Quanto aos projectos do grupo uma vez regressado a Espanha, Meyer indicou que está a ser preparado um novo trabalho, uma campanha patrocinada pelo município de Madrid com «Carasucia» e novas digressões no país e no estrangeiro.

Nestes trabalhos, continuará a apresentar a miúdos e graúdos uma visão muito própria do que poderia ser o mundo em que vivemos «se as crianças mandassem...».

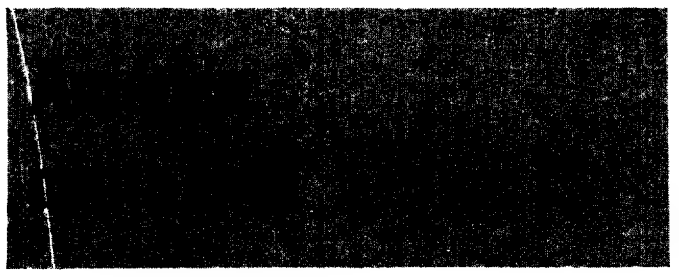
Teatro infantil português vai a Belgrado

A peça infantil «As Histórias de Hakim» de Norberto Ávila, estreia no próximo dia 22 em Belgrado num teatro especialmente dedicado à infância e juventude.

A direcção do teatro convidou o autor para a estreia do espectáculo que é encenado por Miroslav Belovic.

«As Histórias de Hakim» é a peça infantil de um autor português que conta até agora com mais encenações: 6 em Portugal e 13 no estrangeiro, das quais 4 na República Democrática Alemã e 4 na República Federal da Alemanha.

Norberto Ávila disse que estão previstas ainda para este ano mais 7 encenações das «Historias de Hakim»: 4 na Polónia, 2 na Suíça e 1 na Espanha.



BRUXELAS – John Voight foi um dos primeiros artistas norte-americanos que cantou músicas de Jacques Brel em espectáculos públicos.

O recente vencedor do «Óscar» como melhor actor do ano em «O Regresso dos Heróis» estreou musicalmente no «show» «Huitres» produzido por Eric Blau em 1961. Blau era então um jovem do teatro que sempre gostou de Brel.

Tendo por base músicas de Brel, Blau conseguiu um empréstimo financeiro para montar a obra em que Elly Stone cantava «La Valse a Mille Temps» e John Voight cantava a célebre canção «Ne Me Quitte Pas».

Este «show» é hoje lembrado porque na capital belga, mais precisamente no teatro «Quant'Sous» foi apresentado o espectáculo «Estados Unidos Canta Brel». Mas se a lembrança dos norte-americanos permanece viva quando passam já alguns meses da morte de Brel, também se fala e se escreve das dificuldades que o cantor teve de se introduzir no mercado dos Estados Unidos, levando aproximadamente cinco anos a conseguí-lo.

Graças à perseverança de Eric Blau, que estava fascinado pela ternura violenta de Brel, que chegou mesmo a comparar com Bob Dylan, Brel chegou ao ponto máximo da canção.

Brel então passa a ter como colaborador directo Mort Shuman, que havia feito canções para Ray Charles e para Elvis Presley. Depois de conhecer Brel, Shuman deixa o «rock» e passa a dedicar-se a traduzir para o inglês a obra de Brel.

Blau e Shuman conheceram-se em Novembro de 1966, num bar de Nova Iorque onde Elly Stone cantava músicas de Brel. Depois de alguns copos, os dois decidiram fazer um espectáculo, com 15 canções, intitulado «Brel está vivo», com boa saúde e vive em Paris», título original surgido como consequência de uma notícia falsa em que se dizia que ele havia morrido.

Não foram muitas as digressões de Brel aos Estados Unidos, sendo a primeira em 1965, no Carnegie Hall, diante de 4 mil espectadores que o aplaudiam calorosamente, apesar do idioma.

Brel despediu-se do público americano com outro recital, na mesma sala, em 1967, com o público, de pé, cantando «Amesterdão».

Um ano depois, o director canadiano Denis Heroux realiza o filme «Jacques Brel is...» que obteve grande êxito nos Estados Unidos e França, mas, sem qualquer explicação, não foi exibida na Bélgica, sua terra natal.

Seduzidos pelas suas canções, grandes estrelas americanas começaram a gravar as suas músicas, como Frank Sinatra, Barbra Streisand, Johnny Mathis, Dionne Warwick, Diana Ross, Neil Diamond, Judy Collins, Shirley Bassey e Nancy Wilson, entre outros.

Mas, acima de tudo, os seus discos continuam vendendo. Nestes discos está a lembrança do cantor que a maioria dos belgas não acreditava que um dia estava morto.

Hoje

Televisão

«Poldark»

I PROGRAMA

14.05 **Futebol** – Manchester United-Arsenal, via Eurovisão, transmissão integral do jogo final da Taça de Inglaterra.
16.50 **Era uma Vez o Homem**
17.15 **Billy Smart** – circo.
17.45 **Animação**
18.10 **País, País-Magazine**
18.45 **Ver com Olhos de Ver**
19.15 **4300 Minutos** – a divulgação dos programas da próxima semana televisiva.
19.55 **Haja Saúde** – um programa de divulgação e prevenção dos problemas da saúde.
20.30 **Jogos Sem Fronteiras** – reportagem sobre uma aldeia suíça.
21.25 **Manuel e Beatriz**
21.30 **Jornal RTP/1**
22.00 **Fátima** – transmissão directa de parte das cerimónias que decorrem na Cova da Iria.
22.50 **«Poldark»** – 10.º episódio.
23.40 **24 Horas** – último serviço noticioso do dia.
23.55 Fecho

II PROGRAMA

14.00 **Ano Propedêutico**
20.30 **«Dick Tracy»** – 1.º episódio.
21.30 **Desporto 79** – revista desportiva da semana.
22.00 **Cartas na Mesa** – em debate temas da actualidade nacional.
23.00 **Série Portuguesa**
00.00 Fecho

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
I PROGRAMA
«Poldark» (22.50)
II PROGRAMA
Cartas na Mesa (23.00)

Amanhã

I PROGRAMA

10.00: Transmissão directa das cerimónias da Cova da Iria; **12.30**: A Vida no Silêncio; **12.50**: Teatro Amador – Teatro Universitário do Porto; **13.15**: Cine-Teatro/TV; **13.50**: Grande Prémio Automóvel da Bélgica; **14.20**: Sumário; **14.25**: TV Rural; **14.50**: Grande Prémio Automóvel da Bélgica; **16.00**: «As Aventuras de Huckleberry Finn»; **17.15**: A Abelha Maia; **17.45**: Compadre Bicho; **18.05**: Disco Magic; **18.25**: Jardins Zoológicos; **19.00**: Grande Encontro – que inclui a transmissão directa do jogo de futebol Belenenses-Boavista; **21.25**: Manuel e Beatriz; **21.30**: Jornal RTP/1; **22.00** Ao Piano Rui Guedes; **22.30**: Gente de Paz; **23.00**: Mata e Esfola; **23.15**: 24 Horas; **23.30**: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Pantomina; **21.00**: Espaço Off; **21.30**: Homenagem a Bob Dylan; **22.00**: A Par e Passo; **23.30**: Jornais e Jornalistas; **00.00**: Fecho.

Rua Tenente R. Cascais, 1-A 1200 LISBOA Tel. 661515
teatro do bairro alto

ÚLTIMAS
SÓ ATÉ AO FIM DO MÊS
3.ª a sáb. às 21.30
Dom. só às 17.30
«Genial» (Carlos Porto «DL»)
Sub. SEC e INST. ALEMÃO
Desconto est. e sind. graças apoio F. Gulbenkian

CINEMA MC MONTE CARLO
MONTE CARLO
Av. Álvares Cabral, 35 — Lisboa
UMA NOVA SALA DE CINEMA.
CHEIA DE COMODIDADE.
AR CONDICIONADO
PARQUE DE ESTACIONAMENTO
JÁ ABERTO AO PÚBLICO
sessões às 15h30, 18h30 e 21h30

Angústia Desespero Solidão
44545

uma voz amiga estará contigo

O DL NA NORUEGA COM AS SELECÇÕES DE FUTEBOL

Fortuna ao minuto 35

NEVES DE SOUSA, ENVIADO ESPECIAL

Com as desculpas para o leitor que, por lapso de montagem do texto, nas nossas edições de 5.ª-feira não entendeu patavina do comentário do nosso enviado especial Neves de Sousa ao jogo Noruega-Portugal, a seguir se repete a crónica:

OSLO – Sai uma proposta para a mesa: para que o senhor Kirschen, árbitro de ontem em Ullevaal, entre já como sócio honorário da Associação de Amizade Portugal-RDA. Realmente, logo após o golo anulado aos noruegueses, quando garrafas caíam no relvado junto com a chuva e mesmo um espectador, à boa maneira latina, entrava no relvado para o agredir, conseguiu atingir o avião são e salvo. Mas passou um mau bocado igual ao que os portugueses sofreram naqueles dez minutos em que sucederam seis «cantos» e Bento foi obrigado a tornar-se vedeta do espectáculo.

O leitor viu: uma primeira parte em que jogámos com serenidade e o time de Wilson (especialmente impulsionado por Alves, Pietra, Costa, Alhinho e Artur) deu água pela barba aos calmeirões noruegueses que, perante sete mil espectadores (2300 contos de bilheteira), obrigou a plateia a acompanhar, na frigidez, os quatro graus negativos do termómetro.

Veio a jogada de Costa e Oliveira que Alves converteu no golo do trivial: e a euforia entre os 200 portugueses que, vindos de Lisboa, da Suécia ou da Dinamarca, levantaram bandeiras de Portugal e do F. C. do Porto e tocaram cornetas na festa que tão caro lhes tinha ficado.

Cinco pontapés de canto (contra nenhum) marcavam a actividade ofensiva de Portugal, travado que foi o ímpeto inicial da Noruega e desbravado o caminho sobre um solo que parecia lavrado, tantos os sulcos como os fiordes da beira-Oslo. Porém, com o aproximar do intervalo, adivinhou-se que algo iria mudar entre os nossos alentados anfitriões, até porque dificuldades inesperadas estavam a ser criadas por Humberto, possivelmente a fazer um dos mais fracos jogos da sua carreira.

O SOFRIMENTO HABITUAL

Assim aconteceu com a volta do duche. Bento, que já fora o grande suporte do «time», atingiria então o mais alto plano, porque a coriácea turma norueguesa – repito, coriácea turma norueguesa – galgava terreno com tal afã, que parecia morar no Irão e ter a cabeça a prémio.

ARREPIOS DE FRIO

Sucederam, então, os arrepios de frio, os cantos contra Portugal mais uma série de dessincronizações entre Humberto e os outros centrais (Eurico e Alhinho) que, tal como no início da temporada de Mortimore lhe agravaram a doença da vista. Não fora o juiz ajudar e a rede estar benta, aqui em Oslo, estaríamos agora a suportar um fardo histórico porque, em longa meia hora, a turma portuguesa foi assim a modos que grupo do Inatel, valendo-nos os nórdicos também não serem alemães ou italianos e o bom do árbitro ter estabelecido relações diplomáticas com a rapaziada de Lisboa.

A esperada dureza acabaria por ceder o passo à violência pura, à caça ao homem, com o norueguês Lund de foice na seara e, tanto Artur como Pietra ou Costa apostados em verem quem levava a melhor nesse especial «show» de «catch» que o árbitro ia permitindo entre os brados da bancada.

A certa altura, o juiz anulou um golo em canto directo apitando quando a bola vinha no ar e Bento já estava metido dentro da gaiola: era o quarto castigo que a gente sofria e o democrático-alemão Kirschen entendeu que era muito sofrer para quem vinha do calor.

Claro que foi o bom e o bonito: mais pontapés, cabeçadas, cotoveladas, rasteiras, garrafas no relvado e, mesmo sem paragem de jogo, um espectador e a entrada por ali fora e, desvairadamente fora de si, a sair um minuto depois algemado a caminho da Polícia.

Seria um intermédio cómico, se não fosse feio, negativo, vergonhoso para o futebol.

A LONGA ESPERA

Wilson acabaria por tirar Nené para Gomes passar a funcionar como novo defesa, para retardar a fornalha trocaria Costa por Bastos Lopes a meio minuto do final, sem que o portista fizesse mais alguma coisa do que rastear Lund, que valeria cartão amarelo, já que o benfiquista nem tocou na bola. E foi aborrecido ver como uma equipa estivera optimamente três quartos de hora, fora depois cilindrada em período de tempo que pareceu durar uma eternidade.

Não vamos fazer hoje mais comentários para além de salientar quanto os treinadores da Áustria, Bélgica e Escócia ficaram desapontados com a segunda parte portuguesa. Evidentemente que temos de concordar com o técnico norueguês Fosen em que o árbitro pode responder por boa parte deste resultado. Porque, até o próprio Wilson, tentou disfarçar o mau jogo de Humberto que arrastou toda a defesa de que é primeira figura para discretamente o envolver no especial parabém que teria de dar a Bento e Alhinho. Esta Noruega pregou-nos um susto de todo o tamanho e importa rever o esquema e não se cometer novamente o lapso de colocar três centrais em atrapalhação mútua num palmo de terreno que parecia um matagal. Portugal saltou mais um obstáculo, mas, tal como vai sendo hábito, economicamente: por um solitário golo avaramente defendido a todo o transe, com muito suor, algumas lágrimas, sangue à flor da pele. Alves entende que os noruegueses são «grandes gladiadores que honram os vickings seus antepassados» esta é uma apreciação que temos de respeitar, embora não comungando da euforia quase geral que tomou conta dos nossos jogadores a caminho da ceia na Embaixada de Portugal. Porque, meus amigos, difícil será continuar a esticar o elástico sem que ele se parta, tal como poucas vezes Bento será impelido a tornar-se o supremo deus protector de uma baliza que parecia de cinquenta metros a quem defendia e de meio palmo a quem atacava.

É preciso ter a coragem de dizer alto que Portugal esteve no palco e acabou por sair pela porta traseira com um colete de forças. Que defender, defender, defender, à espera de um «raid» de Alves, Costa, Oliveira ou Alberto não resulta sempre. Que combater a violência com dose parecida de energia antiregulamentar não traz mérito ao futebol português. Mas também é verdade inteirinha que a realidade de Mário Wilson e desta selecção é apenas a sucessiva conquista dos dois pontos e a marcha em frente em competição de alto nível, coisa que não nos sucedia desde que Eusébio era meio senhor do mundo do futebol.

Não arranjar cartaz, mas conquistar uma certa fama. Foi isso que Portugal fez na Noruega.

EPÍLOGO

Para além do que fica dito, há que referir o óptimo apoio que os representantes dos órgãos de Comunicação Social receberam, em Oslo, da comitiva federativa presidida pelo dr. António Marques e do nosso embaixador na Noruega, o conimbricense dr. Fernando Reino.

Foi do domínio público que, quando a selecção se encontrava a cear na Embaixada e todos os jornalistas permaneciam agarrados a telexes ou a telefones, voz anónima garantiu, de Londres, que havia ameaça de fazer explodir uma bomba no local onde se encontrassem os portugueses. A Polícia de Oslo tomou todas as precauções, o Globetrotter Hotel foi passado a pente fino, os aviões em que viajámos totalmente vistoriados. Nada de anormal aconteceria, para além de um susto grande em Alves e Murça, os futebolistas que mais se impressionaram com a ameaça terrorista.

O Estádio Ullevaal mora já para trás. Agora, há que prolongar o trabalho da selecção e continuar a encarar cada exame do «team» de Wilson como se fora o decisivo.

O «golo» que os noruegueses contestaram: sem razão, como pode ver-se, porque foi marcado em falta

VENDA DE PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO EM ALMADA

A Caixa Geral de Depósitos recebe, até às 16 horas do dia 28.5.79, propostas em carta fechada e lacrada — com a legenda exterior «Proposta para a compra de prédio em Almada» — para venda do prédio a seguir indicado:

Prédio urbano em construção, sito na Quinta das Fontainhas designado por lote 9, com estrutura de 17 pisos e cofragens e armaduras do 18.º, descrito na Conservatória do Registo Predial de Almada sob o n.º 22 077 do L.º B-63.

A base mínima da proposta é de 12 800 contos.

A abertura das propostas far-se-á na data e hora acima indicadas, seguindo-se-lhe licitação verbal, no caso de haver propostas iguais com o valor mais elevado, reservando-se a Caixa o direito de não adjudicar caso o entenda conveniente.

Concedem-se facilidades de pagamento.

As propostas devem ser dirigidas ao Serviço do Património (Largo do Calhariz — Edifício Sobral — 1.º andar, 1109 LISBOA CODEX) no qual se prestarão quaisquer informações.

TROCAS E BALDROCAS

O defesa Amândio, que depois de jogar no Sporting regressou ao Boavista, vai mudar de clube, agora para o Sporting de Espinho.

Folha, o extremo leixonense que foi «internacional» «esperança», vinculou-se ao Sp. Braga, o mesmo acontecendo com o ex-júnior «internacional» Dito.

Joaquim Rocha (do Académico de Viseu) e Gregório Freixo (do homónimo de Coimbra) assinaram contratos com o V. Guimarães, ambos por duas épocas.

Pinto (Tadim) também assinou pelo Sporting de Braga: é mais um reforço para o «team» de Lito Gomes de Almeida.

Por seu turno, o defesa Barros (que não chegou aquecer o lugar, no Boavista) rescindiu com os «axadrezados» e prepara-se para voltar ao futebol, norte-americano.

O técnico Frederico Passos (actualmente subalterno de Mário Imbelloni no Famalicão) vai mudar-se para o Riopele.

BENFICA SEM ALVES

O castigo federativo (suspensão por um jogo) impede Alves de prestar amanhã concurso ao Benfica, perante o Vitória de Guimarães, será substituido por Toni.

QUINITO PROMOVIDO

O juvenil Quinito é a grande novidade do lote de portistas escolhidos por José Maria Pedroto para o confronto com o Estoril.

FREIXO VOLTA A VISEU

José Freixo, que deixara o Academico de Viseu, por falta de pagamento dos seus honorários, regressa ao «team» agora novamente treinado por José Moniz. A propósito de Académico de Viseu: foram pagos aos futebolistas os ordenados de Abril, e dado algum dinheiro por conta das verbas em atraso.

ÁRBITROS JUNTAM-SE

Esta criada a Associaão Portuguesa de Árbitros, que tem como sócio n.º 1 Carlos Alberto Carvalho Correia.

PORTO: ASSEMBLEIA TRANQUILA

Relatório aprovado e direcção aclamada por toda a assistência: assim aconteceu na assembleia geral do F. C. Porto ontem realizada. O saldo da gerência (55 mil contos) e o lugar de comando no campeonato nacional de futebol, porporcionaram concórdia geral.

CASTIGOS

A interdição por dois jogos do campo do Vila Real e a interdição preventivo do recinto do Almada são as sanções mais destacadas da última reunião do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol. Para além das decisões referidas, foram ainda tomadas as seguintes:

Jogadores – II Divisão: Gonçalves (Olhanense), dois jogos de suspensão, e Serralha (1.º de Maio Sarilhense), três jogos. III Divisão: Faustino (Ribeirão), Teixeira (Infesta), Silva (Vilanovense), Neto (Infesta), Gomes (Bustelo) e Martins (Freamunde), dois jogos; Russo (SL Olivais) e Mestre (Serpa), três jogos; Faria (Leça), cinco jogos.

Clubes – Multas: Salgueiros, Chaves, Nacional da Madeira, Mondinense, Vildemoinhos, Nazarenos, Amiense, Silves, SL Olivais e U. Coimbra (iniciados); U. Coimbra (juvenis) e Freamunde, dois jogos de interdição e multa. Ao Almada foi ainda aberto um inquérito disciplinar. Face à penalidade sofrida, o Vila Real recebe o Cabeceirense no Estádio do Cruzeiro, em Constantim.

MODALIDADES EM DESFILE

ESGRIMA

No âmbito do Congresso Internacional de Federações de Esgrima, que decorre em Paris, por iniciativa do «Cercle Nacional des Armes» e da Embaixada de Portugal em França (com o apoio do Ministério «de la Jeunesse Sports e Loisins») duas equipas da Federação Portuguesa de Esgrima (florete e espada) e a equipa de sabre do Exército Português, disputarão dois encontros às três armas (florete, espada e sabre), com as equipas francesas da sala de armas do «Cercle des Armes» em Paris, hoje às 17 horas) e as equipas do Racing Club de França, 2.ª feira (às 17 e 30) na sede do clube.

GINÁSTICA

Nadia Comaneci, da Roménia, venceu a prova de exercícios combinados no campeonato europeu de ginástica, feminina, que se está a disputar em Copenhaga. Comaneci (17 anos) torna-se assim a primeira ginasta a conquistar por três vezes consecutivas o campeonato europeu, mostrando um novo estilo e uma nova confiança que a apontam como favorita para, em Dallas, no fim deste ano, recuperar o título mundial que perdeu em 1978 para Elena Mukhina, da União Soviética.

A classificação das ginastas portuguesas foi a seguinte (pontuação em salto de cavalo, paralelas assimétricas, trave, exercícios no solo e total; 54.ª Helena Silva – 8,10-8,70-8,20-8,70-33,70; 55.ª Avelina Alvarez – 8,00-8,50-8,55-8,55-33,60.

A Sociedade Democrática Barreirense «Os Franceses» promove, a partir das 21 horas de hoje, um festival de ginástica no pavilhão da Quimigal.

Hóquei nacional hoje em Oviedo

Começa a disputar-se, hoje, em Oviedo (Espanha) o Torneio Internacional Oliveras de la Riva, em hóquei em patins, no qual participam as selecções de Portugal, Espanha, Itália e Alemanha ocidental.

O troféu começou a ser disputado em 1975, em Cadiz, cabendo o primeiro triunfo à selecção portuguesa, mas desde aí tem sido sempre conquistado pelos espanhóis.

Este ano, o seleccionador-treinador Júlio Rendeiro escolheu para integrar a equipa de Portugal os seguintes jogadores: Bravo (Cascais), Vale (F. C. do Porto), Sobrinho (Sporting), Cristiano (F. C. do Porto), Fernando Gomes da Costa (Infante de Sagres), Carlos Cruz (Cascais), Vítor Hugo (Académica de Espinho) e Coelho (Salesiana), devendo os cinco primeiros compor o «cinco» principal.

Na jornada de hoje, que se inicia às 22 horas, Portugal defronta a Alemanha Ocidental, enquanto a Espanha joga contra a Itália. Amanhã, jogarão primeiramente os vencidos para, depois, os vencedores decidirem a conquista do troféu.

FUTEBOL

Os nacionais de volta

Benfica - Vit. Guimarães, na Luz, e F.C. Porto - Estoril, nas Antas, são os jogos sobre que se centram as mais das atenções da 26.ª jornada do Nacional de Futebol da I Divisão, que se disputa amanhã. É o regresso da mais importante prova do futebol português, depois duma interrupção de cinco semanas, motivada pela realização de mais uma eliminatória da Taça de Portugal e a necessidade de fazer estagiar as selecções com vista

Pargana não muda: Pedroto é a sua figura preferida

ao encontro com a Noruega para o Campeonato da Europa, que se jogou na quarta-feira, como se sabe, e que terminou com a vitória de Portugal por 1-).

O campeonato recomeça com dois candidatos isolados no topo em igualdade de pontos: o F.C. Porto e o Benfica. As tarefas que esperam um e outro no domingo são algo idênticas. Se se trata de fazer vaticínios tende-se, naturalmente, a prever a vitória dum e doutro sobre os seus adversários. Todavia, nem o Estoril nem o Vit. Guimarães se podem considerar menos para outra hipótese, só pelo facto de serem equipas menos cotadas. O Vit. Guimarães é neste momento o mais forte candidato ao 4.º lugar e ao acesso que ele proporciona à Taça UEFA, provavelmente. E o Estoril tem feito esta época uma carreira assinalável. A título de curiosidade, lembre-se que o Estoril, na época passada, foi a equipa que impôs a única derrota que o F.C. Porto sofreu ao longo de trinta jogos para o campeonato. E este ano, para a Taça de Portugal, o F.C. Porto voltou a perder no Estoril por nada menos do que 3-0.

Duas equipas envolvidas na luta pela fuga aos últimos lugares, o Marítimo, e o Barreirense e o Beira-Mar terão amanhã boas oportunidades para fazerem pontos. O Marítimo recebe o Varzim e as boas provas que a turma do Funchal vem dando nas últimas jornadas concedem-lhe maior favoritismo. O Barreirense recebe o Famalicão, outra equipa empenhada na fuga aos lugares de despromoção: prevê-se animado despique e é possível que a circunstância de jogar em casa não sirva aos barreirenses para fazerem os dois pontos que se impõem. O Académico de Viseu - Beira-Mar era para ser no Fontelo, em Viseu, mas os viseenses têm o campo interdito e o jogo é em S. João da Madeira.

Aqui, como trivialmente se diz, tudo pode acontecer. Uma derrota do Beira-Mar seria altamente comprometedora para as difíceis aspirações que a turma treinada por Cabrita tem em relação à manutenção do escalão principal do futebol português. Mas o Ac. Viseu já está praticamente na II Divisão e isso pode desanimar-lhe o empenho lutador.

Um jogo de relativa tranquilidade para os dois contendores: o Académico de Coimbra - Vitória de Setúbal. Os da casa já não têm hipóteses práticas de fugir à despromoção. E os visitantes têm em perspectiva uma classificação final pelo meio da tabela.

Outro jogo onde a posição tranquila de ambas as partes pode proporcionar um bom espectáculo: o Belenenses - Boavista, que é às 19 e 30 e dá na TV. Aliciante: o Belenenses vai querer, certamente, corrigir a impressão que deixou ao seu público recentemente perante o Boavista e para a Taça, quando perdeu e foi eliminado.

Falta referir Sp. Braga - Sporting. É um jogo muito importante para os bracarenses, que precisam de ganhar, para o tal quarto lugar que dá acesso à Europa. O que não quer dizer grande coisa em relação ao que vai ser o resultado, já se vê.

II DIVISAO

Na II Divisão, e na Zona Norte, o Espinho tem uma deslocação difícil a Viana do Castelo. No domingo passado, o Vianense, que luta por fugir aos últimos lugares, foi arrancar um empate em Vila do Conde, frente ao Rio Ave, que era líder e deixou de sê-lo, em favor do Espinho. O jogo de Viana pode repor as coisas como estavam duas semanas atrás. Entretanto, Rio Ave joga em casa contra o Penafiel e poderá evitar o que lhe sucedeu há oito dias.

Os restantes jogos são os seguinte: Paredes - Gil Vicente; Lourosa - Leixões (em Santa Maria de Lamas, por interdição do Estádio do Mar), Tadim - Salgueiros; Fafe - Desportivo das Aves; Riopele - Chaves (em Famalicão), e Paços de Ferreira -Aliados.

Na Zona Centro, se o União de Tomar for capaz disso, pode haver nova mudança entre o primeiro e o segundo lugares; União de Lamas (primeiro, com um ponto de avanço) vem à cidade do Nabão, numa deslocação talvez difícil; e, enquanto isto, União de Leiria (segundo, com menos um ponto) joga em casa (aparentemente para ganhar) com o União de Santarém.

Os outros jogos: Sp. Covilhã -Águeda; Feirense - União de Coimbra; Caldas - Portalegrense; Torriense - Marinhense; Estrela de Portalegre - Peniche e Oliveira do Bairro - Alba.

Na Zona Sul, o grande jogo do dia é o Portimonense - Juventude. Portimonense vai em primeiro, com dois pontos de avanço sobre o Juventude. Se o Portimonense ganhar, fica com quatro de vantagem, e isto a duas jornadas do fim. Mas se empatar? E, se perder? A chamada lógica, no entanto, deixa entrever que o Portimonense (certamente equipa mais experimentada) não vai perder a oportunidade de resolver a questão e estará de novo entre os maiores do futebol a época que vem, restando ao Juventude a mesma sorte que teve o ano passado; a liguilha.

Outros jogos: Montijo - O Elvas; Amora - Farense; Odivelas -Nacional; Sacavenenses - Atlético; Cova da Piedade - Almada; e Olhanense Seixal e Sarilhense - Cuf.

Em relação à 3.ª divisão, **Série A:** Bragança - Forjães, Monção -Limianos (em Vila Nova de Cerveira), Merelinense - Abambres, Vizela - Joane, Vila Real - Cabeceirense (no Estádio do Cruzeiro, em Constantim), Ribeirão -Prado (no campo do segundo), Mondinense - Tirsense e Mogadourense - Mirandela. **Série B:** Infesta - Avintes, Bustelo - Valonguense, Paços de Brandão -Freamunde (em Espinho), Oliveirense - Lamego, Régua -Leça, Valecambrense - Sanjoanense, Avanca - Vilanovense e Leverense - Amarante. **Série C:** Alcains - Anadia, Naval - Modelos, Ançã - Vilanovenses (em S. João do Campo), Tocha - Acurede, Guarda - Quiaios, Gouveia - Febres, Tondela - Mangualde e Viseu Benfica - Vildemoinhos. **Série D:** Alcobaça - Mirense, Desp. Castelo Branco - Matrena, Bombarralense - Torres Novas, Cartaxo - Marrazes, Nisa Benfica - Amiense, Alcananense - Rio Maior, Eléctrico - Benfica Castelo Branco e Campomaiorense -Nazarenos. **Série E:** Lusitânia (Açores) - SL Olivais, Estrela Amadora - U. Funchal, Pêro Pinheiro - Estrela Vendas Novas, Bucelenses - Desp. Olivais, Alcochetense - Loures, Vitória de Lisboa - Casa Pia, Sintrense -Unidos e Oriental - Alverca. **Série F:** Comércio e Indústria -U. Santiago do Cacém, Paio Pires - Esperança de Lagos, Lusitano de Évora - Sesimbra, Serpa - Silves, Odemirense -Lusitano de Vila Real, U. Montemor - Aljustrelense, Quarteirense - Desp. Beja e Vasco da Gama - Luso. Todos às 16.

Corrida da Paz: Marco Chagas a 52 segundos

A segunda etapa da 32.ª Corrida da Paz terminou tal como a primeira, com um «sprint» quase colectivo, onde Alexandre Ruas novamente ficou na nona posição. Esta etapa, disputada entre Pardubice e Olomouc, na distância de 163 km, foi ganha pelo checoslovaco Michal Klasa, com o tempo de 3 h 51 m 16 s, mas o búlgaro Nentcho Staikov manteve a camisola amarela. Marco Chagas, que se classificou no 38.º lugar (mesmo tempo do vencedor) subiu quatro lugares na classificação geral.

Foi a seguinte a ordem de chegada: 1.º, Klasa, Checoslováquia, 3.51.01 (deduzidos 15 segundos de bonificação); 2.º, Nikitenko, URSS, 3.5106 (10 s); 3.º Drogan, RDA, 3.51.11 (5 s); 4.º, Aavo Pikkuuus, URSS, 3.51.16; 5.º, Averin, URSS, m.t. (...); 9.º, Alexandre Rua, m.t. (...); 38.º, Marco Chagas, m.t. (...); 41.º, Belmiro Silva, m.t. (...); 60.º, Luís Teixeira, m.t. (...); 80.º, Adelino Teixeira, m.t. (...); 82.º, Alberto Gouveia, m.t.

A classificação geral encontra-se como segue: 1.º, Staikov, Bulgária, 6.50.11; 2.º, Klasa, Checoslováquia, 6.50.13; 3.º, Nikitenko, URSS, 6.50.21; 4.º, Jankiewicz, Polónia, 6.50.25; 5.º, Drogan, RDA, 6.50.34; 32.º, Marco Chagas, 6.51.03; 39.º, Belmiro Silva, 6.51.07; 48.º, Adelino Teixeira, 6.51.13; 51.º, Alfredo Gouveia, 6.51.14; 54.º, Alexandre Rua, 6.51.18; 79.º, Luís Teixeira, 6.52.19.

Por equipas Portugal mantém a 12.ª posição. Hoje, disputa-se a terceira etapa, entre Olomouc e Dubnica, com 175 km, e amanhã os cilistas correm entre Dubnica e Banska Bystrica, na distância de 137 km.

COLECTIVIDADES

ATLÉTICO DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Várias actividades desportivas estão hoje inscritas no cartaz dos festejos do 50.º aniversário do Atlético de Reguengos de Monsaraz.

TÉNIS DE MESA

Palmeiras bate Sporting

Para a «Taça de Portugal» em ténis de mesa, os palmeiristas venceram novamente os «leões», desta vez por 3-1, sendo de salientar a vitória de José Alvoeiro sobre José Barroso, e o triunfo do actual campeão nacional, José Marques perante o seu antecessor, José Alvoeiro. Na próxima quinta-feira, os dois clubes voltam a encontrar-se, se o Palmeiras repetir o triunfo será o representante lisboeta na fase zonal; se acontecer serem os sportinguistas a ganhar, terá que realizar-se uma finalíssima.

Desta feita, resultados: José Marques (P) – Óscar Lameira (S), 21-18, 21-15 e 21-15; José Barroso (P) José Alvoeiro (S), 14-21, 17-21 e 16-21; Barroso-Marquês/Alvoeiro-Óscar. 24-26, 26-24, 14-21, 21-18 e 21-16; Marquês-Alvoeiro, 12-21, 14-21, 22-20, 21-18 e 21-12. Boa arbitragem de Álvaro Leal.

Na mesa do Ginásio do Alto do Pina «Leões» e «azuis» disputaram a final de juniores masculinos. Os primeiros estavam invictos, e os segundos tinham já uma derrota. Foi um despique extremamente equilibrado em que, um pouco surpreendentemente, dada a ausência do seu melhor valor, Luís Dias, os campeões lisboetas (Sporting) conseguiram derrotar os seus opositores e, assim, conquistar o direito de estarem presentes na fase seguinte.

Parciais: Mário Meneses (Bel)-João Guerra (Sp.), 21-12, 21-14 e 21-13; Paulo Dionísio (B)-José Manuel (S), 17-21, 20-22 e 15-21; Mário Meneses-João Neves (Bel)/José Manuel-Paulo Silva (Sp), 16-21, 17-21, 21-5, 21-16 e 21-11; Mário Meneses-José Manuel, 21-9, 19-21, 18-21, 21-9 e 17-21; Paulo Dionísio-Joaõ Guerra, 21-23; 18-21 e 19-21.

Amanhã, em basquetebol: Sporting-FC Porto

A segunda volta da fase final do Campeonato Nacional de Basquetebol (I Divisão, seniores) começa hoje e prossegue amanhã, com uma jornada de grande interesse e que pode decidir o título, ou pelo menos, colocar uma equipa, a do F. C. do Porto, em posição privilegiada graças ao embate Sporting-F. C. do Porto, marcado para amanhã, no Pavilhão de Alvalade.

Vejamos o calendário de jogos para hoje: Sporting-Sangalhos, em Alvalade; Barreirense-F. C. do Porto, no Barreiro e Ginásio Figueirense-Benfica, na Figueira da Foz, todos às 21.30. Amanhã: Sporting-F. C. do Porto, em Alvalade, às 17.30 e Barreirense-Sangalhos, no Barreiro, às 18.15. No grupo «B», hoje: CDUP-Lisboa Oriental, no Galvão Teles, e Atlético-Algés, na Tapadinha, ambos às 16 horas; Académico de Coimbra-Conimbricense, no Universitário, às 21.30. Amanhã, CDUP-Algés, no Galvão Teles e Atlético-Lisboa Oriental, na Tapadinha, às 17.30.

No Pavilhão de Embra, na Marinha Grande, disputa-se hoje, às 21 horas, a final do Campeonato Nacional de Seniores (II Divisão) entre as equipas do CDUL (vencedor da Zona Sul) e o Olivais de Coimbra (vencedor da Zona Norte).

ANDEBOL

Belenenses em Alvalade

Estamos na 5.ª jornada do Campeonato Nacional de Andebol e entre os jogos salienta-se o Sporting-Belenenses, hoje em Alvalade, às 18 horas. E assim enquanto pelo Sul, dois dos candidatos se vão encontrar, num embate difícil, no Norte, o FC Porto, continua a actuar fora do seu ambiente, desta vez face ao S. Bernardo, às 21 e 30. Nos restantes jogos a Académica de S. Mamede, defrontará o FC Maia, às 22 horas, enquanto o Passos Manuel, no Liceu D. Pedro V, à mesma hora receberá o Benfica.

Outra competição de interesse se disputa paralelamente: o Nacional da 2.ª divisão, em que se confronta com o Atlético da Encarnação, e o «Desportivo de Portugal recebe a Académica de Coimbra.

VOLEIBOL

Porto na Luz

Programa dos jogos do nacional de voleibol, este fim-de-semana:

9.ª jornada: Benfica – F. C. Porto e Técnico-Esmoriz (19 horas); Espinho-Lisboa Ginásio e Leixões-Nacional (21 e 30), **hoje.**

10.ª jornada: Tecnico-F. C. Porto (16 horas); Benfica-Esmoriz, 18 e 15; Leixões-Lisboa Ginásio (17 e 30) e Espinho-Nacional (16 horas), **amanhã.**

Para o campeonato feminino realizam-se os seguintes jogos:

9.ª jornada: Benfica-Vila Real e CDUP-Atlético (16 horas); CDUL-Fermentões (17 horas); e Leixões-D. Amélia (20 e 30), **hoje.**

10.ª jornada: CDUL – Vila Real e Benfica-Fermentões (11 e 30); CDUP-D. Amélia (11 horas); e Atlético-CDUL (18 horas), **amanhã.**

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

LOTARIA NACIONAL

AVISO

Avisa-se o público em geral de que não serão distribuídos aos agentes da Lotaria Nacional, não sendo portanto objecto de venda ao público, os seguintes bilhetes da 20.ª extracção, cujo sorteio se realiza no dia 31 de Maio corrente:

12 968; 13 351; 30 903; 35 111; 35 316; 37 012; 38 574; 56 837 e 57 633.

Mais se avisa que qualquer prémio de bola saída que caiba a qualquer dos referidos números será anulado, extraindo-se novo número e novo prémio.

Lisboa, 10 de Maio de 1979

O Director,
Dr. António Branquinho de Amaral Pereira

ESPAÇO SOCIAL ESPAÇO PÚBLICO ESPAÇO BUROCRÁTICO

Continuação da pág. 10

sentimo-lo como que um renascimento inundado de clarões de alegria, de liberdade, de esperanças e de promessas; de segurança física, material, intelectual e espiritual. Não desejamos, a todo o custo, desfazer este estado de espírito. Em que, deveras (e apesar de tudo!), calma e confiadamente, repousamos. Mas devemos reconhecer e poder afirmar, que há que, sabiamente, estabelecer critérios e juízos correctos de avaliação, relativamente a algumas medidas que, talvez menos reflectidas em termos não políticos, têm sido tomadas.

De «25 de Abril», talvez bem melhor e mais consagradoramente, podia ser designada a estrada, ou o seu principal troço, percorridos nessa madrugada pelo capitão Salgueiro Maia e pelos seus, como ele, corajosos, decididos e valorosos soldados. Em analogia com estradas ou percursos franceses, seguidamente mencionados, o último dos quais já percorremos em 1959. De «scooter», com a mulher (esposa) em «pendura», e ambos recolhidos em sincera, devotada e meditativa reflexão: o «Chemin des Dames» e o «Chemin des Invasions», assinalado este por placa toponímica. Certamente, para lembrar a turistas, por exemplo, que esse caminho não era propriamente uma trivial via de tráfego, ou um atalho, sem outra importância que a de conduzir a algum destino. «Chemin des Invasions» na direcção de Reims a Paris. Por onde Átila, rei dos Hunos, terá conduzido a sua carroça e as suas tropas, cerca dos séculos IV/V, no período «áureo» das invasões que destroçaram o Império Romano do Ocidente. Ainda antes disso, provavelmente com a invasão dos francos que auxiliaram povoar a Gália. E, nos tempos contemporâneos, em certa fase final da I Grande Guerra, quando as tropas alemãs estiveram às portas de Paris, bombardeando a cidade (367 tiros, 256 mortos, 620 feridos) de um pouco mais a Norte da estrada que percorremos, com a famosa bateria de canhões Bertha (do nome da neta de Alfred Krupp, ao tempo à testa dos negócios das acerarias fundadas por seu avô em Essen). Das consequências dos combates ali travados, dos últimos necessariamente, está a estrada que passa em Château-Thierry «povoada» de cemitérios (franceses, ingleses, americanos, italianos) tragicamente assinalados por placas toponímicas, dir-se-ia, piedosa, homenageada, mas lamentavelmente esclarecedoras.

Para terminar, diríamos e lembraríamos que se sabe que certos cronistas e copistas da Idade Média terão alterado a seu bel-prazer, ou sob impulso de interesses inconfessados, textos que, historicamente, têm constituído para pesquisadores e eruditos, causa de dificuldades e aborrecimentos de interpretação, para poderem, desembaraçadamente, descortinar a verdade. Designar de «25 de Abril» a Ponte Sobre o Tejo em Lisboa, que pouco lhe deve, talvez seja uma arbitrariedade histórica, permita-se-nos a irreverência do comentário, e que, embora sem contestação comparável com alterações de textos medievais ou com outro tipo de corrupções irremediáveis (atenção Provedoria de Justiça e Assessoria recentemente criada junto do Gabinete do Primeiro-Ministro -!-) talvez tenha de vir a ser corrigida, algum dia, até, e senão unicamente, pelo respeito pela relação de precedência cronológica dos acontecimentos.

PRESIDENCIA DA CAMARA

Despacho n.º 62/77

Toponímia

Considerando que o atraso na atribuição de denominação a novos arruamentos e praças causa enorme transtorno e origina escusadas despesas aos futuros habitantes dos prédios que os ladeiam;

Considerando que tais inconvenientes podem ser afastados se, antes da construção dos prédios urbanos e imediatamente após a construção de novos arruamentos e praças, for atribuída a estes a correspondente denominação;

Determino que os serviços competentes, designadamente a D. S. O., a D. S. U. e o G. T. H., deligenciem, ainda antes de concluídos os trabalhos de revestimento e conclusão de passeios dos novos arruamentos e praças, junto da Secção de Escrivania, da 1.ª Repartição—Central, da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais, para que, obtido o parecer da Comissão Municipal de Toponímia, se promova a atribuição da necessária denominação.

Determino ainda que os mesmos serviços dêem à referida secção de Escrivania, no prazo de 30 dias a contar desta data, nota de todos os arruamentos e praças construídos nos últimos anos e que não tenham ainda denominação.

A afixação de placa de sinalização pode ser feita provisoriamente em local visível até que seja construído o edifício em que deve ser afixada a placa definitiva.

A D. S. U., o G. T. H. e a D. S. O. providenciarão para que, logo no início da construção dos edifícios e no caso de edifícios particulares aquando do respectivo licenciamento da obra, seja averbado no respectivo processo o número de polícia, para o que a D. S. C. C. tomará as necessárias providências.

Lisboa, 21 de Setembro de 1977.

O Presidente substituto em exercício

PRESIDENCIA DO CONSELHO

Secretaria-Geral

Tendo sido publicado com inexactidão no *Diário do Governo* n.º 13, 1.ª série, de 16 de Janeiro findo, pelo Ministério da Educação Nacional, Gabinete do Ministro, o Decreto-Lei n.º 46 156, determino que se faça a seguinte rectificação:

No artigo 15.º, n.º 5, onde se lê: «. . . assinados por dois membros do conselho directivo.», deve ler-se: «. . . assinados por dois membros da direcção.»

Presidência do Conselho, 16 de Fevereiro de 1965. — O Presidente do Conselho, *António de Oliveira Salazar*.

Desde 1967 que se sabe no G.T.H. (Gabinete Técnico da Habitação) e é de estranhar que essa informação tenha ficado retida naiguma gaveta, impedindo que o Despacho n.º 62/77 tenha sido concebido como se reproduz, que não são aplicáveis, satisfatoriamente, na maioria dos casos, os letreiros toponímicos correntes, incluindo o do «tipo Restelo», nas zonas de urbanização «rodoviária» (termo de nossa responsabilidade será, de futuro interpretado e justificado, nas colunas do «Diário de Lisboa») de Olivais Norte, -Sul e «Chelas». São também poucos os casos em que as designações de «rua» e «praça», além da de «avenida», únicas ali utilizadas, se adaptam perfeitamente às configurações dos espaços públicos que pretendem definir. Voltaremos a este assunto em outra oportunidade.Quanto à «Rectificação», da Presidência do Conselho, teria sido mais elegante e menos provinciano, detectado o insignificante lapso, que, por telefonema directo ao interessado, tivesse este podido ressalvar o erro

NA "CORRIDA" PARA BELÉM

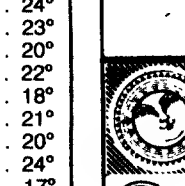
Pinheiro de Azevedo requisitará autocarro da Presidência

FUNCHAL, 12 – O almirante na reserva Pinheiro de Azevedo, que afirmou encontrar-se neste arquipélago não em campanha eleitoral, mas para angariar fundos com vista às próximas eleições presidenciais, sublinhou não ver ninguém capaz de o bater naquelas, no próximo ano. O ex-primeiro-ministro do VI GP adiantou ainda precisar de um montante entre três a cinco mil contos para «uma campanha decente», admitindo assim ser um potencial candidato às presidenciais.

Na conferência de imprensa em questão, Pinheiro de Azevedo acentuou que, se tivesse sido eleito em 1976, «Cunhal e outros comunistas teriam sido expulsos do País», enquanto não fosse sua intenção ilegalizar o PCP.

O almirante na reserva admitiu poder vir a desistir da corrida eleitoral caso a sua saúde assim o aconselhe, ou na hipótese de não conseguir angariar os 3 a 5 mil contos que julga necessários para «uma campanha digna», e adiantou também ser sua intenção, se se apresentar às eleições, requisitar o novo autocarro da presidência da República «para que o general Eanes não fique em vantagem».

Pinheiro de Azevedo disse ainda ter em vista a publicação de um sistema de bridge que afirmou ter inventado recentemente, e estar disposto a ser grumete, se necessário, «para servir o meu País».



LOBATO DE FARIA

MARIA TEREZA SARMENTO

MISSA DO 30.º DIA

António Lobato de Faria e sua família, participam que será rezada missa do 30.º dia, por alma de Maria Tereza Sarmento Lobato de Faria, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, no altar do Senhor dos Passos, na próxima segunda-feira dia 14, às 10,30 horas.

AGÊNCIA MAGNO, Tel. 534167

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava praticamente limpo.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	25º
BRAGANÇA	18º
VILA REAL	21º
PORTO	24º
P. DOURADAS	16º
COIMBRA	24º
PORTALEGRE	23º
LISBOA	20º
ÉVORA	22º
SINES	18º
BEJA	21º
SAGRES	20º
FARO	24º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	21º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.13	3,9 m	8.46	0,8 m
15.30	4,0 m	21.07	0,8 m
Dia 13			
3.51	3,9 m	9.23	0,8 m
16.08	4,0 m	21.46	0,7 m
Dia 14			
4.30	3,9 m	10.03	0,8 m
16.48	4,0 m	22.28	0,8 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Continuação do bom tempo quente e seco com vento fraco ou moderado de nordeste.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.28

OCASO ÀS 20.40

DIA 18 DIA 26 DIA 2 DIA 10

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Retrospectiva; **20.30**: Eternamente saber; **20.45**: 15 minutos com; **21.00**: Conjuntos; **21.15**: Teatro – orquestras; **22.00**: Transmissão directa da Cova da Iria das cerimónias religiosas da Peregrinação Internacional de Maio ao Santuário de Fátima; **24.00**: Último jornal; **00.10**: Vida na noite (RDP/Sul).

2.º Programa

17.00: Transmissão directa do Teatro Municipal de S. Luiz de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; **19.00**: Agrupamentos de câmara; **19.40**: Solos de viola dedilhada; **20.00**: Suites para orquestra; **21.05**: Cantatas; **22.00**: Concerto; **22.30**: Quarteto em ré maior, op. 11, de Tchaikovsky; **23.00**: Quinzena de Música Alemã; **00.10**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

18.00: Contacto; **18.20**: Contacto com a música; **18.45**: O mundo da Fórmula 1; **19.15**: Histórias sérias da música ligeira; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Quando o telefone toca; **21.33**: Hora luterana; **22.00**: Tempo de desporto; **23.45**: Projecção.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Fórum.

RÁDIO RENASCENÇA

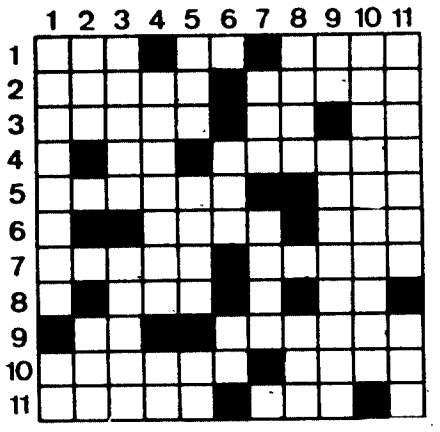
18.08: Apelos; **18.15**: Ao encontro da palavra; **18.30**: Transmissão do terço (Porto); **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 334

HORIZONTAIS:

1 Punhado. Preposição. Borracha de apagar letras.
2 Tolera. Durmam falando-se de (crianças).
3 Invulgares. Ouro (s.q). Estrépito de desmoronamento.
4 Artigo definido. Pegara.
5 Destroços. Oceano.
6 Numeral cardinal. Estima.
7 Instrumentos para atirar setas. Dês urros.
8 Guarneça de asas. Rado (s.q).
9 Post scriptum. Pacífico.
10 Professor. Rezar.
11 Lavrais. Ave pernalta.



VERTICAIS:

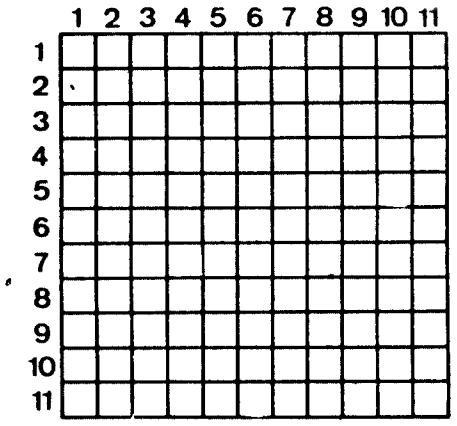
1 Pescadas jovens. Ruim.
2 Fruto da ateira. Preposição.
3 Naipe das cartas de jogar. Tecido de algodão ou linho muito transparente.
4 Avermelhados. Pronome pessoal.
5 Ofereces. Porção. Reis.
6 Tomba. Nome de letra.
7 Recusa. Imunda.
8 O primeiro rei dos Hebreus. Preposição.
9 Prefixo de privação. Acorrentara.
10 Instrumento ou utensílio empregado numa arte ou ofício.
11 Causaras amuo a. Rezo.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8 394

HORIZONTAIS:

1 Deus dos pastores. O mais. Cunho.
2 Poente. Detestar.
3 Colocará. Nome de jogo. Bário (s.q).
4 Interjeição que designa satisfação. Verbais.
5 Pedra de altar. Pega.
6 Membro de ave. Armaria.
7 Antes do meio-dia. Conjunção. Pronome pessoal.
8 Embrião que se torna livre abandonando normalmente os invólucros ovulares ou o organismo progenitor (pl). Empregar.
9 Tratar por tu. Donzela de Orleães.
10 Pronome pessoal. Forma apocopada e proclítica de vale.
11 Vaso com asas. Inunda.



VERTICAIS:

1 Madeira da ilha do Príncipe, talvez da árvore que em São Tomé se chama nêspera. Pescada molda (t. de Buarcos).
2 Além. Assassines.
3 Ave trepadora. Estrépito de desmoronamento.
4 Guarneceras de asas. Vossa Alteza.
5 O lado do vento. Desagradável (fig).
6 Carta de jogar.
7 Vagarosas. Antiga capital da Birmânia.
8 Venerar. Rio da Rússia.
9 Zomba. Tecido de várias cores.
10 Podia entrar. Nota musical.
11 Lavras. Máscara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 333

HORIZONTAIS:
1 A. FORTUNA.
2 Prima. Lesma.
3 É. Samo. Gi.
4 Cremara.
5 Ama. Só. Pi.
6 Lias. Mac.
7 Ar. Ms. Hia.
8 Sela. For. Ro.
9 Anais. Cás.
10 CEGA. E. Sara.
11 Amaramos.

VERTICAIS:
1 Apelavas. Cá.
2 Re. Em.
3 Fiscal. Laga.
4 Omar. Imanar.
5 Ramelas.
6 Om. Fiem.
7 Ul. Ás. Mós.
8 Negro. SS.
9 Ásia. Ma. Ca.
10 Pairara.
11 CAPRICHOSA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 393

HORIZONTAIS:
1 Mu. As. Ávila.
2 Iris. Amem.
3 Ada. Aca. ONU.
4 Ri. Amola. Cá.
5 Adaga. Calor.
6 Aba. Farol.
7 Sair.
8 Acataríamos.
9 Banal. Asa.
10 Ar. Assina.
11 Ralada. Asam.

VERTICAIS:
1 Miara. Sabor.
2 Urdida. Cá.
3 Ia. Ab. Anal.
4 Ás. Agastara.
5 Ama. Aal.
6 Iço. Rif. Aa.
7 Alçarias.
8 VÁ. Aar. Assa.
9 Imo. Lo. Mais.
10 Lençol. Na.
11 Amuar. Assam.

Provérbio: A FORTUNA É CEGA E CAPRICHOSA

farmácias

Lisboa

Permanente

ALCÂNTARA, Av. da República, 74-A (T. 771379); **PINHARANDA**, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **FRAZÃO**, R. Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (T. 847019); **PORFÍRIO**, R Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **BASTOS**, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **SALUS**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 42239); **ASCENSO**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **SÃO TOMÉ**, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); **IMPERIAL**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SOUSA**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO**, L. São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **CENTRAL DE ODIVELAS**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); **CRUZ CORREIA**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

Permanente

CHINDE, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **LUPI NOGUEIRA**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **GALENO**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **LEAL DE MATOS**, R. Neves Costa, 33-35 (T. 780181); **UNIVERSAL**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 44158); **PATULEIA**, Al das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **LIBERAL**, Av. da Liberdade, 219 (T. 43641); **MOZ TEIXEIRA**, R. Poço dos Negros, 117 (T. 601961); **BRANQUINHO**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **TAVARES DE MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **JOLENI**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812)

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121); **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de St. António; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T 2073207). Permanente; **Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771) Até às 19 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **AMORA: Amorense**, Av. [illegible]nal Silva Gomes, 80 (T. [illegible]). **MONTIJO: Montepio**, R. [illegible] Reis, 93 (T. 2310035); **Silva Rocha**, P. da Repú[illegible] (T. 239029); **ALHOS VEDOS: Portugal**, Av da Bela Rosa, 8 [illegible]4250), **ALCOCHETE: Nunes**, L. [illegible]onel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS: Miraflores, R. António Granjo, 2 (T. 2113161); **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 22 horas; **Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. D. Maria II, lote D (T. 971023); **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, lote 50-GE (T. 957619), **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Central**, R Elias Garcia, 55 (T. 2940034); **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012). Até às 24 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 2930391). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CANAVARRO – Rua da Restauração, 53. Tel. 60754; **PADRÃO** – Rua de Santo Ildefonso, 342. Telf. 52149; **FIGUEIREDO LDA** – Rua de Cedofeita, 125. Tel. 21620; **PAREDE** – Rua das Flores 114. Telf 216111; **SOUSA SOARES** – Rua de Santa Catarina, 141. Telf. 22145; **VITÓRIA** – Rua de S. Roque da Lameira, 756. Telf. 52225; **SANIL** – Rua do Paraíso, 214. Telf. 23935.

(De dia e toda a noite)

RAMOS – Praça do Exército Libertador, 91. Telf. 64935; **FERREIRA DE CARVALHO** – Rua do Bonjardim, 354. Telf. 27640; **CONSTITUIÇÃO** – Rua da Constituição, 93. Telf. 490813; **MOURA** – Rua do Bonfim, 582-A-B.

Coimbra

(Das 9 às 9 horas do dia seguinte)

VIEGAS E COELHO – Rua da Sofia, 19-21. Telf. 22089.

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A – 18 ANOS
14.30-16.30-18.30 21.30 e 23.45h
A INVASÃO DOS VIOLADORES
c/Donald Sutherland
SALA B
14.45-17-19-21.30 e 23.45h
O REGRESSO DOS HERÓIS
N. ac. men. 13 a.

ALVALADE 897480
Av. de Roma
AMARGURA DE DUAS ALMAS
Com: Shammi Kapoor, Hema Malini, Rajes Khanna, Simmi Garewal
Não acons. men. de 13 anos
As 15, 18.15 e 21.30 h
2.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
N. ac. men. 13 anos
AMERICAN GRAFFITI

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
N ac. men. 13 a.
Um filme musical de grande sensibilidade e suspense!
SINFONIA DA VIDA
c/ Simi Garewal, Vishal e Nazneen

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N ac. men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
(BRILHANTINA)
Amanhã às 11 – (Para Todos)
Manhã Infantil
NO PAÍS DAS AVENTURAS

CASTIL 580194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
2.ª Semana
O BEIJO DO ADEUS
(LE DERNIER BAISER)
c/ Annie Girardot e Bernard Presson
Um filme de Dolores Grassian
As 24 – M. 14 a.
O MUNDO ESQUECIDO

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 18 a.
Pornográfico
BOCAS GULOSAS
As 24 – Gr. C (14 a.)
O MESTIÇO
Amanhã às 11 – (Para Todos)
Matinée Infantil
FESTIVAL DO OESTE

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
AMAR É VIVER
As 18.45 – Int. men. 18 a
DESEJOS LOUCOS
(Pornográfico)
Amanhã às 11 – (Para Todos)
PIPI NOS MARES DO SUL

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
As 15.00, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
O inesquecível clássico de John Sturges
A GRANDE EVASÃO
As 24
PERSEGUIÇÃO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
14, 16.30, 19.00 e 21.30 H
Int. m/18 anos
A BRIGADA MUNDANA
um filme de Jacques Scandelari
3.ª Semana

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30, 18 e 21.30 – Int. men. 13 a.
PAIXÕES ESCALDANTES

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
As 16 e 21.15 – N. ac. men. 13 a.
TIGRE DE PAPEL
Aventuras
As 23.45 – N. ac. men. 18 a.
SETE MAGNÍFICOS LUTADORES

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Sessões às 14.00 16.30, 19.00 e 21.30
Anthony Quinn James Mason Kay Lenz em
A PASSAGEM
Um filme de J. Lee Thompson
Technicolor
Interdito a men. de 13 anos
As 24 – N. ac. men. 18 a.
O PIRATA

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
As 15, 17, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Quando ele raptou a rapariga fez desabrochar a mulher!
Linda Blair e Martin Sheen em
DOCE REFEM

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
As 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
RUBY
c/ Piper Laurie e Stuart Whitman
Um encontro de amor com o sobrenatural!
As 24 – Int. men. 18 a.
GATA EM FÚRIA

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões 15.15 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
ARRASADOR AMOR E BALAS
Charles Bronson Rod Stteigar Jill Ireland
As 24 – N. ac. men. 13 a.
KING KONG
Às 18.15 – (Para Todos)
FEIRA DO RISO

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Todos os dias
À noite filme após início da sessão
As 15.15, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
O mais espectacular acontecimento da história do cinema
Marlon Brando, Gene Hackman e Christopher Reeve
SUPERMAN

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O AMOR VIOLADO
Colorido
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
O SORRISO DO GRANDE SEDUTOR

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. Men. 13 anos
Um filme de Georges Lautner
MORTE DE UM CANALHA
Alain Delon, Ornella Muti e Maurice Ronet

MONTECARLO Tel. 681117
A. Pedro Alvares Cabral, 37
15.30, 18.30 e 21.30 h
N. ac. men. 13 anos
AQUELE VERÃO
Um filme de Martin Davidson
com música dos Beach Boys

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Hustin Heiffan
e Vanessa Redgrave
3.ª Semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Hoje e amanhã às 15.15 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
OS ONZE IMPLACÁVEIS MENINOS DO CORO
Às 00.30 – Int. men. 18 a.
Um filme pornográfico da Selecção Especial
FOGO NO SEXO

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
AQUELE MOVIMENTO DE QUE TANTO GOSTO!
Uma comédia alegre e picante
c/ Martine Brochard e Carlo Giuffré

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
Um mundo exótico e sensual
VELUDO PRETO SEDA BRANCA
c/ Laura Gemser e Annie Belle
As 24 – Int. men. 18 a.
CASAIS TROCADOS

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
UM ASSASSINO DENTRO DE MIM
c/ Stacy Keach e Susan Tyrell

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
Sala 1: Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
N. ac. men. 18 a.
SEGUNDA DIMENSÃO
Real.: Rainer Werner Fassbinder
Sala 2: Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int men. 18 a.
O XERIFE
Real.: Yves Boisset
Sala 3: Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
N. ac. men. 18 a.
CAVALEIROS DO ASFALTO
Real.: Martin Scorsese
Sala 4: Às 15, 17, 19, 21, 23
Int. men. 13 a.
DUAS MULHERES EM NEW YORK

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
As 15, 18.15 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
Uma espantosa explosão de alegria e divertimento!
A GRANDE CARRAPATA
c/ Pierre Richard
Amanhã o mesmo programa

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote 345
Int. men. 18 a
às 15.30 18.30 e 21.30 h
uma superprodução espectacular!
A PASSAGEM
com Anthony Quinn Malcolm McDowell e Kay Lenz
2.ª Semana

ROXY 548560
Av. Almirante Reis 23
As 14.30, 18.45 e 21.30 – (Para Todos)
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
(primeira parte)
Um filme de Franco Zefirelli
Colorido

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
AS 4 PENAS BRANCAS
Beau Bridges Robert Powell e Jane Seymour

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Hoje e amanhã às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 horas
Int. m/13 anos
A história de um adolescente tímido e inexperiente
O AMANTE DE BOLSO
Nimsy Farmer, Pascal Sellier, Andrea Ferreal

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19 e 21.45
Um filme notável
NUNCA TE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS
com: Bibi Andersen Katleen Quinlan
Às 24
OURO

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. ac. men. 13 a.
AS 4 PENAS BRANCAS
c/ Beau Bridges, Robert Powel e Simon Ward
Amanhã às 11 – (Para Todos)
AS NOVAS AVENTURAS DE PIPI DAS MEIAS ALTAS

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
GREASE
(BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido

PALÁCIO FOZ 367031
P. Restauradores
Hoje não há espectáculo

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
15, 18.15 e 21.30 h
N. ac. men. 13 anos
A GRANDE EVASÃO
Projecção do filme no início das sessões

ZODÍACO Tel. 570551
Rua Conde de Redondo, 6
Hoje e amanhã às 13, 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
Inacreditável! O Exército chinês invade Paris...
VÊM AÍ OS CHINESES
c/ Jean Yanne
Atenção ao novo horário a partir do dia 15: 14.15, 16.30, 19 e 21.30

teatros

Lisboa

ABC – «Direita volver», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL – «Um zero à esquerda», às 21.15 (13 anos)
COMUNA – «Perdidos numa noite suja», às 21.45 (18 anos)
D. MARIA II – «As Alegres Comadres de Windsor», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «E tudo São Bento Levou», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA MATOS – «A Família», às 21.30 (13 anos)
ÁDOQUE – «1926, Noves Fora Nada», **às 20.30 e 22.45 (18 anos)**
VARIEDADES – «Tu e eu somos 3», às 20.40 e 22.45 (13 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

OLÍMPIA – «Desejos Perversos (18 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo Oriental», às 19, 21 e 23 (18 anos)
COLISEU — «Kilma, a rainha das amazonas» , 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «A inocência e o crime» as 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Ashanti», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «SOS Submarino Nuclear», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «Operação Amsterdam», às 21.30 (18 anos)
PARIS — «O Homem das Duas Faces», às 21.30 (13 anos)

outros espectáculos

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Capricórneo Um», às 21.30 (13 anos)
PAÇC DE ARCOS – Chaplin – «O Dragão Ataca», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Os Gansos Selvagens», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Guerrilheiros do Inferno», às 21.30 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Ai se Te Agarro», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Fim do Mundo na Nossa Cama Habitual Numa Noite de Chuva», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – S. José – «Os Canhões de San Sebastian», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «A Grande Decisão», às 21 30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Par ou Impar», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – «A Ilha do Dr. Moreau», às 21 30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Os Olhos de Laura Mars», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «O Comboio dos Duros», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Ao Ombro Saias», às 21 30 (13 anos)

Outra Banda

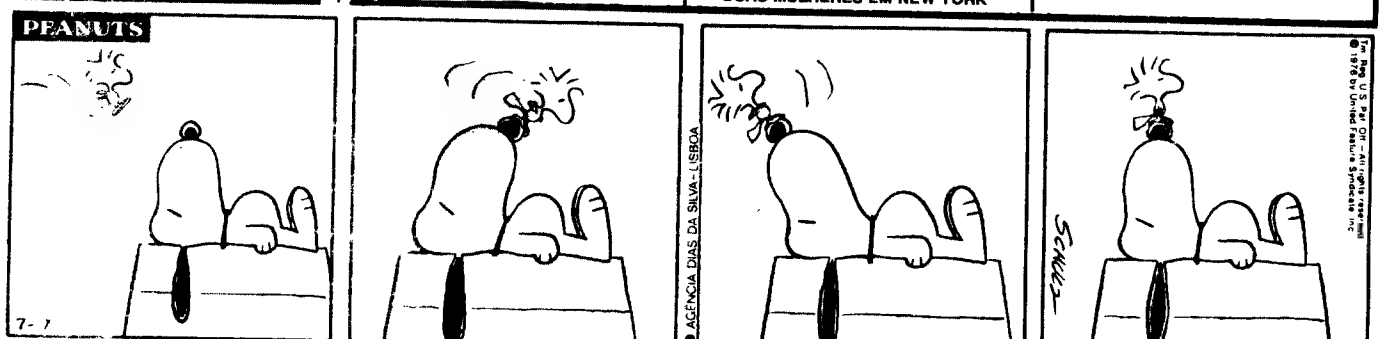
ALMADA – Academia – «O Sargento Rompiglioni Foi Despromovido», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Vamos a Isto Rapazes», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Do Odio Nasce o Amor», às 21.15 (18 anos)
SETUBAL – Júpiter – «O Gendarme e os Extra-Terrestres», às 21.15 (13 anos)

PÓVOA DE ST. ADRIÃO – S. José – «O Terror dos Abismos», às 21.30 (13 anos)

Porto

OLÍMPIA – «A Hiena do Karate», às 21.30 (18 anos)
LUMIERE — Sala A — «Uma Mulher Só», às 21 30 (13 anos)
CHAPLIN – «F I.S.T.», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «A Passagem», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Os rapazes da companhia C», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Lutando pela Justiça», às 21 30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Em Busca do Passado», às 21 30 (13 anos)
FOCO – «Grease», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA — «A Amante Muito Louca», às 21 30 (18 anos)
JULIO DINIS – «A linguagem do amor», às 21 30 (18 anos)
S. JOÃO – «Grease», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Jesus de Nazaré» (2.ª parte) 18 15, 21.30 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «Graças a Deus é Sexta-Feira» (13 anos) 21.45
TRINDADE – «O Gendarme e os Extra-Terrestres» 21.15 (6 anos)
SÁ DA BANDEIRA — «Aló Lisboa... Daqui Porto» 21 30 (18 anos)
SALA BEBE – «O Regresso dos Heróis» 21 30 (13 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente



DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 554531/2/3
• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154/5 320271/2/3 320229 372817
PUBLICIDADE 360748
• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154
MENSAGENS GRAVADAS 320729
• ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIÁRIO TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL
• DELEGAÇÃO DO PORTO
RUA DO ALMADA 38 2.º TELEFONES 29954 5

Neto e Kaunda criam força militar comum

Os presidentes Kenneth Kaunda da Zâmbia e Agostinho Neto de Angola chegaram a acordo sobre a criação de uma força militar para repelir ataques rodesianos e sul-africanos aos seus países.

As conversações decorreram em Ndola, numa região produtora de cobre a cerca de 338 quilómetros de Lusaka. Os dois presidentes comprometeram-se ainda a considerar que um ataque a qualquer dos países como um ataque ao outro.

Anteriormente, Agostinho Neto salientara que os angolanos estão mobilizados não só para defender o seu país como para combater lado a lado com os zambianos até à expulsão do inimigo.

Recorde-se que ambos os países têm sido alvo de repetidos ataques da Rodésia e da África do Sul.

Uma corda para Valentim

Morrer de madrugada, aos 42 anos foi a única alternativa que este país, em austeridade para as classes trabalhadoras, ofereceu ao ajudante de motorista (desempregado) Valentim Miranda. E uma corda bastou.

Na sua frieza de papel oficial o relatório da Polícia Judiciária refere que Valentim estava «a atravessar um período difícil» e que o seu corpo foi encontrado na casa que habitava, no bairro de prefabricadas, junto ao aeroporto da Portela.

Consequências da morte de Valentim: mais nove crianças em luta. Uma luta que raramente ultrapassa as paredes frias dos orfanatos e das casas de reclusão. Ou uma corda no silêncio de qualquer madrugada.

MADEIRA 79
AÇORES 79
CANÁRIAS 79
P. MAIORCA 79
PEÇA PROGRAMA DISCRIMINATIVO
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Estoril · Faro · Porto · Funchal

EM ESPANHA

Escândalos judiciais ameaçam democracia

MADRID, 12 (Do nosso correspondente, Fernando Jauregui) – Em Espanha, já com dois anos e meio de sistema democrático «à europeia» suficientemente implantado, os observadores políticos ainda tetectam numerosos «mistérios» nas instituições espanholas. Mistérios que, diga-se de passagem, recordam mais uma ditadura latino-americana do que uma verdadeira democracia.

Precisamente nestes dias, a Espanha vive um destes mistérios: estão a ser julgados os presumíveis autores do sequestro, há dois anos, do tenente-general Emílio Villaescusa, um militar ultraconservador. O sequestro, rocambolesco, e a sua posterior libertação, ainda mais rocambolesca, permanecem ainda na obscuridade para a maioria dos espanhóis. O mesmo em relação ao sequestro ocorrido, na mesma altura (Dezembro de 1976), do presidente do Conselho de Estado, António Maria de Oriol, franquista acérrimo e uma das principais fortunas do país vizinho.

Como Villaescusa, Oriol foi libertado pelos «comandos» do «superagente» Roberto Conesa, um estranho polícia, torturador reconhecido durante o franquismo, mas que hoje, por motivos que ninguém parece compreender, está à cabeça da brigada especial antiterrorista.

Um dia depois da libertação de Oriol e Villaescusa, que se conseguiu sem disparar um único tiro, numa «operação relâmpago», Conesa anunciou aos órgãos de Informação que a GRAPO, organização supostamente esquerdista responsável pelo sequestro, havia sido desarticulada. No entanto, membros da GRAPO continuam a colocar bombas, a cometer assassinatos políticos e a difundir comunicados ao longo destes últimos dois anos.

Ainda mais: um periódico espanhol informou, sem demasiado destaque, que um dos mais conhecidos homens de Conesa, o comissário Gonzalez Pacheco, um torturador conhecido pela esquerda como «Billy el Niño» tinha convivido durante vários meses com uma dirigente da GRAPO. Infiltração? ou manobras de alguns polícias franquistas para «desestabilizar» a democracia, inventando grupos terroristas, neste caso o estranho GRAPO?

Agora acontece que as testemunhas-chave no julgamento dos sequestro de Villaescusa (são precisamente Conesa e Gonzalez Pacheco), não compareceram. O primeiro por se encontar doente – isso dizem as explicações oficiais – e o segundo «por razões de serviço». Verdadeiramente surpreendente é o facto de o juiz interveniente no caso não ter insistido na necessidade da presença dos dois polícias, que têm muito que explicar sobre como se levou a cabo a libertação de Oriol e Villaescusa, e sobre as relações com os «GRAPO», responsáveis, juntamente com a ETA, de quase todos os atentados políticos dos últimos meses.

As mesmas «razões de serviço» têm impedido Gonzalez Pacheco, há já meses, de declarar na investigação sumária aberta pela matança de cinco militantes comunistas num consultório de advogados da Calle de Atocha, há igualmente dois anos. Este massacre ocorreu poucos dias depois da libertação de Oriol e Villaescusa, no que foi considerado o «período negro» da transição à democracia **(Dezembro de 1976 – Janeiro de 77).**

Para cúmulo, um dos ultradireitistas que presumivelmente assassinou os comunistas na rua madrilena de Atocha, Fernando Lerdo de Tejada, fugiu da prisão há um mês, ao que parece com a cumplicidade do juiz instrutor do caso, o magistrado Gomes Chaparro.

Estaremos perante uma tentativa, por parte de algumas instituições, de encobrir as presumíveis responsabilidades de polícias franquistas? Por que motivo o Governo não intervém energicamente para aclarar os factos? Estas são as perguntas que se colocam ao homem da rua e que se vêem reflectidas nos jornais espanhóis. Mas o anterior ministro do Interior, Rodolfo Martin Villa, concedeu o seu apoio expresso ao comissário Conesa e ao juiz Gomes Chaparro. E não é previsível que o actual ministro do Interior, tenente-general Ibanêz Freire, que ocupou altos cargos civis e militares durante o franquismo, se disponha a dar uma volta a este estado de coisas.

Se se havia tornado indignante o facto de, dois anos depois, não se tenha ainda realizado o julgamento da matança de Atocha – da que se culpam os ultradireitistas – e dos sequestros de Oriol e Villaescusa, o certo é que a realização destes julgamentos, segundo parece, não irá aclarar muitas coisas.

Há já quem diga que, ao fim e ao cabo, há mistérios que passarão à História sem que nunca sejam aclarados. Como por exemplo a explosão de uma bomba na rua do Correio, junto à sede principal da Polícia de Madrid, da qual são acusados alguns militantes de esquerda, mas cuja verdadeira autoria estaria, segundo algumas fontes bem informadas, nalguns serviços parapoliciais. Ninguém quererá recordar o que se passou com este «affaire» que custou numerosas vidas em 1974.

Um deputado socialista pensa, inclusivamente apresentar uma interpelação perante o Congresso, perguntando ao Governo de Adolfo Suarez o que aconteceu aos serviços parapoliciais e de investigação da época franquista. Porque não falta quem diga que, na realidade, os Conesa, Gonzalez Pacheco e demais não são mais do que a ponta de um imenso «iceberg» que opera na sombra e que ameaça constantemente a democracia.

Provoca calafrios pensar por exemplo que, precisamente dois dos indivíduos que deviam ter comparecido como testemunhas no julgamento pelo sequestro de Villaescusa sofreram atentados nos últimos dias. O primeiro deles, um dirigente da GRAPO chamado Delgado de Codex, foi morto com um só tiro, há menos de um mês pelos homens de Conesa, que o emboscaram numa rua madrilena. Delgado de Codex ia desarmado, pelo que não podia ter oferecido resistência a uns polícias que nem sequer o interpelaram. Uma segunda testemunha que devia ter declarado no julgamento o ex-chefe dos Serviços de Segurança Rodriguez Roman, foi alvejado a tiro por dois indivíduos há uma semana, e agora encontra-se em estado grave. A polícia culpa a GRAPO deste acto.

No meio deste emaranhado de factos, o homem da rua só sabe uma coisa: é que algo cheira a podre.

(Hoje 32 páginas)

Tem 17 anos e chama-se Marta Maria. Foi a comunidade portuguesa na Venezuela que a enviou. É a «Miss Portugal 79»

CONCURSO "MISS PORTUGAL"

Mulheres socialistas criticam Televisão

Começando por criticar a RTP pela transmissão, o departamento das mulheres socialistas, do PS, emitiu um comunicado em que critica duramente o concurso para a eleição de «Miss Portugal», ontem à noite realizado no Casino Estoril, afirmando não poder «deixar de repudiar publicamente uma tal iniciativa» que considera atentatória dos mais elementarés direitos da mulher enquanto cidadão».

Recorde-se que também já o Movimento Democrático das Mulheres (MDM) havia tomado posição criticando igualmente a RTP, pelo facto de promover concursos que reduzem a mulher «a um papel inferior e subalterno», recusando «a dignidade e a função social eminente que representam as mulheres deste país».

LISBOA, VERBO AMAR

Banco de Jardim

Quando quero matar saudades do desconhecido, vou ali a Santa Catarina. E então se a neblina cobre o Tejo na sua fuga para o Atlântico, se a imaginação é chamada para abrir caminho, então o sonho tira a barriga de misérias.

É fartar lusitanagem!

Nos jardins, os bancos são os grandes centros de convívio. Cómodos, amáveis, nem sequer é preciso pagar quota. Passados dois minutos, criam-se laços, uma certa forma de parentesco fugaz mas nem por isso menos forte.

– Você acha que uma pessoa pode ser ao mesmo tempo a pessoa mais feliz e mais infeliz do mundo? – Pergunta-me a certa altura o vizinho daquela tarde de sábado.

Mais do que uma pergunta, era uma explicação. Dei-lhe tempo a tomar fôlego para a marcha.

– Pois essa pessoa sou eu.

Fitei-o com aquela perplexidade que os ingleses costumam traduzir por **yes?**

– Imagine que a minha mulher, mãe de duas meninas pequenas, sai todas as manhãs, às sete horas para fazer a limpeza num escritório da Baixa. Há um mês começou a sair às cinco da manhã...

Cruzou os braços, suspirou.

– Você já desconfiou alguma vez? É uma coisa danada. A gente pensa que certas coisas só acontecem aos outros. E de repente, zás! Cai-nos o raio em cima. E o mal, sabe? O pior de tudo é a vergonha de a gente desconfiar. Se você conhecesse a minha Deolinda! Sabe o que é a gente pensar que uma pessoa era capaz de dar a vida por nós e de repente?... Hem?

Fez o gesto com a mão espalmada, a figurar o cutelo do carrasco.

– Comecei a segui-la. Dei fé de ela entrar para o escritório, no quarto andar a luz acendia-se. Eu dava em doido, esta cabeça era um moinho. Encostava-me a um lampião, fingia que lia o jornal, um tormento, imagine que o médico da Caixa me mandou para o especialista dos óculos e só tenho consulta a quatro de Julho? Sabe o que é estar três meses sem poder ler o jornal? Um tipo fica chalupa, fica doido. Quatro de Julho! Isto admite-se?

– Mas a sua mulher...

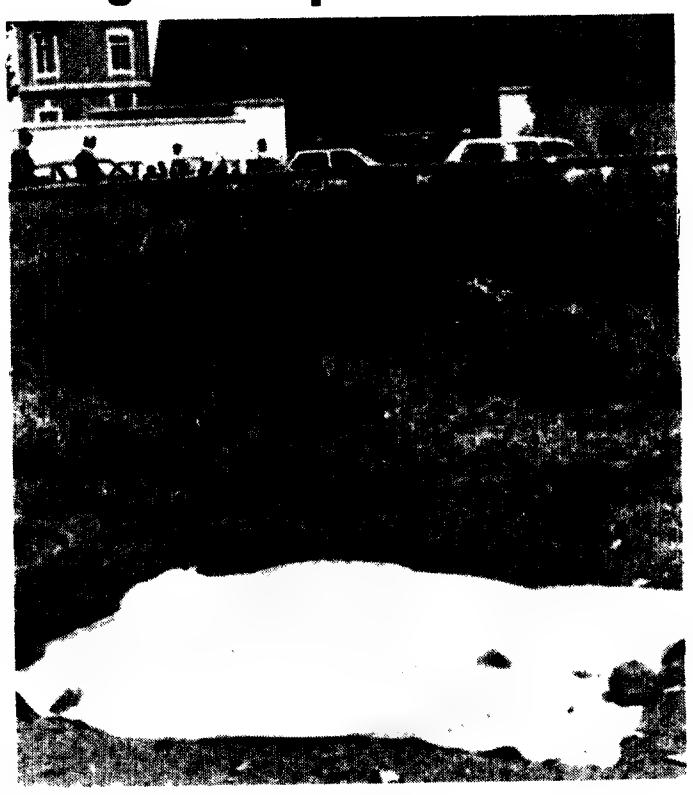
– A Deolinda veio hoje entregar-me um envelope com quatrocentos escudos para eu ir a um médico particular. Eram das horas extraordinárias dela.

A voz treme, baloiça na corda bamba de uma lágrima. Aconteceu uma larga pausa. Adamastor continuava na sua fúria de basbaque. Quando olhei o meu parceiro, ele deixara cair o queixo para cima da gravata e dormia.

Pesadamente.

MÁRIO CASTRIM

Criança morta ao descavilhar uma granada "perdida"



O cadáver da criança, ainda não identificado à hora do fecho desta edição

Eram cerca das onze e meia da manhã. Entre o Terreiro do Paço e o Cais do Sodré. Uma criança encontrou, na Av. da Ribeira das Naus, em frente ao antigo Arsenal uma granada. Descavilhou-a e morreu. Dois outros miúdos ficaram feridos e foram tratados no Hospital de S. José.

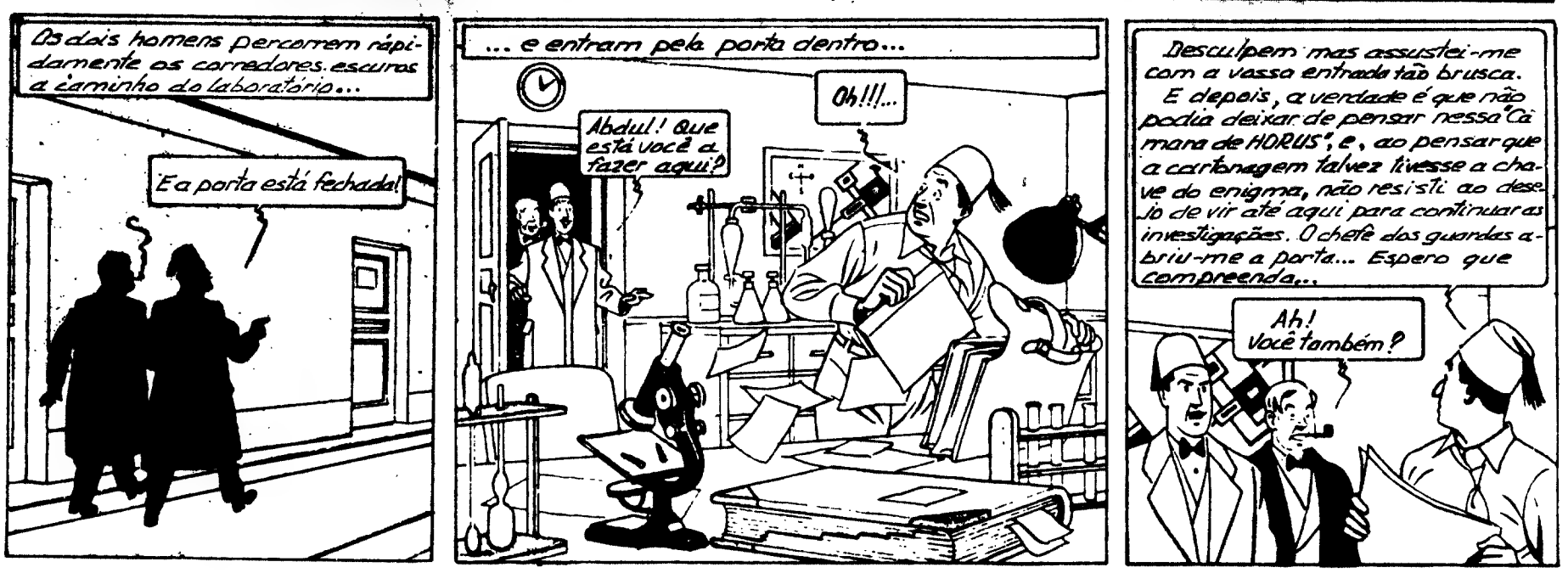
Populares juntaram-se e comentaram o acidente. Afirmou um deles que ontem aparèceu junto ao Cais das Colunas uma outra granada. Acrescentou, do ajuntamento, outro popular: «Só na noite de 25 para 26 de Abril foram encontradas umas seis».Entretanto, acrescentou alguém, um polícia detectou também esta manhã uma caixa contendo o revestimento (apenas...) de uma carga de TNT. Consenso entre os populares: «O que anda a fazer a brigada de minas e armadilhas da Polícia? Porque não se faz um rastreio saudável a toda esta zona?»

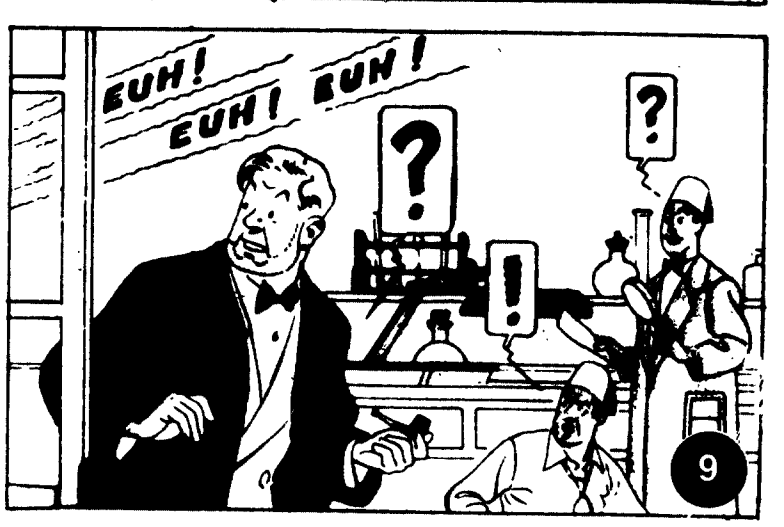
A verdade é que a trágica morte de uma criança uniu opiniões. «Continuam a deixar andar bombistas ou «desleixados» à solta?

Os dois miúdos feridos chamam-se Hermínio da Silva Teixeira e António Piteiras, ambos com 12 anos, e residentes na Azinhaga dos Bezouros, à Pontinha.

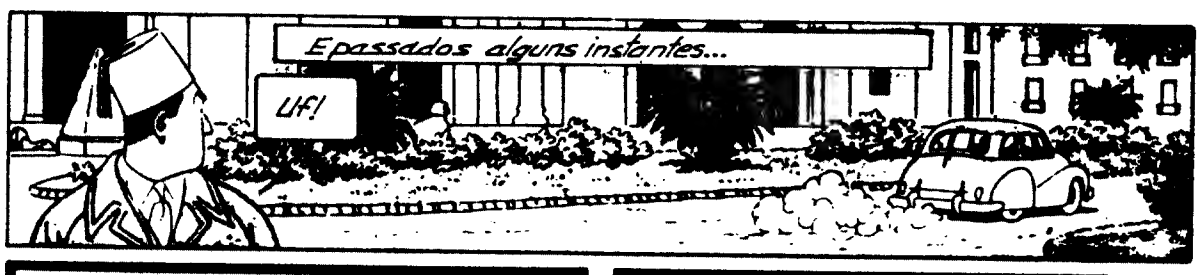
MEMÓRIAS DO ÚLTIMO ELÉCTRICO DO CARMO

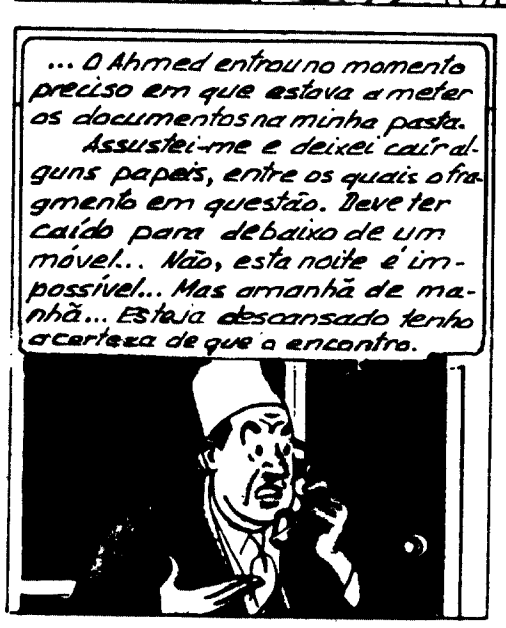
O MISTÉRIO DA GRANDE PIRÂMIDE





O MISTÉRIO DA GRANDE PIRÂMIDE





Continua

O FANTASMA ESPANHOL

Continua

ANO 33.º — SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 1953 — N.º 11.110

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Candidatos por Lisboa
da União Nacional (lista A)

Dr. Ulisses Cortês, dr. Albino dos Reis e prof. Mário de Figueiredo

D. Margarida Craveiro Lopes, prof. Cid dos Santos e D. Maria Leonor Correia Botelho

Dr. Tito Arantes, dr. Bustorff Silva e Carlos Mantero

Prof. Mendes Correia, Francisco Melo Machado e major Botelho Moniz

—Tem mais alguma coisa
a alegar em sua defesa?
A última declaração
dos candidatos a deputados por Lisboa

A campanha eleitoral fechou ontem. Que ficou? Na consciência de cada um terá ficado o resíduo das ideias e das razões que foram postas e que cada um terá deixado amadurecer em si mesmo. Agora, até domingo—será a meditação. Terminada a campanha, o «Diário de Lisboa» regista hoje, como síntese final, uma breve declaração de cada um dos vinte e quatro candidatos que compõem as duas listas apresentadas ao sufrágio no círculo de Lisboa. Apenas três excepções: na lista A, falta o sr. prof. João Cid dos Santos, cujos múltiplos deveres profissionais o impediram de poder satisfazer o pedido que nesse sentido lhe foi formulado; na lista B, faltam os srs. almirante Mendes Cabeçadas, doente no Algarve, e comandante Moreira de Campos, doente também e internado no Hospital de Marinha.

(Ler declarações na 3.ª página

Novos incidentes em Trieste
onde a multidão excitada
atacou um camião militar britânico

TRIESTE, 6.—A vida está paralisada na cidade por causa da ordem de greve dada ontem pela Bolsa do Trabalho e pelas organizações sindicais dos ferroviários triestinos, como protesto contra os graves incidentes de ontem.

Às 10 horas, as mercearias, que tinham aberto muito cedo, fecharam também. Nas janelas vêem-se bandeiras italianas e da cidade de Trieste a meia haste.

Na Praça de Santo António, dois sítios cobertos de crisantemos marcam os pontos onde foram abatidos ontem um estudante de 16 anos e um empregado da Companhia de Navegação. Durante toda a noite, grupos de Triestinos velaram silenciosamente as duas vítimas.

O estado de dois dos 40 feridos é desesperado. Pequenos grupos de soldados aliados patrulham as ruas da cidade. As diferentes organizações políticas, sindicatos e profissionais da cidade aprovaram moções reclamando «o castigo dos responsáveis pela repressão inconsiderada» da parte da

(Continua na ultima página)

O secretário da Defesa
dos Estados Unidos
não tem por inevitável uma terceira guerra mundial

NOVA YORK, 6.—O secretário da Defesa declarou na Academia das Ciências Políticas: «Muita gente tem por inevitável a terceira guerra mundial, apoiando-se para isso nos exemplos da História ou nas suas próprias reflexões. Ora, sucede que eu não partilho desse desespero».

Depois de lembrar que um terceiro conflito mundial destruiria «os meios de subsistência de milhões de pessoas a quem nem as aglomerações urbanas nem um primitivo regresso á terra permitiriam sobreviver», Charles Wilson afirmou: «Tenho esperança de que os Estados Unidos, na sua posição actual de dirigente do mundo livre, escaparão ao destino dos grandes povos da História. Esta esperança baseia-se no respeito pelos direitos do homem, elemento fundamental da atitude americana no Mundo. Nos progressos científicos que permitem á Humanidade aumentar os recursos alimentícios e ao mesmo tempo o nível de vida, sem ter de ir procurá-los ao território dos vizinhos. Na cooperação internacional e nos esforços envidados pelos Estados Unidos «está a restauração das economias e da produtividade dos países que a guerra enfraqueceu». —(France Presse).

O vice-presidente
dos Estados-Unidos
viu comunistas por um óculo

HONG-KONG, 6 — Richard Nixon, vice-presidente dos Estados Unidos, aproximou-se hoje até á distância de 900 metros da fronteira de Hong Kong com a China comunista e viu guardas fronteiriços comunistas por um telescópio.

Cuidadosamente guardado por Polícia de segurança, Nixon desejava ir até á barricada de arame farpado na rua principal da aldeia de Shataukok, que é a fronteira. A Polícia aconselhou-o, porém, a não o fazer.

Nixon, que está a visitar o Extremo Oriente, declarou a jornalistas: «É uma tragédia do nosso tempo que milhões de pessoas que deveriam estar deste lado estejam a ser isoladas». Disse esperar que um dia, no futuro, pudessem ser restabelecidas comunicações entre os povos de ambos os lados da fronteira e com amigos, em todo o Mundo. A China deveria cessar a agressão, na Indochina e na Malaia, e discutir honesta e pacificamente a questão coreana. «A iniciativa compete, inteiramente, á outra parte» — acrescentou.—(Reuter).

Morreram 28 pessoas
na queda dum avião boliviano

LA PAZ, 6—Foram encontrados na região de Chuquisaca os destroços carbonizados do avião de transporte boliviano que tinha desaparecido terça-feira com 25 passageiros e 3 tripulantes. Todas as pessoas que se encontravam no avião morreram.—(F. P.).

Candidatos por Lisboa
da Oposição (lista B)

Eng.º Cunha Leal, almirante Mendes Cabeçadas e dr. Câmara Reys

Dr. Acácio Gouveia, Dr. Constantino Fernandes e dr. Adão e Silva

Dr. Mayer Garção, dr. Nuno Rodrigues dos Santos e dr. Vasco da Gama Fernandes

Eng.º Sá Cardoso, comandante Moreira de Campos e professor Rodrigues Direito

Dois parlamentares americanos
que regressaram duma viagem de inspecção pedem que cesse totalmente o auxílio económico à Europa

WASHINGTON, 6.—William Lantaff e Robert Sike, representantes democráticos do Estado da Flórida, criticaram vigorosamente o «esbanjamento e a extravagância» que reinam nos serviços de compras do Exército americano na Europa. Os dois membros da Câmara dos Representantes recomendam que cesse todo o auxílio económico á Europa e afirmam que o auxílio militar «deveria ser função dos resultados práticos obtidos pelas potências que dele beneficiam e do grau de cooperação de que essas potências dessem provas».

De regresso aos Estados Unidos, depois de uma viagem de inspecção á Europa, põem em dúvida, segundo um relatório que enviaram ontem á Comissão de Créditos da Câmara e á das Despesas Governamentais, a aptidão da Europa a resistir a um ataque soviético. Dos países visitados pelos dois parlamentares, a França e a Itália são os mais criticados no relatório. «Existem nestas duas nações—afirma o documento—organizações comunistas clandestinas, constituídas em unidades, capazes de destruírem uma boa

(Continua na página central)

Deu-se novo incidente
entre Israelitas e Jordanos

TEL AVIV, 6.—Um guarda foi morto por Jordanos armados que entraram na noite passada na estação do caminho de ferro israelita Hedera Norte, na linha Halfa-Tel Aviv. Os atacantes apossaram-se de algumas armas de fogo e fugiram em direcção á fronteira do seu país.

Um informador militar israelita, que deu a notícia, acrescentou que as autoridades apresentaram um protesto enérgico á Comissão Mista de Armistício, pedindo a sua reunião imediata. —(France Presse).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A última declaração dos candidatos a deputados por Lisboa

Lista A (União Nacional)

Dr. Albino dos Reis:

—A campanha eleitoral terminou e, descontados os naturais excessos da luta, creio que nela não se abriram destas feridas que não cicatrizam e tendem a agravar-se com o tempo. Afirmaram-se mesmo algumas boas-vontades e uma ou outra manifestação de espírito realista na compreensão do momento político. Já é alguma coisa. Por mim, aguardo com inteira confiança a decisão do eleitorado de Lisboa, ao qual me apresento pela terceira vez. Terei muita honra em ser reeleito por esta magnífica capital do País, cujas manifestações políticas têm naturalmente um especial significado. Mas... silêncio, vão falar as urnas. Silêncio... a campanha eleitoral terminou. Fique porém, aqui uma nota de justiça á nossa Imprensa diária (na qual o «Diário de Lisboa» tem um lugar de relevo), pelo espírito de equilíbrio e de imparcialidade com que se conduziu; àparte as compreensíveis opsições dos órgãos oficiosos dos movimentos políticos em presença.

Prof. dr. António Mendes Corrêa:

—Sou pela liberdade e pela dignidade do homem. Combato, por isso, o falso liberalismo que conduz, em ultima análise, á liberdade da desordem, da injustiça, da mentira, do mal. Sou pelo povo e pelos trabalhadores. Por isso combato a plutocracia e os falsos democratas seus aliados. Sou pelos humildes, pelos fracos, pelos pobres, pelos bons, pelos que sofrem, pelos que têm fome. Nunca foi outra a minha atitude como deputado, como estudioso, como homem. Não será outra a minha atitude no futuro. Por isso pugnarei, para bem de Portugal metropolitano e ultramarino, pelo prosseguimento indispensável da orientação modelar, serena, positiva, metódica, organica e fecunda que Salazar tem definido no Governo do País, com lucidez, firmeza, probidade e patriotismo inexcediveis.

Dr. Bustorff Silva:

—Sinto-me honrado ao proclamar a gratidão que devo ao Homem que me assegurou a possibilidade de criar os meus filhos em paz. Ao seu sacrificio—ingente, intraduzivel em palavras!—seria ridiculo opôr o de quantos vêem reduzidas as suas actividades profissionais por cumprirem os deveres que o serviço da Pátria lhes reclama. Quando um dia se lembraram do meu nome para candidato numas eleições para deputado, acudi á chamada sem me preocupar com os prejuizos certos que essa atitude me acarretaria. Não há esforço humano que chegue para fazer apagar da face do Mundo, ou da memória dos homens, a obra vultuosa edificada em 25 anos de Governo do doutor Oliveira Salazar. É que essa obra é um facto—uma ininterrupta cadeia de factos qual deles mais convincente, mais impressionante. E os factos não mentem. Falam por si. São o que os olhos ou os sentidos verificam que são. Como diminuí-los?

Carlos Mantero:

—Alguns ódios se têm levantado nesta campanha eleitoral. Mas tudo há-de serenar porque Portugal cristão não é meio propício á cultura desse terrivel sentimento, e o bom-senso do eleitorado há-de acabar por impôr-se, fazendo prevaelcer a cordura sobre a maledicência, o espirito criador sobre o espirito de destruição, o amor sobre o ódio. Só poderemos vencer as dificuldades que nos confrontam na medida em que a mutua compreensão, a vontade de transigência, prevalecer sobre o amor próprio, a inveja, o despeito ou a ambição incontida. Cansados de desavenças, de discussões estéreis, de promessas vãs, queremos viver em paz para trabalhar em liberdade e engrandecer Portugal.

Francisco Cardoso de Melo Machado:

—Concorrer, quanto em minhas forças caiba, para que continui a haver ordem nos espiritos, nas ruas, na administração; para que se complete o nosso sistema politico, abstraindo-nos de práticas que não são nossas; procurar que a agricultura, nosso primeiro valor económico, raiz e fundamento da Nação, não seja arte de empobrecer alegremente; defender os seus legitimos interesses, o seu progresso constante, uma assistência técnica e eficiente; preparar o futuro da hidráulica agrícola para a solução do nosso problema agrário pela adopção de novas culturas; pugnar pela expansão da electrificação rural e agrícola e pela constante melhoria da vida das populações rurais, são os meus propósitos como candidato a deputado.

Major Jorge Botelho Moniz:

—O deputado é, essencialmente, um critico. Mas deve sê-lo para a censura e para o louvor. Distingue-nos das oposições algo de basilar para a boa marcha da administração publica: eles formulam criticas negativas, unicamente destinadas a criar desordem e confusão. Nós exerceremos, como sempre o temos feito, o nosso direito de critica livre, mas fazemo-lo serena e objectivamente, para criarmos ordem e para melhorarmos a administração. Por isso, as oposições servem apenas o seu despeito ou o seu fanatismo politico, enquanto que nós servimos inteiramente a Nação.

D. Maria Leonor Correia Botelho:

—Ao sairmos desta campanha eleitoral, verifico com mágoa que, mais uma vez durante ela e por causa dela, se abriram feridas; feridas que ficaram a sangrar. Ora, as feridas nunca foram processo de cura. Raro se puseram problemas, sempre se alvejaram pessoas; não se fez a análise serena dos factos com preocupações de justiça, mas apenas a politica do *contra*. Todos quiseram esclarecimentos, mas ninguém procurou esclarecer-se! Devo dizer que esta nota derrotista me deixaria desmoralizada se não confiasse na terapêutica dos grandes silêncios de reflexão. Os homens de bem e de bom senso, os de cá e os de lá, que são muitos, apesar de tudo, hão-de saber encontrar-se consigo mesmo, em calma, para descobrirem a verdade. Que nos resta? Um grande quarto de hora de humildade e de coragem para que todos os Portugueses de boa vontade—estejam eles onde estiverem—se abracem á volta de Portugal.

D. Maria Margarida Craveiro Lopes:

—Nas vésperas do acto eleitoral acentua-se, cada vez mais o ambiente de confiança no Estado Novo, e a esperança de ver resolvidos os problemas para cuja solução a renovação de valores, que a próxima Legislatura permite, deve trazer novas luzes e novas energias, a aliar á experiência já adquirida.

Prof. dr. Mário de Figueiredo:

—Pede-me o «Diário de Lisboa» duas palavras sobre o que será a minha actuação na próxima legislatura, se for eleito. Duas palavras a traduzir um programa de acção só poderão ser estas: trabalhar pelo *bem comum*. As funções essenciais do deputado são: colaborar na formação da lei; fiscalizar o conjunto das actividades do Governo. A elas me devotarei, procurando discernir, ao exercê-las, de entre os interesses em jogo, aquele que coincide com o bem comum. Formado o meu juizo, nada me deterá: nem amizades, nem situações criadas, nem melindres de ordem politica. Segui-lo-ei. Só deterei o escandalo na medida em que ele não é uma afirmação de verdade. A palavra da Escritura—ai daquele por causa do qual vier o escandalo ao Mundo!—não se aplica aos que o denunciam, mas aos que o fazem. Ao pendurar ao pescoço destes a mó do moinho que os há-de afogar, aqueles praticam um acto de justiça e de higiene publica.

Dr. Tito Arantes:

—A obra realizada pelo Estado Novo fala por si, e mais eloquentemente do que todos os eloquentissimos oradores da Oposição. Faria uma afronta á inteligência e ao bom senso do eleitorado se receasse que este podia pensar em trocar essa obra, estes 25 anos de paz, e a ressurreição da Pátria—pelas invectivas, promessas gratuitas, negações de realidades incontestáveis e arrebatamentos difamatórios da Oposição. É por isso que confiadamente espero que no próximo dia 8 todos os portugueses saberão cumprir o seu dever votando e defendendo o seu próprio interesse e o da Nação escolhendo a lista patrocinada pela União Nacional.

Dr. Ulisses Cortês:

—O País que, por profunda intuição, sabe distinguir a verdade do erro, o trabalho util da crítica demolidora, o interesse nacional das conveniências restritas de grupos e facções vai proferir no domingo a sua decisão e sem duvida manifestará a vontade firme de que prossiga a obra de reconstrução material, de prestigio externo, de justiça social e de progresso em todos os dominios, levada a cabo pelo actual regime. Na nova Assembleia Nacional, a que pertenço desde a primeira legislatura, continuarei a dar o meu esforço para que, no quadro da solução gradual dos grandes problemas nacionais, seja ainda melhorada a assistência, intensificado o ensino, ampliadas as comunicações, exploradas novas fontes de riqueza, acelerado o progresso técnico e garantidas a novas camadas de portugueses o direito ao trabalho, á segurança, á saude, á cultura e a condições de vida desafogadas e felizes. E estou convencido de que, pelo seu esforço construtivo e pela sua colaboração com o obra nacional do Governo—que não exclui a indispensável fiscalização politica—a nova Assembleia e os deputados que vão constituí-la mostrarão ao eleitorado e ao País que sabem interpretar as aspirações da consciência nacional e corresponder ás suas esperanças.

Lista B (Oposição)

Dr. Acácio Gouveia:

—A campanha eleitoral está no fim. Através dela, foi-me permitido apreciar o amor entranhado que o Povo do distrito de Lisboa tem pela causa da Democracia. Estou, porém, certo de que o eleitorado saberá corresponder á confiança que nele sempre depositámos, concorrendo em massa ás urnas, para depositar o seu voto, demonstrando, assim, á Nação e ao Mundo inteiro, que quer ser livre e gozar das prerrogativas que lhe são conferidas na Constituição. A ida ás urnas é um dever que só não será cumprido por aqueles que abdicam das regalias conferidas aos cidadãos. Espero, pois, que todos os cidadãos portugueses dignos desse nome, cumpram o seu dever, votando.

António Rodrigues Direito:

—Um povo pode ter a ideologia politica que mais se amoldar ás suas inclinações. Não cumpre, porém, o mandato imperativo que a sua pátria lhe impõe, se não se integrar no ambito da Democracia, na defesa dos direitos e liberdades do povo, essa classe desprotegida que no seu trabalho honesto tudo produz e tão pouco recebe. Todos os povos orientados no sentimento de humanidade devem sentir-se felizes, trilhando a senda do bem, levando aos lares frios e desconfortáveis aquela luz, aquele calor e aquele conforto a que todos têm jus incontestável. Os grandes estadistas lutam para pôr de pé este conceito, certos de que as nações só serão felizes, quando melhorarem a situação do seu povo.

Dr. Armando Adão e Silva:

—Somos pelo governo do povo, pelo povo e para o povo. Por isso, desde sempre, fomos contra o Estado Novo, regime ditatorial que é pela reacção, pelas classes privilegiadas, pelo poder pessoal incontrolado de uma minoria a coberto da censura e da policia politica, pela ausência das liberdades essenciais aos cidadãos, pela imposição de cada vez mais sacrificios á grande maioria do povo português. Por isso somos por eleições sérias e livres. Não nos repugna admitir que o professor Salazar, após as contradições politicas em que o embrenharam os que o rodeiam, agora iluminada a sua consciência pela razão e pela justiça em obediência aos seus sentimentos de cristão e patriota, volte á cátedra salvando o prestigio adquirido na longa governação a que se deu mas dando antes, libertado e humano, o passo que pode e deve dar no sentido da felicidade do povo, da total amnistia politica, da pacificação da familia portuguesa e da continuação de Portugal.

Dr. Constantino Fernandes

—*Lierdade* e *autoridade* são dois elementos específicos do mesmo facto a necessidade de viver em sociedade. Se qualquer desses grupos pretende subjugar o outro, conclui-se pela violência. Foi a Declaração dos Direitos do Homem a nova mensagem coordenadora do respeito devido á pessoa humana com o da dignidade do poder da Nação. E porque, para escolher quem nos governe, sem cair nos extremos, nada se encontrou ainda melhor do que os votos, vamos votar; e, lembremos esta passagem do discurso de 7 de Outubro de 1945 do presidente do Conselho: *O Governo julga, no entanto, essencial á dignidade da sua própria situação que existam de direito e de facto as condições de seriedade, de segurança e de liberdade correspondentes á magnitude destes actos, além da atmosfera de calma e generosa benevolência que esteja ao seu alcance criar.*

Eng. Sá Cardoso:

—Uma resenha suscinta dos resultados obtidos no curto periodo eleitoral decorrente, poderá fixar-se nos seguintes pontos que convém assinalar e fazer sobressair: 1.º—Ter levantado o espirito do Povo de Portugal, acordando-o do marasmo forçado em que vivia; 2.º—Ter patenteado á Situação, de maneira iniludivel, que apesar da censura e de outros meios repressivos adoptados, o descontentamento latente continua a manter-se e é profundo; 3.º—Mostrar claramente o desejo, «urbi et orbi», de uma pacificação da familia portuguesa e do encontro de uma solução pacifica para o problema politico nacional; 4.º—Obrigar a Situação, no futuro, com a nossa vitória, ou mesmo sem ela, a proceder a correcções nos seus pontos mais vulneráveis, a exemplo do que tem sucedido com as campanhas eleitorais anteriores.

Dr. Fernando Mayer Garção:

—Concorrendo ás urnas, pela primeira vez, a Oposição democrática dá um passo decisivo para o restabelecimento da liberdade em Portugal. Para além da derrota, que a flagrante desigualdade da luta possa reservar-nos o nosso militante civismo fará projectar, na consciência do País, um grande clarão de esperança em futuros e vitoriosos combates. Eis o que importa a este movimento reivindicador dos direitos e das liberdades, inertes na Constituição, e que tem de continuar, diminutas que sejam para tanto as possibilidades legais. A nossa presença no dia 8 vai insuflar novas energias nesse movimento patriótico de dignificação nacional. Assim o creio firmemente.

Eng. Cunha Leal:

—Cumulam-me de defeitos que não tenho, mas não me apontam outros que eu reconheço. Mas ainda que eu fosse o homem instável que querem ver em mim, em que é que isso diminuiria a verdade dos meus assertos? Porventura, a mentira involuntária na boca do homem justo se transformará em verdade, e a verdade acidental na boca do homem pecaminoso se transmudará em mentira? E a circunstancia de preferirem combater o homem a destruir os seus argumentos não será a prova provada dos erros ideológicos do regime?

Dr. Luís da Camara Reys:

—Operários, funcionários do Estado, empregados de comércio, burgueses timidos, podem todos votar livremente, sem receio. As listas A e B são, pelo exterior, perfeitamente iguais. A vitória moral já foi ganha. A outra é quase certa. Por mim, se isso fosse permitido e tivesse validade, cortava jubilosamente o meu nome e substituia-o pelo do sr. padre Condesso ou pelo do sr. prof. Cid dos Santos. Eles supõem ser da U. N.—mas são cá dos meus...

Dr. Nuno Rodrigues dos Santos:

—O País sabe agora que conceitos o dividem. E cabe-lhe escolher entre os que entendem *que o Governo, desde que administre bem e construa muito, tem o direito de tratar os cidadãos como se fossem meros assalariados seus* ou os *que sustentam que o Governo, quaisquer que sejam os resultados materiais da sua administração, tem o dever fundamental de respeitar religiosamente os direitos civicos dos cidadãos e de se comportar como um simples mandatário destes.* É a vontade que o eleitorado exprimir—que constitucionalmente deverá prevalecer. Sómente importa que essa vontade se possa manifestar clara e livremente. E o que doi é saber-se já—*que uma vez mais, o eleitorado, se vai sentir impedido de dizer, sem hesitações, o que pretende e prefere...*

Dr. Vasco da Gama Fernandes:

—Não há nenhum problema humano que não possa ser traduzido em linguagem simples e, por isso, sincera e convincente. Basta que ao seu serviço se ponha uma observação atenta, um inquérito meticuloso e um coração aberto ás solicitações da grei. No dia em que tal se fizer, é bem de ver o material que terão ao seu dispor os que, por dever de oficio ou vocação, pensarem em encarar de frente as necessidades do campo português, pedra viva da regeneração nacional.

Regressou dos Açores
o general Sousa Macedo

No avião da K. L. M. regressou a Lisboa o sr. general D. Luis da Costa de Sousa Macedo, presidente da J. A. F., que esteve em serviço oficial de inspecção ao plano de estradas nas ilhas adjacentes. Vinha acompanhado do eng.º Silveira Ramos, chefe da direcção de Estradas das ilhas; eng.º Pacheco de Castro, director das Obras Publicas de Ponta Delgada; e eng.º Pinelo, chefe de divisão de construção de estradas da Horta.

Caminho Estoril TEL... 730
HOJE — Sexta-feira, 6
pelas 21 horas
no WONDER-BAR
JANTARES E CEIAS — BAILE
com o conjunto musical TONY AMARAL e o pianista NICK POWER
Consumo mínimo, 40$00 (Para adultos)
AMANHÃ — NOITE ELEGANTE
«A NOITE SWING»
Distribuição a todas as senhoras das essências «Swing»
uma criação da «NALLY» (Reservam-se mesas)

O acesso do público às informações da Casa Branca

WASHINGTON, 6—O presidente Eisenhower promulgou uma ordem tendente a garantir ao publico um acesso maior ás informações relativas ás actividades governamentais. A Casa Branca declara que o fim desta medida é criar «um equilíbrio adequado entre a necessidade de proteger as informações importantes que se relacionam com a defesa dos Estados Unidos e a necessidade de informar os cidadãos da nossa Democracia acerca das acções do Governo».

A ordem do Presidente elimina da classificação das informações a categoria «restrita» mas mantém as «extremamente secreta», «secreta» e «confidencial». Cria um sistema de recepção de reclamações de jornalistas ou outros membros do publico que pretendam esclarecimentos mais latos sobre os programas governamentais. Priva 28 organismos oficiais do direito de classificar as informações naquelas categorias, a que o publico não tem acesso. Reserva o direito de «classificar» as informações a certas personalidades bem determinadas. Define os tipos de informação a «classificar», dando informes claros da maneira como devem ser guardadas e anotadas.

Falando com os jornalistas, o advogado-geral, Brownell, disse que a ordem do presidente Truman «era repressiva e punha na categoria militar muitas informações sem qualquer relação com a defesa nacional. A nova ordem reconhece—contràriamente aos princípios da ditadura—que o publico tem direito a um máximo de informacões compatível com a segurança nacional».—(F. P.).

UNIÃO FABRIL DO AZOTO

A União Fabril do Azoto ganhou, no Tribunal Pleno Administrativo, o recurso referente á isenção de direitos na importação de 493 tambores de soda cáustica para a fábrica de amoníaco de Alferrarede.

ANO 33.º SÁBADO, 16 DE MAIO DE 1953 N.º 10.938

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

A VIAGEM PRESIDENCIAL A ESPANHA

O general Craveiro Lopes
acompanhado por Franco
visitou esta manhã
dois institutos em Madrid

(Do nosso enviado especial)

MADRID, 16. (Pelo telefone).—*A primeira noite do presidente português em Madrid foi, para os madrilenos e para os forasteiros, uma noite de luz e de alegria. Até de madrugada, esteve a Gran-Via refulgente nos seus reclamos luminosos e contavam-se por muitos milhares as pessoas que percorriam os longos passeios e admiravam as montras artísticas com as cores das duas nações. Os jornais da noite, com gravuras á largura de toda a primeira página, eram, práticamente, jornais dedicados a Portugal. As suas tiragens aumentaram sensivelmente e a venda despertou tal interesse que á uma hora da madrugada de hoje ainda vi os madrilenos a comprar os seus periódicos na «calle» de Alcalá e na Avenida José António.*

Iluminações vistosas e de um sentido artístico davam á cidade um aspecto deslumbrante. Para os lados da Castellana o ceu estava riscado pelo fogo de artifício. Os melhores monumentos de Madrid e os seus mais majestosos edifícios rebrilhavam sob luz indirecta, que emprestava efeitos surpreendentes á sua arquitectura clássica. As fontes de Neptuno e de Cibeles, com os seus jogos de água a desenharem-se sob luz azulada, constituiram um dos grandes motivos de interesse da noite. O Palácio das Comunicações, o Ministério da Marinha e o Banco de Espanha—três blocos imponentes e vizinhos, cada um em seu estilo distinto—ofereciam efeitos magníficos.

Madrid passou uma noite com temperatura cálida, sob luz a jorros e sob a animação da sua gente, que voltou para a rua, como de manhã, para ver e saudar o presidente da Republica Portuguesa e o generalissimo de Espanha. A noite de ontem correspondeu, enfim, ao dia festivo e intenso que se vivera. Traduziu exuberantemente a atmosfera de alegria intima que domina o povo, nestes momentos febris, em que a Espanha sabe manifestar, mais uma vez, sob multiplos aspectos, a amizade fraterna que liga as duas nações peninsulares.

A primeira visita de hoje

O segundo dia da viagem presidencial foi preenchido, durante a manhã, por visitas dos dois chefes de Estado a estabelecimentos de natureza ciçntifica e industrial.

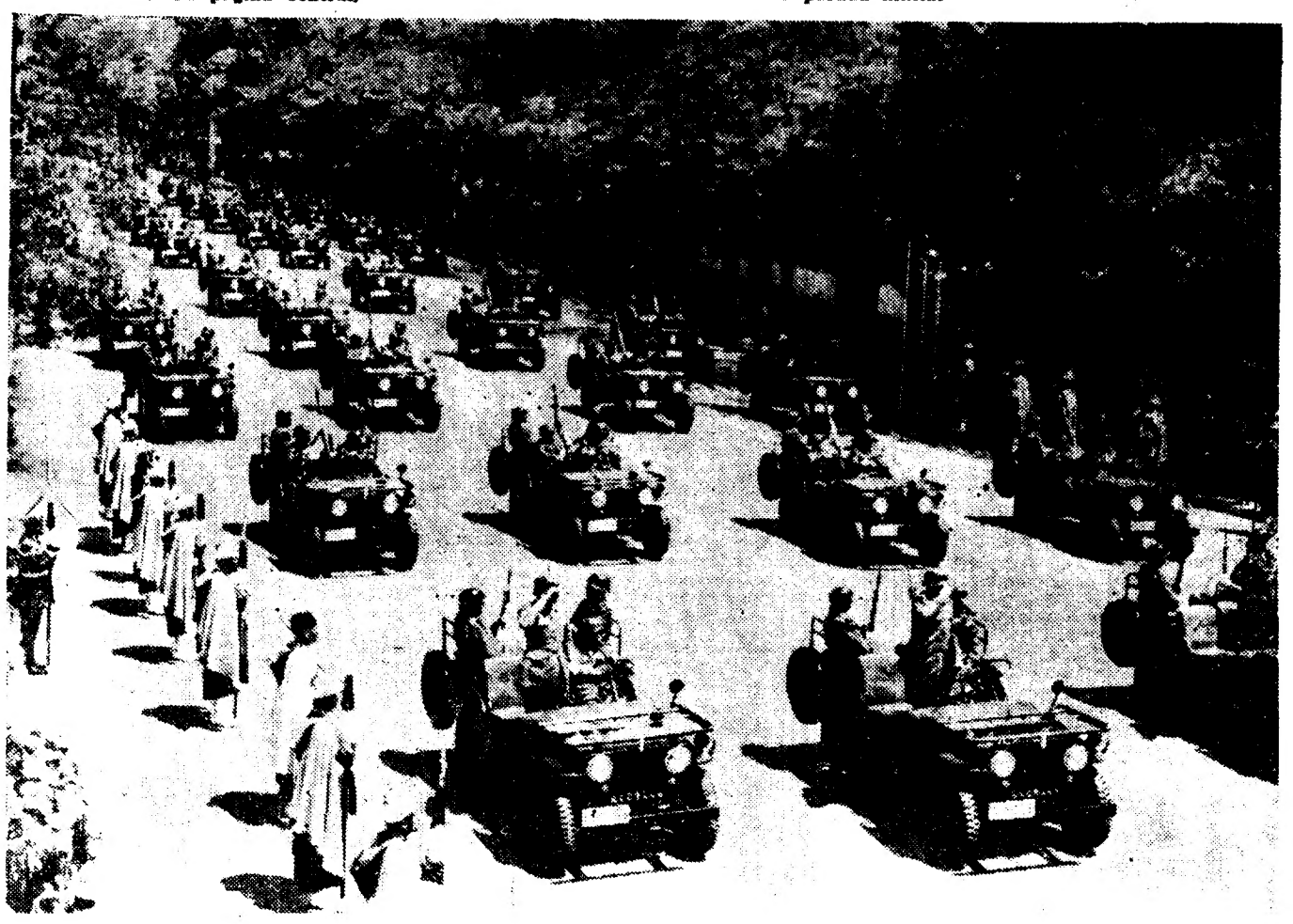
Visitou-se, em primeiro lugar, o Instituto Superior de Investigações Cientificas, que é, por assim dizer, na sucessão de majestosos pavilhões, entre jardins lindamente arranjados, uma segunda Cidade Universitária, digamos a Cidade Universitária de todas as ciências aplicadas. Na verdade, todos os ramos de ciência —excepto as de natureza atómica, a cargo duma instituição especial—se estudam, aperfeiçoam e desenvolvem, dentro das paredes deste aglomerado harmonico de blocos de arquitectura moderna.

No átrio do edificio central, cuja frontaria lembra um templo grego, dominado por seis belas colunas de capiteis corintios, aguardavam os dois chefes de Estado muitos homens ilustres de Ciência de Espanha—todos de *frack* e chapeu alto, alguns com insígnias universitárias e condecorações valiosas. No meio deste mundo de élite, o grande professor Gregório Marañon conversa animadamente, com o director do Instituto, o antigo ministro da Educação, prof. Ibañez Martin. Vão chegando mais algumas personalidades. O bispo de Madrid Alcalá, que sobe as escadarias sorridente entre palmas e continências, o embaixador de Espanha em Lisboa, D. Nicolau Franco; o general Martin Alonso, comandante da região militar de Madrid; mais professores universitários, oficialidade de terra e mar, gente grada da capital da Espanha.

Momentos depois chega o ministro da Educação sr. Ruiz Jimenez, que vem representar o Governo. A's 10 e 35 há um momento de

(Continua na página central)

O presidente Craveiro Lopes e o generalíssimo Franco na tribuna donde assistiram á parada militar



O desfile das tropas motorizadas no Passeio da Castellana em frente da tribuna onde se encontravam os dois chefes de Estado

A viagem de Dulles
ao Médio-Oriente

DAMASCO, 16.—John Foster Dulles, secretário de Estado americano, deve seguir hoje de avião desta cidade para o Líbano, na sua viagem de investigação a 15 nações do Médio Oriente e asiáticas. Chegou aqui ontem e encontrar-se-á esta manhã com o coronel Abid Shishakli, vice-primeiro-ministro e chefe do estado-maior da Síria, para conversações que devem durar mais de uma hora.

O coronel Shishakli «conversará franca e claramente sobre diversos problemas árabes, especialmente os do Egipto e Palestina». Exporá, também, a atitude da Síria quanto aos planos ocidentais para defesa do Médio Oriente e a adesão dos árabes aos seus direitos.

Mais tarde, celebrar-se-á outra reunião, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, entre Dulles e ministros e técnicos sírios. Observadores crêem que serão discutidos os planos de fomento do país. —(R.).

ENCONTRO
com ALBERT CAMUS

por *Urbano Tavares Rodrigues*

NO segundo andar dos escritórios Gallimard, com janela para a rua Sébastien Bottin, Albert Camus recebeu-me com um sorriso cordial, de uma acolhedora benevolência levemente irónica—o preço da minha curiosidade: «Que pretenderá este homem que eu lhe diga?».

Após as primeiras palavras, despidas de formalismo, senti que um contacto humano se estabelecia entre nós. Trazia já preparado um respeitável quesito, quase solene, muito filosófico; afinal, animado pela simpatia daquele sorriso irreverente, que pronto encontrava eco na minha sensibilidade, saí da pele do jornalista mundano e literário que em certas alturas é conveniente enfiar, e, quase sem garatujar uma linha no papel, pus-me a discorrer com Albert Camus pela obra dele que tão sincera e profundamente admiro. Quase sem dar por isso, estava já, eu próprio, a julgá-lo, a esboçar uma interpretação da sua «revolta metafísica», que o sorriso do meu interlocutor não concedia nem negava. No «Coligula», no «Étranger», via eu a pura revolta contra uma existência desprovida de sentido, revolta que já na «Peste» assumiria aspectos mais aparentemente positivos para ganhar com «L'Homme Revolté» uma nitidez e um valor construtivo que seriam o resultado de uma harmoniosa evolução espiritual.

A posição do moralista

Albert Camus sorria, com um vago cepticismo de artista que sente quanto a sua obra publicada deixou já de lhe pertencer, sujeita á imaginação crítica de idólatras e exegetas, no número dos quais, eu, jornalista estrangeiro, muito repeso, tinha de me incluir.

Como eu próprio, atento ás suas mínimas reacções, logo me penitenciasse daquele assomo de filosofia crítica, pecado hoje tão generalizado, Albert Camus acedeu a esclarecer algumas das minhas ideias, confessando-me, com um suspiro bem humorado, que, de tanto a ouvir, já não podia suportar a expressão «revolta metafísica».

—Vamos lá a ver—começou—enquanto aos meus livros, que me têm valido a fama imerecida de filósofo, não serão antes obra de moralista, simplesmente, e dentro da verdadeira tradição francesa?

Passámos em revista «L'Etranger», apontando, ora ele, ora eu (e pela minha parte com que entusiasmo!), argumentos nesse sentido: o ataque á justiça, á organização de uma sociedade que condena um homem disposto a não dizer mais do que sente: o homem que não chorara no enterro da mãe (e por isso sobretudo é condenado), o homem que confessa perante os jurados que a recordação do seu crime acidental lhe desperta mais aborrecimento do que arrependimento.

Concordamos em que o aspecto mais importante em «L'Étranger» é afinal uma moral da sinceridade.

O que Albert Camus se recusa a admitir é que eu o classifique de «moralista laico» ou que o compare ao que eu chamo «os moralistas laicos dos fins do século XIX».

—Antes de mais, revolto-me contra a palavra «laico»: conheço religiosos que merecem essa designação e inversamente agnósticos a quem ela não convém. Olhe, se você quer classificar-me como moralista, a melhor tabela parece-me ainda a de Kirkegaard, que concebe três estádios, de progressiva elevação: o da moral estética; o da moral ética, definição cómoda, apesar do pleonasmo, e o da moral religiosa. Creio que parei no segundo estádio: falta-me imaginação para o terceiro.

Inspecção do ambiente

Neste momento retine o telefone. Camus atende. Pedem-lhe indirectamente um prefácio para uma obra. Desculpa-se com toda a delicadeza. Impossível. Tem de poupar o seu tempo.

Este homem, de saúde frágil, cuja obra é das mais significativas do momento presente, tem muito ainda que dizer ao Mundo de hoje, e sabe-o, e quer dizê-lo. Vejo-o agora, ainda ao telefone, sério, quase enfadado, e no seu rosto comprido, irregular, sem a claridade jovem do sorriso que há pouco o iluminava, há vincos de tristeza, daquela tristeza funda dos «poetas», intérpretes da vida, em cujo coração nunca secam o riso e as lágrimas. Albert Camus tem quarenta anos, é alto, veste um fato de «sport» largo, usa o cabelo escuro cortado curto e puxado para trás, o que ainda mais o remoça e lhe tira qualquer aparato de solenidade: a sua gravidade não é circunstancial, nasce-lhe no fundo do olhar, ás vezes longínquo, o olhar dos que já viveram mil existências.

Acendo um cigarro e inspecciono o gabinete, de uma austera simplicidade laboratorial: estantes com livros, dois «mapies», outros livros, um retrato a óleo de Camus, e nada mais, a não ser, pela janela entreaberta á doçura de um dia prodigiosamente azul, um desenho caprichoso de nuvens marmóreas, semelhantes a colunas dóricas. Após uma quinzena de ceus grisalhos, com a indiferença triste do Inverno parisiense pelo Sol helénico, o Sol das verdades magníficas e cruas, ei-lo a saudar, generoso, o meu primeiro encontro com Albert Camus, filho do Meio-Dia, acompanhado até, esse Sol das quatro horas, como um signo do Destino, por aquelas nuvens clássicas, de uma rutilante brancura. E senti então, mau grado o desencanto que já me vai atingindo, desencanto das coisas e dos homens, senti plenamente que estava a viver um momento grande da minha existência.

Albert Câmus medita antes de falar...

Retorno aos problemas...

Albert Camus depôs o telefone no descanso e encarou-me, a desculpar-se, com um expressivo gesto de cómica impotência, como quem diz: «Veja o que é a minha vida nesta Babilónia das letras!».

Tornamos ao problema da «revolta», que continua presente em «La Peste», onde é manifesto o espírito de insurreição de certas personagens. Acerca de «Calígula», peça de um patético alucinante que Camus escreveu aos vinte e cinco anos, diz-me ele, prevendo uma eventual acusação de cerebralismo, já formulada aliás pela crítica oficial, que a tragédia, tal como a concebe e segundo as leis do teatro, é ou deve ser o desenvolvimento de um caracter e não de uma situação. Tal foi o seu propósito ao escrevê-la e creio bem que o conseguiu. Permito-me expor-lhe o modo como encaro essa peça e o seu significado: a morte de um sentimento pior do que a morte de um ser amado. Calígula, ferido por uma dor insuportável, quando o destino injusto lhe rouba para sempre a sua amante, só desafia a justiça e Deus e entra na senda do crime gratuito, absurdo, ao verificar, revoltado, que a própria recordação se esvai, que tudo é finito, que todas as ofertas da vida em eternidade são mentira. Desta vez, com grande satisfação da minha parte, obtenho a inteira concordancia de Albert Camus.

Já o mesmo, porém, não acontece, pelo menos em parte, quanto á minha interpretação de «Les Justes». Albert Camus abana negativamente a cabeça quando eu me refiro á sua possível «nostálgia da fé». E explica-me:

—Você tomou como confidência transposta o que na verdade é mera obediência á verdade histórica. Kaliayev não era um ateu. No próprio dia do atentado passou por uma igreja e benzeu-se. São factos comprovados. Mesmo a visita que a grã-duquesa lhe faz na prisão também é rigorosamente histórica. Diz você que encontrou nessa cena qualquer coisa de religioso. De acordo. A grã-duquesa era uma mística, o revolucionário guardava de Deus uma ideia sentimental... E eu tinha evidentemente de criar esse clima, tinha de ser fiel á verdade psicológica das figuras que havia eleito. Se algo de mais pessoal transparece nesse diálogo entre a grã-duquesa e o assassino do marido, parece-me que se encontra, sim, numa réplica de Kaliayev quando este alude a uma escolha feita pela Igreja, que teria guardado a «graça» para si, «deixando-nos a nós a caridade».

O escritor e o isolamento

—Não—prossegue Albert Camus, depois de uma breve pausa—não experimento a nostalgia da fé. Não é você, de resto, o primeiro que ma atribui. Os católicos, muitos deles pelo menos, têm-me tratado sempre bem, alguns esperam de mim uma futura conversão. Não sou, aliás, anticlerical. Considero estupido o anticlericalismo. Não posso deixar de apreciar os grandes homens do cristianismo, desde Santo Agostinho a Pascal. Mas... não, não sou religioso. Sabe? Nasci, vivi muitos anos na África do Norte, país pagão por excelência, praticamente sem religião e que conserva a recordação de trinta e seis religiões. Não me refiro, é claro, á religião muçulmana, que nunca, sob qualquer aspecto, me seduziu. A minha atitude perante o cristianismo pode quando muito, isso sim, aproximar-se da reacção que ele provocava em alguns pagãos do fim da Antiguidade: uma incompreensão cheia de simpatia. Não há duvida: entre diferentes mistificações, prefiro a que faça menos vitimas.

E, sorrindo, cita-me um dito espirituoso de Anatole France: «N'attaquez jamais une orthodoxie fatiguée, elle peut être remplacée par une autre qui fera plus de mal».

O respeito pela vida humana e pelo valor «individuo», que em Albert Camus me inspirou sempre a maior simpatia, leva-me a confessar-lhe a minha aversão ao crime político, ao crime lógico. Digo-lhe que para mim nenhuma ideologia justifica o sacrifício de vidas humanas. Tenho interpretado a obra dele nesse sentido. E, timidamente, fico á espera de uma anuência, de um apoio, que ele me não recusa.

—É claro, quando se pode matar por um raciocínio, não há razão para se parar. É o sistema da chacina. Por outro lado, se não se pode matar, tudo é permitido... Não é assim? Todas as injustiças se tornam possíveis. Falávamos na minha peça «Les Justes». Aí tem uma solução, com certa nobreza, um símbolo, é claro: uma vida por outra vida, mata-se uma vez, pagando com a própria vida. Maior beleza evidentemente tem a perfeita atitude cristã, a dos primeiros idealistas do cristianismo, que respondiam com o amor á injustiça. Esse cristianismo, é claro, está longe do Mundo de hoje. Há todavia quem profetize a sua ressurreição—quem sabe!—pela humildade e pela constancia.

Uma história de Graham Green

E Albert Camus conta-me uma história que ouviu a Graham Green. Numa sociedade futura, completamente burocratizada, todos os homens são obrigados a ir uma vez por dia ao comissariado de polícia do respectivo bairro. Numa cidade industrial, suja, pardacenta, avança lentamente, defronte da porta do comissariado do bairro mais miserável uma bicha formada por gente triste e pobremente vestida. Na cauda dessa bicha silenciosa e imunda, vai um homem mais esfarrapado ainda do que os outros, de todos o mais pobre, o mais humilde: é o último Papa.

Um dos pontos essenciais da entrevista que eu havia maquinado consistia em averiguar quais os autores cuja influência consciente ou inconsciente poderia haver inclinado Albert Camus á expressão da «revolta». Essa entrevista de antemão pensada, imaginada, a frio, convertera-se numa hora para mim inapreciável de convívio espiritual, sem etiqueta mesureira de inquéritos, e foi assim com uma curiosidade viva e humana que me informei das leituras favoritas ou importantes para Albert Camus.

O resultado é a principio paradoxal. Assim são as coisas reais. O autor de «L'Homme Révolté», enumerando as suas predilecções, menciona os que pregam a ordem e o consentimento. Prefere os clássicos franceses. Cita depois Nitzche, sobretudo o Nitzche de 1880. Vem em seguida a literatura espanhola e estamos agora em plena atmosfera de rebelião. Rebelde foi o próprio Cid. O favorito de Camus parece ser Calderon, de quem traduziu recentemente «La dévotion á la Croix», onde se encontra bem patente, nas réplicas de Eusébio, a revolta luciferiana. A discussão do tema leva-nos ao «Burlador de Sevilla» de Tirso de Molina e ao «Don Juan» de Moliére, que daquele herdou a insubmissão em face de Deus, mais que o delirio dionisíaco.

Eça de Queirós na conversa

Filho de mãe espanhola, Albert Camus fala correntemente o castelhano. Além disso compreende e lê português. Da nossa literatura conhece sobretudo e aprecia Eça de Queirós.

O escritor que mais do que todos ele venera é Tolstoi.

—E de entre os vivos—pergunto-lhe—quais são os seus eleitos?

—Acontece uma coisa curiosa—responde Camus—quando somos novos creio que admiramos nos outros as semelhanças connosco; mais tarde admira-se quem é diferente de nós. Assim, na juventude me entusiasmavam as obras de Malraux e Montherlant: agora admiro sobretudo os criadores de um universo, força que se perde no Mundo de hoje e que é insubstituível.

Entre esses grandes criadores Camus distingue particularmente William Faulkner, com o qual aliás, em desabono do que acaba de declarar, mas sem que tal invalide a verdade geral da afirmação, tem impressionantes afinidades: ambos descrevem os universos quentes a que pertencem, onde as castas coloniais coexistem com populações de cor ou povos indígenas.

—É verdade—acrescenta Albert Camus—por falar nos meus ídolos, não quero esquecer René Char, para mim o maior poeta francês da actualidade: um poeta de hoje e de amanhã.

Eis-nos a trocar impressões sobre Supervielle, Éluard, Aragon, André Breton, Prévert.

Uma hora de relógio

Verifico de subito que já passou cerca de uma hora. Estou abusando do tempo de Albert Camus. Mas não quero deixar de o interrogar ainda sobre os acontecimentos da sua vida eventualmente relacionados com a «revolta».

—Até aos vinte anos—diz-me ele—vivi na Argélia... e com dificuldades. Mas a natureza mediterranica ajuda a viver. E eu adorava as praias, o Sol, o mar...

Interrompe-se e olha-me de frente, bruscamente sério:

—Em 1933, tinha eu vinte anos, Hitler tomou conta do poder. Depois foram duas décadas de convulsões sociais e de guerras. Não lhe parecem estes argumentos bastante fortes para explicarem em grande parte a minha atitude?

Tenho diante de mim, sereno e triste, um homem honesto e «só», abandonado, atacado, exaltado, caluniado, uma das grandes e nobres figuras do nosso século, até para os que dele discordam politicamente; um homem sempre desejoso de justiça, mas também de tolerancia, defensor dos fracos e dos oprimidos, da arte e da liberdade, figura poética e não obstante poderosamente lógica no nosso mundo apaixonado pela violência e pela eficiência mecanica. Camus tem combatido e negado o obscurantismo cruel que se diz ou se acredita ao serviço da justiça e da liberdade. Tem-se oposto ao servilismo do comunismo imperialista de certos intelectuais da esquerda, «fascinados —como ele próprio denuncia—pela força e pela eficácia», tal como os nazis de há quinze anos. Camus desmente os que o acusam de haver renegado a esquerda: a esquerda para ele é ainda hoje e será sempre a oposição á tirania. Não aceita o argumento dos defensores da Russia soviética, segundo os quais o sentido da história tudo justifica. Para Camus a opressão é sempre opressão: não há carrascos privilegiados.

Projectos para o futuro

Fala-me do seu último livro, «Actuelles II», e interrogo-o então sobre os seus projectos e sobre os trabalhos que presentemente possa ter em mãos. Anuncia-me que publicará em Janeiro próximo um volume de ensaios puramente literários, «L'été», no género de um que nos deu há vinte anos, «Noces», o qual, sendo uma obra da juventude, tem já, a meu ver, aquelas qualidades de estilo—limpidez, economia, graça impalpável—que situam Albert Camus entre os verdadeiros clássicos da língua francesa. Para depois promete um livro de novelas, cuja acção decorre em África e no Brasil—«Nouvelles de l'Éxil»—obra que deve vir a lume em fins de 1954. Só então Albert Camus começará um romance, o seu primeiro romance, uma vez que, sumamente escrupuloso em matéria de distinção dos géneros literários, não quis dar tal designação ás suas narrações «La Peste», e «L'Etranger», em que o conflito dramático e a caracterização psicológica assumiam um relevo que no romance é usurpado pelo factor tempo e pelos contrastes dos seres humanos. O romance é, além disso, uma rede mais vasta de vidas entrecruzadas.

Pergunto-lhe que título tenciona dar a esse romance.

—«Le premier homme»—responde Albert Camus.

Informo-me do assunto e parece-me a princípio que ele hesita em o desvendar? A resposta demora, mas vem por fim, com um sorriso despretencioso:

—Pois bem, trata-se simplesmente do nascimento de um homem: cada homem é o primeiro e recomeça, a partir de zero, a experiência de todos os outros.

—Duvido se serei realmente um romancista —prossegue após curta interrupção.—Talvez tenha sido até hoje sobretudo um fabricante de mitos. Enfim—concluí—desta vez espero ser realmente romancista.

O Presidente da República, o general (ainda) Craveiro Lopes, visita oficialmente a Espanha, em Maio. A foto, mostra-o, com Franco, presidindo à parada militar em Madrid.

Em Novembro, e é esse o assunto dominante da primeira-página do «DL» a «Oposição democrática» enfrenta eleitoralmente a «União Nacional». Dos candidatos da «Oposição» estão ainda politicamente activos os Drs. Constantino Fernandes, Adão e Silva, Mayer Garção, Nuno Rodrigues dos Santos, Vasco da Gama Fernandes, e o Eng. Sá Cardoso.

Atento ao movimento cultural europeu, o «DL» ouvia, em Paris, Albert Camus. O entrevistador foi: Urbano Tavares Rodrigues.